COSACNAIFY PORTÁTIL 30

VIRGINIA WOOLF

A MARCA NA PAREDE E OUTROS CONTOS

COSACNAIFY PORTÁTIL 30

VIRGINIA WOOLF

A MARCA NA PAREDE E OUTROS CONTOS

tradução Leonardo Fróes



1917 -1921

A marca na parede

Kew Gardens

Noite de festa

Objetos sólidos

Um romance não escrito

Casa assombrada

Uma sociedade

Segunda ou terça

O quarteto de cordas

Azul e verde

1922 -1925

Uma escola de mulheres vista de fora

No pomar

O vestido novo

A apresentação

Juntos e à parte

O homem que amava sua espécie

1926 -1941

Momentos de ser: “pinos de telha não têm pontas”
A dama no espelho: reflexo e reflexão
Lappin e Lapinova
O holofote
O legado

ANEXO

Ficção moderna

Sugestões de leitura
Sobre a autora

1917-1921

A marca na parede

Foi talvez em meados de janeiro deste ano que olhei pela primeira vez para cima e vi a marca na parede. Para fixar uma data é preciso lembrar o que se viu. Por isso eu penso agora no fogo; no inalterável véu de luz amarela sobre a página do meu livro; nos três crisântemos na jarra de vidro redonda na lareira. Sim, deve ter sido no inverno, e tínhamos acabado de terminar nosso chá, pois lembro que eu estava fumando quando olhei para cima e vi a marca na parede pela primeira vez. Olhei para cima, através da fumaça do cigarro, e meu olhar foi alojar-se por um momento nas brasas, e aquela velha fantasia da bandeira carmesim tremulando na torre de um castelo me veio à mente, e pensei no cortejo de cavaleiros vermelhos subindo pelo penhasco negro. Mas, para meu alívio, a fantasia foi interrompida pela visão da marca, porque é uma fantasia antiga, uma fantasia automática, constituída talvez na infância. A marca, negra na parede branca, era pequena e arredondada, a uns quinze centímetros acima do parapeito da lareira.

Quão de pronto nossos pensamentos se atiram a um novo objeto, erguendo-o por um pouco, assim como formigas que carregam febrilmente uma lasca de palha e depois a abandonam… Se a marca fosse de prego, não devia ter sido para quadro, só podia ser para miniatura — a miniatura de uma dama de cachos empoados de branco, faces empoadas de creme e lábios como cravos vermelhos. Uma fraude decerto, pois as pessoas que moraram nesta casa antes de nós teriam escolhido quadros assim — para um cômodo antigo, um quadro antigo. Eis o tipo de pessoas que eram — pessoas muito interessantes, e é tão frequente eu pensar nelas, nesses lugares tão estranhos, porque nunca voltaremos a vê-las, nunca saberemos o que aconteceu a seguir. Pretendiam sair desta casa porque queriam mudar o estilo dos móveis, assim disse ele, e estava em processo de dizer que em sua opinião a arte deveria ter ideias por trás quando fomos separados à força, como somos separados da velha senhora que está para servir o chá e do jovem que está para atingir a bola de tênis no quintal da casa suburbana quando passamos de trem.

Mas, quanto à marca, não estou certa; não creio, afinal, que tenha sido feita

por um prego; é muito grande e redonda para ser de prego. Eu poderia levantar-me, mas se o fizesse, para a olhar, é quase certo que não saberia dizer exatamente o que é; porque, uma vez feita uma coisa, ninguém nunca sabe como aconteceu. Oh, meu Deus, o mistério da vida! A inexatidão do pensamento! A ignorância da humanidade! Para mostrar como é pouquíssimo o controle que temos sobre nossas posses — sendo questão acidental que este modo de vida seja afinal nossa civilização —, deixem-me enumerar apenas algumas das coisas perdidas em nosso tempo de vida, a começar por — que gato iria comer, que rato iria roer? — três caixas azuis de ferramentas para encadernação de livros, que sempre pareceu a mais misteriosa das perdas. Depois houve as gaiolas de pássaros, os aros de ferro, os patins de aço, a caixa de carvão Queen Anne, o quadro de bugigangas, o realejo — tudo se foi, e também joias. Opalas e esmeraldas jazem em torno das raízes de nabos. Como é preciso aparar e raspar para ter certeza! Espanta é que eu tenha roupas no corpo, que me sente rodeada, neste momento, de móveis sólidos. Porque, se quisermos comparar a vida a alguma coisa, temos de equipará-la a ser levada pelo metrô a oitenta quilômetros por hora — desembarcando no outro extremo sem um único grampo no cabelo! Lançada totalmente nua aos pés de Deus! De pernas para o ar nas campinas de asfódelos como embrulhos de papel pardo jogados, no correio, pela calha abaixo! Com o cabelo voando para trás como o rabo de um cavalo de corrida. Sim, isso parece expressar a rapidez da vida, o gasto perpétuo e a perpétua recuperação; e tão por acaso, tão a esmo…

Mas após a vida. A queda lenta dos pedúnculos verdes e grossos para que o cálice da flor, à medida que vira, banhe-nos de luz vermelha e púrpura. Por que, afinal, não se há de nascer lá como se nasce aqui, sem defesa e sem fala, incapaz de focar os olhos, agarrando-se às raízes da grama, aos pés dos Gigantes? Quanto a dizer o que são árvores, o que são homens e mulheres, ou se existem tais coisas, isso não estaremos em condições de fazer por cinquenta anos ou mais. Não haverá nada a não ser espaços de luz e escuridão, cruzados por pedúnculos grossos, e talvez bem altos, traços em forma de roseta de uma cor indistinta — rosas pálidos e azuis — que se tornarão, com o passar do tempo, mais definidos, mais — não sei o quê…

E no entanto a marca na parede nem chega a ser um buraco. Pode até ter sido causada por alguma coisa arredondada e preta, como uma folhinha de roseira deixada pelo verão, e não sendo eu uma dona de casa muito atenta — vejam só, por exemplo, quanta poeira em cima da lareira, a poeira que, pelo que dizem, cobriu Troia por três vezes, apenas fragmentos de vasos negando-se obstinadamente à aniquilação, como se pode crer.[1]

A árvore perto da janela bate de leve na vidraça… Quero pensar com calma,

em paz, espaçosamente, nunca ser interrompida, nunca ter de me levantar da cadeira, deslizar à vontade de uma coisa para outra, sem nenhuma sensação de hostilidade, nem obstáculo. Quero mergulhar cada vez mais fundo, longe da superfície, com seus fatos isolados, indisputáveis. Firmar-me bem, deixar-me agarrar a primeira ideia que passa… Shakespeare… Bem, tanto faz ele ou outro. Um homem que solidamente sentou-se numa poltrona e olhou para o fogo e assim… Uma chuva de ideias caiu perpetuamente de algum Céu muito alto para atingir sua mente. Ele, abaixando a cabeça, apoiou a testa na mão, e os outros, olhando pela porta aberta — pois supõe-se que esta cena aconteça numa noite de verão… Mas como é enfadonha esta ficção histórica! Não me interessa em nada. Bem que eu gostaria de dar com uma linha de pensamento agradável, uma linha que indiretamente refletisse crédito em mim, pois tais são os pensamentos mais agradáveis e muito frequentes até mesmo nas mentes de modestas pessoas cor de rato, que sinceramente acreditam que não gostam de receber elogios. Não são pensamentos diretamente autoelogiosos; e essa é que é a sua beleza; são pensamentos como este:

"E então entrei na sala. Eles estavam falando de botânica. Falei da flor que eu tinha visto crescendo num monte de lixo no quintal de uma casa velha em Kingsway. A semente, disse, deve ter sido plantada no reinado de Carlos i. Que flores ocorriam no reinado de Carlos I?", perguntei — (mas não me lembro da resposta). Flores altas com pendões roxos talvez. E por aí vai. O tempo todo estou vestindo a figura de mim mesma em minha própria mente, em namoro furtivo, não a adorando abertamente, pois, se o fizesse, eu deveria considerar-me em erro e esticar a mão de imediato para em autoproteção apanhar um livro. É curioso como instintivamente protegemos nossa própria imagem de idolatria ou de qualquer manipulação que a possa tornar ridícula, ou diferente demais do original para que ainda acreditem nela. Ou isso não é, afinal de contas, tão curioso assim? É uma questão de grande importância. Suponha-se que o espelho se despedace, que a imagem desapareça e que a figura romântica com o fundo verde da floresta a envolvê-la não esteja mais lá, mas apenas aquilo, a casca de uma pessoa que é vista por outras — que mundo raso, árido, proeminente e sem ar ela se torna! Não um mundo no qual viver. Quando nos encontramos face a face, nos ônibus e trens subterrâneos, é no espelho que nós estamos olhando; o que explica a vaguidão, o brilho de vidro, em nossos olhos. E os romancistas do futuro dar-se-ão cada vez mais conta da importância dessas reflexões, pois claro está que não há só um, mas sim um número quase infinito de reflexões; são essas profundidades que eles irão explorar, esses os fantasmas que perseguirão, deixando a descrição da realidade cada vez mais fora de suas histórias, já contando com um conhecimento dela, como fizeram os gregos e talvez

Shakespeare — mas essas generalizações são muito inúteis. Basta o timbre militar da palavra, que lembra editoriais, ministros de gabinete — toda uma categoria de coisas que em criança tomávamos pelo que podia haver de mais sério, de mais grave, de mais importante, e das quais não se podia escapar, a não ser sob risco de inominável danação. As generalizações trazem de volta, de alguma forma, o domingo em Londres, os passeios nas tardes de domingo, os almoços de domingo, e também modos de falar de mortos, roupas, hábitos — como o hábito de se sentarem todos juntos numa sala até certa hora, embora ninguém gostasse disso. Havia uma regra para tudo. A regra para toalhas de mesa, nessa época específica, é que deveriam ser feitas em tapeçaria, com pequenos compartimentos amarelos voltados para o lado de cima, como se pode ver em fotografias dos tapetes nos corredores dos palácios reais. As toalhas de outro tipo não eram verdadeiras. Quão chocante, no entanto quão maravilhoso, descobrir que essas coisas verdadeiras, os almoços de domingo, os passeios de domingo, as casas de campo e as toalhas de mesa, não eram afinal tão verdadeiras assim, sendo de fato meio fantasmais, e que a danação que se abatia sobre quem não acreditava nelas era apenas uma impressão de liberdade ilegítima. O que agora toma o lugar dessas coisas, pergunto-me, dessas coisas importantes e sérias? Talvez os homens, caso você seja mulher; o ponto de vista masculino que governa nossas vidas, que fixa o padrão, que estabelece a Ordem de Precedência de Whitaker,[2] a qual desde a guerra se tornou meio fantasma, suponho eu, para muitos homens e mulheres, e que em breve, é lícito esperar, será motivo de riso na lata de lixo para onde vão os fantasmas, os bufês de mogno e as gravuras de Landseer,[3] deuses e demônios, o Inferno e assim por diante, deixando-nos a todos uma impressão intoxicante de liberdade ilegítima — se existe liberdade…

Sob certas luzes essa marca na parede parece na verdade se projetar da parede. Não é perfeitamente circular. Não posso ter certeza, mas parece lançar uma sombra perceptível, sugerindo que, se eu corresse o dedo para baixo, naquela faixa da parede, a um certo ponto ele iria subir e descer por um montículo, liso como os de South Downs, que ou bem são túmulos, segundo dizem, ou bem, acampamentos. Dos dois, eu preferiria que fossem túmulos, desejando a melancolia, como a maioria dos ingleses, e achando natural, ao fim de uma caminhada, pensar nos ossos esticados que há embaixo da terra… Deve haver algum livro sobre isso. Algum antiquário deve ter escavado essas ossadas, dando-lhes depois um nome… Que espécie de homem, pergunto-me, é um antiquário? A maioria é de coronéis reformados, creio eu, guiando grupos de trabalhadores idosos até o cume, examinando torrões e pedras e correspondendo-

se com o clero das redondezas, o qual lhes dá, já estando aberto à hora do desjejum, um sentimento de importância, e a comparação de pontas de flechas necessita de longas viagens às cidades da região, necessidade agradável tanto para eles quanto para suas velhas esposas, que querem fazer uma geleia de ameixa, ou uma faxina no escritório, e têm todas as razões para manter essa grande questão de acampamento ou túmulo em suspensão perpétua, enquanto o próprio coronel sente-se satisfatoriamente filosófico ao acumular evidências sobre os dois lados da questão. É verdade que ele finalmente se inclina a crer no acampamento; e, quando se opõem à sua hipótese, redige um panfleto que está a ponto de ler na reunião trimestral da sociedade local quando um infarto o derruba, e seus últimos pensamentos conscientes não se reportam a mulher nem aos filhos, mas ao acampamento e àquela ponta de flecha, que agora está na vitrine do museu da cidade, junto com o pé de uma assassina chinesa, um punhado de pregos elizabetanos, muitos cachimbos de barro Tudor, um fragmento de cerâmica romana e o copo em que Nelson bebeu vinho — provando realmente não sei o quê.

Não, não, nada é provado, nada é sabido. E se eu me levantasse, neste exato momento, e me certificasse de que a marca na parede é na verdade — como devo dizer? — a cabeça de um velho prego gigante, cravado ali há uns duzentos anos e que agora, devido ao paciente atrito causado por muitas gerações de faxineiras, apontou a cabeça por cima das camadas de tinta para dar sua primeira olhada na vida moderna, captando-a numa sala onde as paredes são brancas e a lareira está acesa, o que eu ganharia? Conhecimento? Tema para especulação posterior? Quer em pé, quer sentada sem me mexer, eu sou capaz de pensar. E o que é conhecimento? O que são nossos homens de saber senão descendentes de bruxas e eremitas que se acocoravam em grutas e nas matas preparando suas beberagens de ervas, interrogando musaranhos e anotando a linguagem das estrelas? E quanto menos os respeitamos, à medida que nossas superstições se reduzem e aumenta nosso respeito pela beleza e a saúde mental… Sim, poder-se-ia imaginar um mundo muito agradável. Um tranquilo mundo espaçoso, com flores bem azuis e vermelhas pelos descampados. Um mundo sem professores, sem especialistas, sem zeladores com perfis de polícia, um mundo que se pudesse cortar com o pensamento como um peixe corta a água com suas nadadeiras, roçando em talos de nenúfares que pendem suspensos sobre ninhos de ovos brancos do mar… Como é tranquilo aqui embaixo, enraizado no centro do mundo e olhando para cima pelo acinzentado das águas, com seus repentinos fachos de luz, com seus reflexos — ah, se não fosse o *Almanaque* de Whitaker — se não fosse a Ordem de Precedência!

Tenho de me levantar para ir ver em pessoa o que é realmente esta marca na

parede — um prego, uma folha de roseira, uma racha na madeira?

Aqui está mais uma vez a Natureza em seu velho jogo de autopreservação. Esta linha de pensamento, percebe ela, ameaça tornar-se pura perda de energia, ameaça até mesmo colidir com a realidade, pois quem jamais será capaz de pôr um dedo em riste contra a Ordem de Precedência de Whitaker? O arcebispo de Canterbury é seguido pelo presidente da Câmara dos Pares; o presidente da Câmara dos Pares é seguido pelo arcebispo de York. Todo mundo segue alguém, tal é a filosofia de Whitaker; e a grande coisa é saber quem segue quem. Whitaker sabe, e você que se console com isso, como a Natureza aconselha, ao invés de enraivar-se; mas, se você não puder ser consolada, se tiver de estragar esta hora de paz, pense então na marca na parede.

Entendo o jogo da Natureza — sua prontidão para agir como modo de interromper qualquer pensamento que ameace agitar ou causar dor. Daí provém, suponho, nosso leve desprezo pelos homens de ação — homens, presumimos, que não pensam. Seja como for, não faz mal ficar olhando uma marca na parede para pôr um ponto final em nossos desagradáveis pensamentos.

De fato, agora que fixei o olhar nela, sinto que me agarrei a uma tábua de salvação; tenho uma satisfatória noção de realidade que de uma vez por todas transforma os dois arcebispos e o presidente da Câmara dos Pares em meras sombras. Eis aqui alguma coisa concreta, definida. Assim, despertando de um sonho de horror à meia-noite, logo a pessoa acende a luz e se mantém quiescente, adorando o gaveteiro, adorando a solidez, adorando a realidade, adorando o mundo impessoal que é prova de alguma existência que não a sua. É disso que queremos estar seguros… A madeira é uma boa coisa na qual pensar. Vem de uma árvore; e as árvores crescem, e não sabemos como crescem. Por anos e anos elas crescem, sem nos dar nenhuma atenção, em campinas, em florestas e à beira dos rios — coisas nas quais, sem exceção, nós gostamos de pensar. As vacas dão chicotadas com o rabo, à sombra delas, nas tardes quentes; elas pintam tão de verde os rios que, quando um frango-d’água mergulha, esperamos vê-lo com as penas todas verdes, quando volta à tona. Gosto de pensar nos peixes que balançam contra a correnteza como bandeiras ao vento; e nos besouros-d’água que lentamente vão erguendo domos de lama sobre o leito do rio. Gosto de pensar na árvore em si: primeiro na íntima e seca sensação de ser madeira; depois na trituração pela tempestade; depois na lenta, deliciosa penetração de seiva. Gosto de pensar nisso também nas noites de inverno, quando me ergo no campo vazio com as folhas todas dobradas, fechando-me sem nada expor de sensível aos projéteis de ferro que vêm da lua, um mastro nu na terra que não para, ao longo de toda a noite, de rodopiar. O canto dos passarinhos deve soar muito alto e estranho em junho; e que frio devem sentir

nos pés os insetos, quando fazem seus laboriosos avanços, subindo pelas rugas da casca, ou tomam sol sobre o toldo verde e fino das folhas, olhando reto para a frente com seus olhos vermelhos, cortados em forma de diamante… Uma a uma as fibras estalam sob a imensa pressão fria da terra e vem então o temporal mais recente e os galhos mais altos, caindo, cravam-se na terra de novo, e fundo. Nem assim a vida acaba; para uma árvore, ainda há um milhão de vidas pacientes e atentas em todo o mundo, em quartos de dormir, em barcos, no assoalho, forrando salas onde homens e mulheres sentam-se depois do chá para fumar seus cigarros. Está cheia de pensamentos tranquilos, de pensamentos felizes, esta árvore. Bem que eu gostaria de pegar cada um deles separadamente — mas alguma coisa está atrapalhando. Onde é que eu estava? De que é mesmo que se tratava? Uma árvore? Um rio? A região dos Downs? O *Almanaque* de Whitaker? Os campos de asfódelos? Não consigo me lembrar de nada. Tudo está se movendo, caindo, deslizando, sumindo… Há uma vasta sublevação da matéria. Alguém está de pé, acima de mim, e diz:

“Vou sair um instante para comprar um jornal.”

“Hein?”

“Se bem que nem adianta comprar jornais… Nunca acontece nada. Maldita guerra; que Deus maldiga esta guerra!… Seja como for, não vejo por que tínhamos de ter um caramujo na parede.”

Ah, a marca na parede! Era um caramujo.

KEW GARDENS

Do canteiro de flores em forma oval erguia-se talvez uma centena de talos que no meio da ascensão se alargavam em folhas em forma de coração ou de língua e se desfraldavam na ponta em pétalas vermelhas ou azuis ou amarelas com manchas de outra cor a marcá-las na superfície; e da obscuridade do colo, vermelha, azul ou amarela, emergia uma haste reta, coberta de pó dourado e ligeiramente rombuda na ponta. As pétalas eram suficientemente volumosas para serem sopradas pela brisa do verão e, quando se moviam, as luzes vermelhas, azuis e amarelas passavam umas sobre as outras, lançando em dois dedos da terra escura por baixo uma pequena mancha de coloração intrincada. Ou bem a luz caía no dorso liso e acinzentado de uma pedrinha, ou bem nas costas de um caracol, sobre sua concha de veios pardos circulares, ou ainda, caindo numa gota de chuva, expandia com tal intensidade de vermelho, azul e amarelo as paredes finas da água, que se esperava que fossem rebentar e sumir. Em vez disso, voltou a gota a receber um segundo cinza-prateado, e a luz foi concentrar-se agora na carne de uma folha, revelando, por baixo da superfície, a esgalhada trama de fibras, e de novo se moveu e estendeu sua iluminação aos vastos espaços verdes sob a abóbada de folhas em forma de coração e de língua. A brisa então soprou ligeiramente mais forte e a cor, sendo esbatida para cima, desapareceu pelo ar, pelos olhos dos homens e mulheres que andavam em julho por Kew Gardens.

As figuras desses homens e mulheres passaram desgarradas pelo canteiro de flores numa movimentação curiosamente irregular, não destituída de semelhança com a das borboletas brancas e azuis que cruzavam o gramado em voos em ziguezague de canteiro em canteiro. O homem ia a uns dois palmos na frente da mulher, vagando distraidamente, enquanto ela se demorava mais concentrada, só

virando a cabeça de vez em quando para ver se as crianças não tinham ficado muito para trás. O homem mantinha aquela distância à frente da mulher de propósito, embora talvez inconscientemente, porque queria seguir com seus pensamentos.

"Faz quinze anos que estive aqui com Lily", pensava ele. "Sentamo-nos à beira de um lago por ali e eu, durante toda a tarde quente, pedi que ela se casasse comigo. Em torno de nós, circulando sem parar, um louva-a-deus: que agora eu vejo tão claramente como o sapato dela, com uma fivela quadrada prateada na ponta. O tempo todo em que eu falava, olhava para o sapato e, quando impacientemente ele se mexia, eu sabia sem olhar para cima o que ela iria dizer: toda ela parecia estar no sapato. Já meu amor, meu desejo estavam no louva-a-deus; por alguma razão eu pensava que, se ele pousasse lá, naquela folha, a folha larga com uma flor vermelha no meio, se o louva-a-deus pousasse ali ela iria dizer 'Sim' sem pestanejar. Mas o louva-a-deus voava sem parar, nunca pousou em canto algum — felizmente aliás, porque senão eu não estaria passeando por aqui com Eleanor e as crianças. — Você às vezes pensa no passado, Eleanor?"

"Por que a pergunta, Simon?"

"Porque eu andei pensando no passado. Lembrei de Lily, a mulher com quem eu poderia ter-me casado… Mas por que você ficou tão calada? Importa-lhe que eu pense no passado?"

"Mas por que importaria, Simon? Não pensamos todos nós no passado, num jardim com homens e mulheres sob as árvores? Não são eles o nosso próprio passado, tudo o que resta dele, esses homens e mulheres, esses fantasmas que jazem sob as árvores… nossa felicidade, nossa realidade?"

"Para mim, uma fivela de sapato, quadrada e prateada, e um louva-a-deus…"

"Para mim, um beijo. Imagine seis mocinhas sentadas diante de seus cavaletes, há vinte anos, na beira de um lago, pintando nenúfares, os primeiros nenúfares vermelhos que eu via. E de repente um beijo, bem na minha nuca. Não pude mais pintar, porque fiquei a tarde toda com a mão tremendo. Peguei meu relógio e marquei a hora em que me permitiria pensar no beijo por somente cinco minutos — era tão precioso —, o beijo de uma velha grisalha com uma verruga no nariz, a mãe de todos os meus beijos na vida. Venha, Caroline, venha, Hubert."

Passaram pelo canteiro de flores, andando agora os quatro lado a lado, e logo diminuíram de tamanho entre as árvores, dando a impressão de serem semitransparentes à medida que a luz e sombras boiavam nas suas costas em manchas trêmulas, grandes e irregulares.

No canteiro oval de flores o caracol, cuja concha fora tingida de vermelho,

azul e amarelo por mais ou menos dois minutos, parecia mover-se agora muito lentamente na concha, para logo se esforçar sobre fragmentos de terra fofa que se despedaçavam rolando quando ele passava por cima. Dava a impressão de ter pela frente um objetivo definido, diferindo nesse aspecto do singular inseto verde e anguloso que com altas passadas tentou atravessar na sua frente e esperou por um segundo com as antenas tremendo, como que em deliberação, e depois pulou fora na direção oposta, tão rápida e estranhamente como tinha chegado. Íngremes e escuros rochedos com fundos lagos verdes nas cavidades, árvores lisas como lâminas que tremiam das raízes ao topo, pedregulhos redondos acinzentados, vastas superfícies enrugadas de uma rala textura quebradiça — todos esses obstáculos contrapunham-se ao avanço do caracol entre um talo e outro em direção ao seu destino. Antes de ele haver decidido se contornava a tenda arqueada de uma folha seca ou se a peitava, os pés de outros seres humanos passaram também pelo canteiro.

Ambos dessa vez eram homens. E a expressão do mais novo dos dois era de calma talvez inatural; ele erguia os olhos e os fixava com absoluta regularidade à frente enquanto seu companheiro falava e, tão logo o companheiro tinha acabado de falar, olhava para o chão novamente e às vezes abria os lábios, mas só depois de uma longa pausa, e às vezes nem sequer chegava a abri-los. O homem mais velho tinha um método curiosamente irregular e desengonçado de andar, esticando a mão para a frente e jogando a cabeça abruptamente para o alto, mais ou menos à maneira de um impaciente cavalo de carruagem cansado de esperar na frente de uma casa; mas no homem esses gestos eram irresolutos e despropositados. Ele quase não parava de falar; sorria para si mesmo e retomava a conversa, como se aquele seu sorriso tivesse sido uma resposta. Estava falando sobre espíritos — os espíritos dos mortos que, segundo ele, neste exato momento lhe contavam as mais variadas e estranhas coisas sobre suas experiências no Céu.

“O Céu era conhecido pelos antigos como Tessália, William, e agora, com esta guerra, os temas espirituais estão rolando entre as colinas como um trovão.” Fez uma pausa, parecia escutar, sorriu, soergueu a cabeça e prosseguiu:

“Trata-se de uma pequena bateria elétrica, com uma capa de borracha para isolar o fio — isolar? — insular? — bem, vamos deixar de lado os detalhes, não adianta entrar em detalhes que não seriam entendidos —, e a maquininha, em suma, fica em qualquer lugar conveniente à cabeceira da cama, digamos, sobre uma mesinha de mogno, de bom gosto. Sendo todos os preparativos corretamente executados por trabalhadores dirigidos por mim, a viúva encosta o ouvido ali e convoca o espírito por sinal, como combinado. Mulheres! Viúvas! Mulheres de preto…”

A essa altura ele deu a impressão de ter avistado ao longe um vestido de mulher que parecia ser, na sombra, de um preto arroxeado. Tirou o chapéu, pôs a mão no coração e, com gestos e murmúrios febris, precipitou-se em seu encalço. Mas William pegou-o pela manga e, para distrair a atenção do velho, apontou com a ponta da bengala para uma flor. Depois de a olhar por um momento, meio confuso, o velho se dobrou e encostou o ouvido nela, como se ouvisse uma voz vindo dali, pois começou a falar sobre as florestas do Uruguai que ele tinha visitado centenas de anos antes em companhia das jovens mais bonitas da Europa. Podia ser ouvido murmurando sobre as florestas do Uruguai cobertas de pétalas brilhantes de rosas tropicais, rouxinóis, praias, sereias e mulheres afogadas no mar, enquanto condescendia em ser levado adiante por William, em cuja face a expressão de estoica paciência tornava-se pouco a pouco mais drástica.

Seguindo-lhe os passos com atenção, a ponto de ficarem ligeiramente intrigadas com seus gestos, vinham duas velhotas da classe média baixa, uma gorda e pesada, a outra lépida e de rosto corado. Como a maioria das pessoas de sua condição, elas eram francamente fascinadas por quaisquer sinais de excentricidade que denunciassem um cérebro em desordem, especialmente entre os ricos; mas estavam muito longe para saber ao certo se eram gestos meramente excêntricos ou autenticamente loucos aqueles. Depois de examinarem em silêncio, por um momento, as costas do velho, e de lançarem uma à outra o mesmo olhar zombeteiro, continuaram elas com a montagem, ambas cheias de energia, de seu muito complicado diálogo:

“Nell, Bert, Lot, Cess, Phil, Pa, ele diz, eu diz, ela diz, eu diz, eu diz, eu diz…”

“Meu Bert, Sis, Bill, Vovô, o velho, açúcar,

Açúcar, farinha, peixe seco, verduras,

Açúcar, açúcar, açúcar.”

Pelo padrão de palavras em cascata a mulher pesadona olhou com uma curiosa expressão para as flores que se mantinham na terra, serenas, firmes, eretas. Viu-as como alguém que ao acordar de um sono profundo vê um candelabro de bronze refletindo a luz de um modo estranho e fecha os olhos e volta a abri-los e, vendo o candelabro ali de novo, finalmente acorda de vez e o encara com toda a força que tem. A pesadona se deteve ao lado do canteiro oval de flores e cessou até de fingir que ouvia o que a outra mulher ia dizendo. Ficou ali, deixando que as palavras lhe caíssem por cima, balançando lentamente a parte superior de seu corpo para a frente e para trás, olhando as flores. Sugeriu então que elas sentassem nalgum canto para tomar seu chá.

O caracol a essa altura já havia considerado todas as possíveis maneiras de

atingir seu objetivo sem contornar a folha seca nem subir por cima dela. Além do esforço necessário para escalar uma folha, restava-lhe a dúvida se a fina textura que vibrava com estalidos tão alarmantes, quando tocadas só pela ponta de seus chifres, aguentaria seu peso; por isso ele decidiu finalmente se arrastar por baixo dela, pois havia um ponto em que a folha se arqueava bem acima do solo para admiti-lo. Tinha acabado de enfiar a cabeça na abertura e já se estava acostumando, enquanto considerava a altura do telhado, à luz terrosa e fresca que através dele se filtrava, quando vieram duas outras pessoas passando no gramado lá fora. Dessa vez eram ambos jovens, um rapaz e uma moça. Ambos no vigor dos anos, ou mesmo nessa estação que precede o vigor dos anos, antes de as dobras cor-de-rosa e aveludadas da flor se livrarem do seu viscoso invólucro, quando as asas da borboleta, embora já crescidas, mantêm-se imóveis no sol.

“Que sorte que não é sexta-feira”, observou ele.

“Por quê? Você acredita em sorte?”

“Na sexta eles cobram meio xelim.”

“Mas o que é meio xelim? Isso não vale?”

“Isso o quê? O que você quer dizer com ‘isso’?”

“Oh, qualquer coisa — quero dizer —, você sabe o que é que eu quero dizer.”

Houve longas pausas entre cada uma dessas observações pronunciadas em vozes inexpressivas e monótonas. De pé na beira do canteiro de flores, o casal se mantinha imóvel, e juntos eles fizeram pressão para enfiar a ponta da sombrinha dela bem fundo na terra mole. Tal ação e o fato de ele ter a mão sobre a dela expressavam de um modo estranho seus respectivos sentimentos, como aquelas palavras curtas e insignificantes expressavam também alguma coisa, palavras com asas curtas para seu corpo tão prenhe de significado, inadequadas para levá-las longe e assim pousando desajeitadamente nos próprios objetos comuns que as circundavam e que a seu tato inexperiente eram tão maciças: mas quem sabe (desse modo pensaram eles, ao espetarem a sombrinha na terra) que precipícios não estão ocultos nelas, ou que encostas de gelo não estão brilhando ao sol do outro lado? Quem sabe? Quem já viu isso antes? Mesmo quando ela se perguntava que tipo de chá poderia ser servido em Kew, sentia ele que alguma coisa assomava por trás de suas palavras e por trás delas se mantinha, vasta e sólida; e muito lentamente a neblina se levantou revelando — oh, meu Deus —, que formas eram aquelas? — mesinhas brancas e também garçonetes que olharam primeiro para ela e depois para ele; e houve uma conta que ele pagaria com uma moeda real de dois xelins, real mesmo, totalmente real, garantia-se ele, pondo os dedos na moeda em seu bolso, real para todo mundo, a não ser para

eles dois; aliás para ele já começava a parecer real; e aí — mas, sendo por demais excitante continuar de pé e pensando, ele puxou a sombrinha para fora da terra, com um safanão, e mostrou-se impaciente para achar o lugar em que se tomava chá em companhia dos outros, como os outros.

"Vamos, Trissie; está na hora do chá."

"Onde é que se *toma* chá por aqui?", perguntou ela, com o mais estranho frêmito de animação na voz, olhando vagamente ao redor, deixando-se arrastar e arrastando sua sombrinha pela trilha na grama, virando a cabeça para este lado ou aquele, esquecendo-se completamente do chá, querendo chegar lá embaixo e depois mais baixo ainda, lembrando-se de orquídeas e grous entre flores silvestres, um pagode chinês e uma ave de crista vermelha; e ele sempre a levá-la.

Assim um casal depois do outro passava pelo canteiro de flores, com muito da mesma movimentação irregular e sem objetivo, e era envolvido em camada após camada de vapor verde-azulado, no qual a princípio seus corpos tinham substância e um pouco de cor, embora cor e substância se dissolvessem mais tarde na atmosfera verde-azulada. Que calor fazia! Estava tão quente que até o tordo preferiu ir pular à sombra das flores, com longas pausas entre um movimento e o seguinte, como um passarinho mecânico; em vez de vagarem ao acaso, as borboletas brancas dançaram umas sobre as outras, formando com suas móveis camadas brancas o contorno de uma coluna de mármore despedaçada sobre as flores mais altas; os telhados de vidro da casa das palmeiras brilhava como se todo um mercado cheio de cintilantes sombrinhas verdes tivesse aberto no sol; e no zumbido do aeroplano a voz do céu de verão murmurava sua alma impetuosa. Amarelo e preto, rosa e branco-neve, formas de todas essas cores, homens, mulheres e crianças foram localizadas por um segundo no horizonte e aí, vendo a extensão de amarelo que se abria na grama, eles acenaram e foram à procura de sombra embaixo das árvores, dissolvendo-se como gotas d'água na atmosfera amarela e verde, tingindo-a levemente de vermelho e azul. Parecia que todos os corpos pesados e compactos tinham baixado imóveis no calor e jaziam amontoados no chão, mas suas vozes partiam deles tremulantes como se fossem chamas a espichar-se dos grossos corpos de cera das velas. Vozes, sim, vozes sem palavras, quebrando de repente o silêncio com um contentamento tão profundo, com paixão tão desejosa ou, nas vozes das crianças, com tal frescor de surpresa; quebrando o silêncio? Mas não havia silêncio; o tempo todo os ônibus motorizados viravam suas rodas e mudavam de marcha; como um imenso jogo de caixinhas chinesas, todas em aço trabalhado, dispondo-se incessantemente umas dentro das outras, a cidade murmurava; no topo, vozes gritavam alto e as pétalas de miríades de flores espoucavam suas cores no ar.

NOITE DE FESTA

Ah, mas vamos esperar um pouco! — A lua está no alto; o céu, aberto; e lá, erguendo-se numa elevação contra o céu, com árvores por cima, está a terra. As nuvens prateadas e fluidas contemplam ondas do Atlântico. Na esquina da rua, o vento sopra de leve e me levanta o casaco, estendendo-o delicadamente no ar antes de o deixar curvar-se e cair, como o mar que agora engrossa para rebentar nos rochedos e depois se afasta de novo. — A rua está quase vazia; as venezianas das janelas estão fechadas; as vidraças amarelas e vermelhas dos navios lançam por um momento um reflexo sobre o azul flutuante. Doce é o ar da noite. As criadas deixam-se ficar ao redor da caixa de correio ou namoram na sombra da parede onde a árvore derrama sua chuvarada escura de flores. Tal como na casca da macieira as mariposas tremem sugando açúcar pelo longo filamento negro da probóscide. Onde estamos? Que casa pode ser a casa da festa? Todas essas são pouco comunicativas, com suas janelas cor-de-rosa e amarelas. Ah — dobrando a esquina, ali no meio, lá onde a porta está aberta —, espere um momento. Vamos observar as pessoas, uma, duas, três, que se precipitam na luz como as mariposas vão de encontro ao vidro de uma lanterna que ficou no chão da floresta. Eis um táxi que passa depressa para o mesmo local. Dele desce uma dama volumosa e pálida, que entra na casa; um senhor vestido para a noite, em preto e branco, paga ao chofer e a segue, como se ele também estivesse muito apressado. Venha, porque senão nos atrasamos.

Sobre todas as cadeiras há almofadinhas macias; nesgas tênues de gaze enroscam-se por sobre sedas brilhantes; velas vertem chamas periformes nos dois lados do espelho oval; há escovas de fino casco de tartaruga; frascos talhados com lavores de prata. Pode isto ter sempre esta aparência — não é isto a

essência — o espírito? Alguma coisa dissolveu meu rosto. Coisa que aliás mal aparece em meio à névoa prateada da luz das velas. Pessoas passam por mim sem me ver. Como têm rostos, as estrelas parecem cintilar em seus rostos, através da rósea coloração da carne. A sala está repleta de figuras vívidas, contudo insubstanciais, que se postam eretas à frente de prateleiras listadas por inumeráveis volumezinhos; cabeças e ombros maculam quinas de molduras quadradas com douração; e a massa de seus corpos, lisos como estátuas de pedra, conglutina-se contra uma coisa cinzenta, tumultuosa, brilhante também, como que tendo água dentro, além das janelas sem cortinas.

"Venha para o canto e vamos conversar."

"Maravilhosos! Maravilhosos seres humanos! Espiritualizados e maravilhosos!"

"Porém eles não existem. Você não está vendo o lago, pela cabeça do Professor? Não está vendo o cisne nadar, pela saia de Mary?"

"Posso imaginar umas rosinhas de fogo espalhadas em torno deles."

"As rosinhas de fogo não são senão como os vaga-lumes que vimos juntos em Florença dispersos pela glicínia, átomos flutuantes de fogo, que vão queimando enquanto voam — queimando, não pensando."

"Queimando, não pensando. E assim todos os livros por trás de nós. Aqui está Shelley — aqui está Blake. Basta jogá-los no ar para ver seus poemas descerem como paraquedas dourados que rodopiam e brilham e vão deixando cair sua chuva de florações em forma de estrelas."

"Quer que eu lhe cite Shelley? 'Vamos! faz escuro no matagal sob a lua…'"

"Espere, espere! Não condense nossa atmosfera tão fina em gotas de chuva salpicando a calçada. Vamos respirar mais um pouco no pó de fogo."

"Vaga-lumes na glicínia."

"Bem cruel, reconheço; mas veja como as grandes floradas surgem diante de nós; vastos candelabros de ouro e roxo fosco pendentes dos céus. Você não sente como a bela douradura nos tinge as coxas, quando entramos, e como as paredes cor de ardósia oscilam pegajosamente sobre nós, quando nos arremessamos, cada vez mais fundo, pelas pétalas, ou então se esticam como tambores?"

"O professor se agiganta sobre nós."

"Diga-nos, Professor…"

"Madame?"

"Em sua opinião é necessário escrever gramáticas? E a pontuação? A questão das vírgulas de Shelley interessa-me profundamente."

"Vamos sentar. Para dizer a verdade abrir janelas após o pôr-do-sol — eu de pé com as minhas costas — conversa todavia agradável — Sua pergunta, sobre

as vírgulas de Shelley. Questão de certa importância. Ali, um pouco para a sua direita. A edição da Oxford. Meus óculos! O castigo dos trajes de noite! Não me aventuro a ler… Além do mais vírgulas… O tipo moderno é execrável. Concebido para corresponder à exiguidade moderna; pois eu confesso que encontro pouco de admirável nos modernos.”

“Nisso eu concordo inteiramente com o senhor.”

“Ah, é? Pois eu temia oposição. Na sua idade, nos seus — trajes.”

“Professor, eu encontro pouco de admirável nos antigos. Estes clássicos — Shelley, Keats; Browne; Gibbon; haverá uma página que o senhor possa citar inteira, um parágrafo perfeito, uma frase mesmo que não se possa ver emendada pela pena de Deus ou do homem?”

“Xi, Madame! Sua objeção tem peso, mas falta-lhe sobriedade. Além do mais a sua escolha de nomes… Em que câmara do espírito pode a senhora consorciar Shelley e Gibbon? A não ser de fato pelo ateísmo de ambos — Mas vamos ao ponto. O parágrafo perfeito, a frase perfeita; hum! — minha memória — e depois meus óculos, que eu larguei lá por trás, no parapeito da lareira. Garanto. Mas a sua crítica aplica-se à própria vida.”

“Certamente esta noite…”

“A pena do homem, imagino, poderia ter pouco trabalho para reescrever isso. A janela aberta — de pé na corrente de ar — e, permitam-me sussurrá-lo, a conversa destas senhoras, compenetradas e benevolentes, com opiniões exaltadas sobre o destino do negro que está neste momento mourejando sob chicote para extrair borracha para alguns dos nossos amigos envolvidos em amenas conversações aqui. Para desfrutar da perfeição da senhora…”

“Concordo com o senhor. Há que excluir.”

“A maior parte de tudo.”

“Mas, para demonstrar corretamente isso, temos de descer à raiz das coisas; pois temo que sua crença seja apenas um desses amores-perfeitos que são comprados e plantados para uma noite de festa e de manhã já estão murchos. O senhor mantém a exclusão de Shakespeare?”

“Madame, eu não mantenho nada. Estas senhoras me deixaram fora de mim.”

“São mulheres benevolentes, que armaram seu acampamento à margem de um dos riachos tributários de onde, colhendo ali caniços para flechas e mergulhando-os bem em veneno, com o cabelo entrançado e a pele pintada de amarelo, elas saem de vez em quando para plantá-los nos flancos do conforto; tais são as mulheres benevolentes.”

“Os dardos que elas atiram ardem. Isso, somado ao reumatismo…”

“O professor já se foi? Coitado do velho!”

“Mas, na idade dele, como ainda poderia ter o que, na nossa, nós já estamos perdendo? Quero dizer…”

“O quê?”

“Você não se lembra, bem na infância, quando, em conversa ou brincadeira, se a gente pisava no atoleiro ou alcançava uma janela ao cair, uma espécie de choque imperceptível congelava o universo numa sólida bola de cristal que se tinha um instante em mãos? Tenho certa crença mística de que todo o tempo passado e o futuro também, as lágrimas e cinzas das gerações, coagularam-se numa bola; éramos então absolutos e inteiros; nada então era excluído; e uma coisa era certa — felicidade. Mais tarde porém, quando a gente os segura, esses globos de cristal se dissolvem: há alguém falando sobre negros. Vê no que dá tentar dizer o que se tem em mente? Em contrassenso.”

“Precisamente. Porém que coisa triste é o bom senso! Que vasta renúncia ele representa! Ouça um instante. Distinga uma das vozes. Agora. ‘Tão frio deve parecer depois da Índia. Sete anos também. Mas o hábito é tudo.’ Isso é bom senso. É acordo tácito. Todos fixaram os olhos em alguma coisa visível para cada um. Não tentam mais olhar para a centelha de luz, a pequena sombra roxa que pode ser terra fértil no horizonte, ou apenas um brilho esvoaçante na água. É tudo compromisso — tudo segurança, o modo mais comum de relações entre seres humanos. Por isso não descobrimos nada; nós paramos de explorar; paramos de acreditar que há alguma coisa para descobrir. ‘Contrassenso’, você diz; querendo dizer que eu não verei seu globo de cristal; e me envergonho um pouco de o tentar.”

“A fala é uma rede velha e rasgada, pela qual os peixes escapam quando é jogada neles. O silêncio talvez seja melhor. Venha até a janela, vamos tentar.”

“Coisa estranha é o silêncio. A mente se torna como uma noite sem estrelas; mas de repente um meteoro desliza, esplêndido, atravessando a escuridão, e se extingue. Por essa diversão, nunca dizemos suficientemente obrigado.”

“Ah, somos uma raça ingrata! Quando olho para minha mão no peitoril da janela e penso no prazer que ela já me deu, como tocou em seda e cerâmica, em paredes quentes, como se espalmou na grama úmida ou banhada de sol, deixou o Atlântico esguichar por seus dedos, apoderou-se de jacintos e narcisos, colheu ameixas maduras, nunca por um segundo desde que eu nasci deixou de me falar de quente e frio, molhado ou seco, espanta-me que eu use esta maravilhosa composição de carne e nervos para escrever invectivas à vida. No entanto é isso o que fazemos. Pense bem a esse respeito, a literatura é o registro do nosso descontentamento.”

“Nossa insígnia de superioridade; nossa ambição de honrarias. Você há de admitir que gosta mais das pessoas descontentes.”

“Gosto do som melancólico do mar distante.”

“Que história é essa de falar de melancolia em minha festa? É claro que, se vocês ficarem cochichando num canto… Mas venham e deixem-me apresentá-las. Este é Mr. Nevill, que aprecia seus escritos.”

“Nesse caso — boa noite.”

“Nalgum lugar, esqueci o nome do jornal — qualquer coisa de sua autoria — esqueço agora o título do artigo — ou era um conto? Você escreve contos? Não é poesia que você escreve? São tantos os amigos da gente, e depois todo dia está saindo alguma coisa que… que…”

“Que a gente não lê.”

“Bem, para ser honesto, por desagradável que possa parecer, ocupado como estou o dia todo com assuntos de natureza odiosa, ou melhor, fatigante — o tempo que eu tenho para a literatura eu dedico a…”

“Aos mortos.”

“Detecto ironia na sua correção.”

“Inveja, não ironia. A morte é da maior importância. Como os franceses, os mortos escrevem muito bem, e, por alguma razão, podemos respeitá-los e sentir, enquanto iguais, que são mais velhos e sábios, como nossos pais; o relacionamento entre vivos e mortos é certamente dos mais nobres.”

“Ah, se você pensa assim, vamos falar dos mortos. Lamb, Sófocles, de Quincey, Sir Thomas Browne.”

“Sir Walter Scott, Milton, Marlowe.”

“Pater, Tennyson.”

“Agora, agora, agora.”

“Tennyson, Pater.”

“Feche a porta; puxe as cortinas para que eu veja apenas seus olhos. Eu me ponho de joelhos. Cubro o rosto com as mãos. Adoro Pater. Venero Tennyson.”

“Prossiga, filha.”

“É fácil confessar nossos erros. Mas que escuridão é tão fechada para ocultar nossas virtudes? Eu amo, adoro — não, não consigo lhe dizer como minha alma é uma rosa de devoção por — o nome treme em meus lábios — Shakespeare.”

“Concedo-lhe absolvição.”

“No entanto, com que frequência se lê Shakespeare?”

“Com que frequência é a noite de verão impecável, a lua perfeita, os espaços entre as estrelas profundos como o Atlântico? Com que frequência as rosas mostram branco no escuro? A mente, antes de ler Shakespeare…”

“A noite de verão. Oh, isto sim é que é maneira de ler!”

“Rosas que ondulam…”

“Ondas quebrando…”

“Ares singulares da aurora vindos pelos campos afora para forçar as portas da casa sem surtir efeito…”

“Deitando então para dormir, a cama é…”

“Um barco! Um barco! A noite inteira no mar…”

“Com estrelas que se postam a prumo…”

“E lá no meio do oceano nosso barquinho flutuando sozinho, isolado mas sustentado, atraído pela compulsão das luzes nórdicas, seguro, cercado, dissipa-se onde a noite repousa sobre a água; lá diminui e desaparece, e nós, já submersos, lacrados na frieza das pedras lisas, abrimos nossos olhos de novo; traço, batida, ponto, salpico, mobília de quarto, e a barulhada da cortina no trilho. — Eu ganho a vida. — Apresente-me! Oh, ele conheceu o meu irmão em Oxford.”

“E você também. Venha para o meio da sala. Tem alguém aqui que se lembra de você.”

“Em criança, querida. Você usava um vestidinho cor-de-rosa.”

“O cachorro me mordeu.”

“Ficar jogando paus no mar, já pensou que perigo? Mas sua mãe…”

“Na praia, na barraca…”

“Sorria sentada. Ela adorava cachorros. — Você conhece a minha filha? Este é o marido dela. — Era Tray que ele chamava? o grande, o amarronzado, porque havia um outro, o menor, que mordeu o carteiro. Posso ver isso agora. Ah, as coisas de que a gente se lembra! Mas estou impedindo…”

“Oh, por favor (Sim, sim, eu escrevi, estou indo). Por favor, por favor. — Pro inferno, Helen, interrompendo! E lá vai ela, nunca mais — abrindo caminho entre as pessoas, ajeitando seu xale, descendo lentamente os degraus: foi-se! O passado! o passado!…”

“Ah, mas ouça. Diga-me; estou com medo; tantos estranhos; alguns barbudos; outros tão bonitos; ela esbarrou na peônia; caíram todas as pétalas. E feroz — a mulher com aqueles olhos. Os armênios morreram. E os trabalhos forçados. Por quê? Tanta tagarelice também; a não ser agora — cochichos — todos nós devemos cochichar — nós estamos ouvindo — esperando — mas então o quê? A lanterna acender! Cuidado com sua gaze! Certa vez uma mulher morreu. Dizem que isso acordou o cisne.”

“Helen está com medo. Essas lanternas de papel acendendo e as janelas abertas deixando a brisa entrar levantam nossos babados. Mas eu não estou com medo das chamas, sabe. É o jardim — quero dizer, o mundo. Que me assusta. Aquelas pequenas luzes lá longe, cada qual com um círculo de terra por baixo — cidades e morros; e depois as sombras; os movimentos do lilás. Não fique

conversando. Vamos sair. Pelo jardim; sua mão na minha.”

“Vamos. Faz escuro no matagal sob a lua. Vamos, haveremos de enfrentá-las, essas ondas de escuridão coroadas pelas árvores, que se erguem para sempre, solitárias, trevosas. As luzes se levantam e caem; a água é rala como o ar; por trás dela está a lua. Você afunda? Ou você se levanta? Você enxerga as ilhas? Sozinha comigo.”

OBJETOS SÓLIDOS

A única coisa a se mover no vasto semicírculo da praia era um pontinho preto. Quando ele chegou mais perto das vértebras e espinha do barco de sardinhas na areia, tornou-se visível, por certa tenuidade em seu pretume, que o ponto tinha quatro pernas; e tornou-se mais claro, de momento a momento, que era composto pelas pessoas de dois jovens. Mesmo assim, em contorno contra a areia, havia neles uma vitalidade inconfundível; um vigor indescritível na aproximação e no retraimento dos corpos a indicar, malgrado sua insuficiência, alguma discussão violenta que saía das bocas diminutas das cabecinhas redondas. O que era confirmado, a uma inspeção mais atenta, pelas repetidas estocadas que uma bengala vinha dando pelo lado direito. “Você então quer me dizer… Você de fato acredita…”, assim, do lado direito, perto das ondas, parecia sustentar a bengala, enquanto cortava pela areia tiras retas e longas.

“Que se dane a política!”, adveio claramente do corpo à esquerda e, ao serem pronunciadas tais palavras, as bocas, narizes, queixos, bigodinhos, gorros de lã, botas grosseiras, capotes de caça e meias axadrezadas dos dois falantes tornaram-se cada vez mais distintos; a fumaça dos seus cachimbos subia pelo ar; nada era tão sólido, tão vivo, tão rijo, rubro, viril e hirsuto quanto esses corpos por quilômetros e mais quilômetros de mar e dunas de areia.

Lançaram-se os dois ao fundo das seis vértebras e espinha dorsal do barco negro de sardinhas. Sabe-se como o corpo parece sacudir-se para livrar-se de uma discussão e desculpar-se por uma exaltação de ânimo; lançando-se ao fundo e exprimindo em seu afrouxamento de atitude a presteza para se ocupar de algo novo — seja o que for que a seguir venha à mão. Assim Charles, cuja bengala estivera, por quase um quilômetro, a retalhar a praia, começou a atirar pedaços

planos de lousa para ricochetear sobre a água; e John, que havia exclamado “Que se dane a política!”, começou a meter seus dedos na areia, cada vez mais fundo. Quanto mais ele enfiava a mão, que ao chegar além do pulso forçou-o a puxar a manga um pouco mais para cima, mais seus olhos perdiam em intensidade, ou melhor, o substrato de pensamento e experiência que dá profundidade inescrutável aos olhos das pessoas adultas desaparecia, para deixar apenas a clara superfície transparente, nada expressando além do espanto que os olhos das crianças demonstram. Sem dúvida o ato de cavar na areia tinha alguma coisa a ver com isso. Lembrava-se ele como, depois de cavar um pouco, a água escorre pelas pontas dos dedos; o buraco então se torna um fosso; um poço; uma nascente; um canal secreto para o mar. Enquanto ele decidia qual dessas coisas fazer, seus dedos, ainda se movendo na água, enroscaram-se em torno de algo duro — toda uma gota de matéria sólida — para desentocar pouco a pouco, trazendo-o à superfície, um grande e irregular fragmento. Ao ser lavada a areia que o cobria, surgiu um verde desmaiado. Era um caco de vidro, tão grosso a ponto de se tornar opaco; tudo o que fosse forma ou gume já se gastara por completo com o alisamento do mar, sendo impossível dizer assim se havia sido de garrafa, vidraça ou copo; não era nada, a não ser vidro; era quase uma pedra preciosa. Bastaria circundá-lo de uma borda de ouro, ou perfurá-lo com um arame, para que se tornasse uma joia; parte de um colar, ou uma luz verde e fosca sobre um dedo. Afinal, talvez fosse realmente uma gema; alguma coisa usada por uma princesa negra que, sentada na popa da embarcação, ia arrastando o dedo pela água enquanto ouvia os escravos que cantavam ao conduzi-la a remo através da baía. Ou então as tábuas de carvalho de uma arca do tesouro elizabetana é que se haviam despregado, tendo suas esmeraldas, ao sabor das ondas, para cá e para lá, finalmente chegado à praia. John se pôs a revirá-lo nas mãos; e o ergueu na luz; ergueu-o de tal modo que sua massa irregular eclipsou o corpo e o braço direito esticado de seu amigo. O verde se atenuava e turvava ligeiramente ao ser mantido contra o céu ou o corpo. Causava-lhe prazer; intrigava-o; comparado ao vago mar e à costa tão imersa em brumas, era um objeto bem duro, bem concentrado, bem definido.

Uma visão o perturbava agora — decisiva e profunda, tornando-o consciente de que seu amigo Charles havia jogado todas as pedras planas ao alcance da mão, ou chegado à conclusão de que não valia a pena fazê-lo. Lado a lado eles comeram seus sanduíches. Tendo-o feito, já se punham de pé e sacudiam-se quando John pegou o caco de vidro para o olhar em silêncio. Charles olhou também. Mas imediatamente viu que ele não era achatado e, enchendo seu cachimbo, disse com a energia que rejeita um descabido esforço de pensamento:

“Para voltar ao que eu estava falando…”.

Ele não tinha visto ou, se visse, mal teria notado que John, após examinar por um momento o vidro, como que em hesitação, o enfiara no bolso. Tal impulso poderia também ter sido o impulso que leva uma criança a apanhar uma pedrinha num caminho no qual elas se esparramam, prometendo-lhe uma vida em segurança e quentura sobre a lareira do quarto, deleitando-se com a sensação de poder e benignidade que uma ação como essa propicia e acreditando que o coração da pedra pula de alegria quando se vê escolhido, dentre um milhão de iguais, para gozar de tal felicidade, não de uma vida de umidade e frio na estrada. “Bem que poderia ter sido qualquer outra dos milhões de pedras, mas fui eu, eu, eu!”

Estivesse ou não essa ideia na cabeça de John, o fato é que o pedaço de vidro encontrou seu lugar em cima da lareira, onde solidamente se plantou sobre uma pequena pilha de cartas e contas, servindo não só como excelente peso de papéis, mas também como ponto natural de parada para o olhar do rapaz, quando ele se desviava do livro. Visto repetidas vezes e de modo semiconsciente por uma cabeça que pensa noutra coisa, qualquer objeto se mescla tão profundamente à substância do pensar que perde sua forma verdadeira e se recompõe com alguma diferença numa feição ideal que obseda o cérebro, quando menos se espera. John se via assim atraído, quando saía para andar, pelas vitrines das lojas de raridades, simplesmente por ter visto alguma coisa que o lembrava daquele caco de vidro. Qualquer coisa, desde que fosse algum tipo de objeto, mais ou menos redondo, talvez com uma chama agonizante imersa a fundo em sua massa, qualquer coisa — porcelana, vidro, âmbar, rocha, mármore — até mesmo o ovo liso e oval de uma ave pré-histórica serviria. Habituou-se ele também a andar de olhos no chão, especialmente nas adjacências dos terrenos baldios onde são jogados fora os refugos das casas. Tais objetos ocorriam lá com frequência — jogados fora, de nenhuma utilidade para ninguém, disformes, descartados. Em poucos meses ele fez uma coleção de quatro ou cinco espécimes que foram para o mesmo lugar, parando em cima da lareira. Eram úteis também, pois um homem que concorre ao parlamento, no limiar de uma brilhante carreira, tem uma boa quantidade de papéis para manter em ordem — comunicados a eleitores, plataformas políticas, apelos a subscrições, convites para jantares e assim por diante.

Um dia, saindo de seus aposentos no Temple para pegar um trem, a fim de falar aos eleitores, seus olhos bateram num objeto extraordinário que jazia semioculto numa dessas bordaduras de grama que orlam as bases dos grandes prédios forenses. Não podendo senão tocá-lo, através da cerca, com a ponta da bengala, ele podia ver no entanto que era um caco de porcelana de forma bem

singular, quase tão parecido com uma estrela-do-mar como qualquer coisa formada — ou acidentalmente quebrada — em cinco pontas irregulares, não obstante inconfundíveis. Se em sua coloração predominava o azul, ao azul se sobrepunham faixas ou manchas verdes de algum tipo, enquanto linhas carmesins davam-lhe uma riqueza e um brilho da mais atraente espécie. John estava decidido a possuí-lo; quanto mais perseverava nisso, mais no entanto ele retrocedia. John por fim se viu forçado a voltar a seus aposentos para improvisar uma argola de arame presa na ponta de uma vara, com a qual, à força de grande habilidade e com muito cuidado, finalmente trouxe o pedaço de porcelana ao alcance das mãos. Ao apanhá-lo, soltou uma exclamação de triunfo. E o relógio bateu nesse momento. Já não lhe era mais possível cumprir seu compromisso. A reunião foi realizada sem ele. Mas como o caco de porcelana se partira daquele modo notável? Um exame cuidadoso deixou fora de dúvidas que a forma de estrela era acidental, o que tornava tudo ainda mais estranho, e parecia improvável que pudesse existir outro assim. Posto sobre a lareira, no lado contrário ao do caco de vidro que havia sido retirado da areia, dava ele a impressão de ser uma criatura de outro mundo — fantástica e extravagante como um arlequim. Parecia estar fazendo piruetas no espaço, tremeluzindo como uma estrela que pisca. Fascinado pelo contraste entre a porcelana, tão vívida e alerta, e o vidro, tão contemplativo e calado, ele se perguntou, pasmo e perplexo, como os dois tinham vindo a existir no mesmo mundo, para plantar-se, além do mais, no mesmo cômodo, na mesma estreita faixa de mármore. Mas a pergunta permaneceu sem resposta.

Ele então passou a frequentar os lugares em que os cacos de porcelana mais proliferam, como as nesgas de chão que sobram entre as linhas de trem, os terrenos de casas demolidas e as áreas públicas dos arredores de Londres. É porém muito raro, é um dos mais raros dentre os atos humanos, que se jogue porcelana de uma grande altura. É preciso achar em conjunção uma casa bem alta e uma mulher tão impulsiva e de prevenções tão coléricas que é capaz de atirar pela janela seu jarro ou pote, sem pensar em quem está embaixo. Encontravam-se em abundância cacos de porcelana, porém quebrados na trivialidade de um acidente doméstico, não de propósito, e sem caráter. Não obstante ele se admirava com frequência, quando veio a entrar mais a fundo na questão, da imensa variedade de formas a encontrar-se apenas em Londres, havendo ainda mais motivos para especulação e espanto nas diferenças de padrões e qualidade. Os melhores espécimes ele levaria para casa e colocaria em cima da lareira, onde a função que lhes cabia era porém cada vez mais de natureza ornamental, já que os papéis que necessitavam de um peso para os manter sem voar tornavam-se progressivamente mais raros.

Descuidou-se de suas obrigações, talvez, ou as cumpria de um modo por demais desatento, ou então seus eleitores, quando o visitavam, viam-se desfavoravelmente impressionados pelo aspecto de sua lareira. Fosse como fosse, não foi eleito para os representar no parlamento, e seu amigo Charles, sentindo muito e se apressando a manifestar seu pesar, achou-o tão pouco abalado com a derrota que não pôde senão supor que a questão era grave demais para ele a entender de imediato.

Na verdade, John havia estado nesse dia nas áreas públicas de Barnes, onde achara, sob uma moita de tojo, um pedaço de ferro bem pouco comum. Era, na conformação, quase idêntico ao vidro, maciço e globuloso, mas tão frio e pesado, tão metálico e negro, que evidentemente era estranho à Terra, tendo sua origem numa das estrelas mortas, se não fosse em si mesmo escória de uma lua. Em seu bolso, pesava muito; e pesou muito em cima da lareira, irradiando frio. No entanto o meteorito ficou na mesma prateleira com o caco de vidro e a porcelana em forma de estrela.

Quando seus olhos passavam de um para o outro, a determinação de possuir objetos que chegassem a ultrapassar aqueles atormentava o rapaz. Resolutamente ele se consagrou cada vez mais à procura. Se não ardesse de ambição, se não estivesse convencido de ser recompensado algum dia por um monte de lixo recentemente descoberto, as decepções que sofreu, sem falar do cansaço e do ridículo, teriam-no feito desistir da empreitada. Munido de uma bolsa e de uma vara comprida na qual se adaptava um gancho, revolveu todos os monturos de terra; escarafunchou sob densos emaranhamentos de mato; buscou por todas as vielas e espaços entre paredes onde se habituara a esperar descobrir objetos desse tipo jogados fora. Tornando-se seus critérios mais rígidos e seu gosto mais exigente, as decepções eram inumeráveis, mas sempre um brilho de esperança, um caco de porcelana ou de vidro com alguma marca curiosa ou curiosamente quebrado, o enganava. Passou-se um dia após o outro. E ele já não era mais jovem. Sua carreira — isto é, sua carreira política — tornou-se coisa do passado. As pessoas deixaram de visitá-lo. Ele era muito calado para que valesse a pena convidá-lo para jantar. Nunca falava com ninguém sobre as ambições tão sérias que tinha; a falta de compreensão dos outros transparecia no seu comportamento.

Recostado em sua cadeira, ele agora observava Charles, que repetidas vezes erguia as pedras em cima da lareira e enfaticamente as repunha em seu lugar para marcar o que ele estava dizendo sobre a orientação do governo, sem nem sequer notar a existência delas.

“Qual é a verdade, John?”, perguntou Charles de repente, virando-se para encará-lo. “O que o levou a desistir de tudo assim sem mais nem menos?”

“Eu não desisti”, respondeu John.

“Mas agora você não tem mais chance nenhuma”, disse Charles com aspereza.

“Nisso eu discordo de você”, disse John convictamente. Charles, olhando-o, sentiu-se profundamente incomodado; foi possuído pelas dúvidas mais extraordinárias; teve uma impressão esquisita de que os dois estavam falando de coisas diferentes. Olhou em torno, a fim de encontrar algum alívio para sua horrorosa depressão, mas a aparência desordenada do quarto o deprimiu ainda mais. O que eram aquela vara e a velha bolsa de tapeçaria pendurada na parede? E aquelas pedras? Ao olhar para John, algo fixo e distante em sua expressão o alarmou. Ele sabia muito bem que a presença do amigo num palanque já estava fora de questão.

“Bonitas pedras”, disse tão jovialmente quanto pôde; e foi dizendo que tinha um compromisso a cumprir que ele se despediu de John — para sempre.

UM ROMANCE NÃO ESCRITO

Uma tal expressão de infelicidade era bastante em si mesma para fazer o olhar deslizar pela beira do papel até o rosto da pobre mulher — insignificante sem aquela expressão, quase um símbolo do destino humano com ela. A vida é o que você vê nos olhos dos outros; a vida é o que as pessoas aprendem e, tendo aprendido, nunca, embora o tentem esconder, deixam de estar conscientes de — do quê? De que a vida é assim, ao que parece. Cinco rostos opostos — cinco rostos maduros — e o conhecimento em cada um. Por estranho que seja, como as pessoas querem disfarçar isso! Em todos esses rostos há sinais de reticência: boca fechada, olhos sombrios, cada um dos cinco fazendo alguma coisa para ocultar ou estultificar seu conhecimento. Um fuma; outro lê; um terceiro confere anotações numa agenda; um quarto estuda o mapa da linha pendurado defronte; e o quinto — o que há de terrível em relação ao quinto é que ela não faz absolutamente nada. Fica vendo a vida. Ah, minha pobre, infeliz mulher, não deixe de entrar no jogo — e, em atenção a todos nós, disfarce bem!

Ela olhou para cima, como se tivesse me ouvido, mexeu-se ligeiramente no assento e suspirou. Parecia desculpar-se e ao mesmo tempo dizer-me: “Ah, se você soubesse!”. Depois voltou a olhar para a vida. “Bem que eu sei”, respondi em silêncio, dando uma olhada no *Times* para manter as aparências: “Eu sei de tudo. ‘Paz entre Alemanha e potências aliadas declarada oficialmente ontem em Paris — *Signor* Nitti, o primeiro-ministro italiano — um trem de passageiros colidiu em Doncaster com um trem de carga…’ Todos nós sabemos — *The Times* sabe — mas fingimos não saber”. Meus olhos tinham se arrastado de novo pela beirada do papel. Ela estremeceu, virou um braço para trás que estranhamente levou até o meio das costas e balançou a cabeça. Mergulhei

novamente no meu grande reservatório de vida. “Pegue o que você gosta”, prossegui, “nascimentos, casamentos, mortes, notícias da corte, os hábitos das aves, Leonardo da Vinci, o crime de Sandhills, altos salários e o custo de vida — sim, o que você gosta”, repeti, “está tudo aqui no *Times*!”. De novo e com infinito cansaço ela moveu de lado a lado a cabeça, até que essa, como uma tampa que ao ser girada se exaure, fosse encaixar-se em seu pescoço.

The Times não era proteção adequada contra um tal sofrimento como o dela. Mas outros seres humanos impediam a comunicação. Contra a vida, nada melhor do que dobrar o jornal para fazê-lo um quadrado crespo, grosso, perfeito, impérvio até à própria vida. Feito isso, dei uma rápida olhada para cima, armada de meu escudo. Mas através do escudo ela me viu; ela me olhou nos olhos, como que procurando, bem lá no fundo, um sedimento de coragem que umedecia em barro. Sua simples postura negava toda esperança, desconsiderava ilusões.

Fomos assim aos solavancos por Surrey para depois da divisa entrar em Sussex. Mas eu, de olhos fitos na vida, não vi que os outros passageiros tinham saltado, um por um, até que, a não ser pelo homem que estava lendo, nós ficamos sozinhas. Chegamos à estação Three Bridges. Passamos lentamente pela plataforma e paramos. Iria ele descer? Rezei para que sim e que não — e finalmente pedi que ele ficasse. Nesse instante ele se levantou, embolou com desprezo seu jornal, como coisa já liquidada, abriu a porta de arranco e nos deixou a sós.

A infeliz mulher, inclinando-se um pouco para a frente, pálida e descoloridamente se dirigiu a mim — falou de estações e feriados, de irmãos em Eastbourne, da época do ano que, se era cedo ou tarde, já nem lembro. Mas olhando por fim pela janela e vendo, como eu sabia, somente a vida, ela tomou fôlego. “E o pior de tudo — é ficar fora de casa —”. Ah, agora a catástrofe se aproximava, “Minha cunhada” — o azedume de seu tom era como limão em aço frio, e falando, não para mim, mas para si mesma, ela resmungou: “Ela diria que é bobagem — é isso que todos dizem”, e enquanto ia falando se repuxava toda, como se a pele de suas costas fosse igual à de uma galinha depenada na vitrine do açougue.

“Oh, aquela vaca!”, ela exclamou nervosamente, como se a grande vaca estatelada no pasto a tivesse chocado e livrado de alguma indiscrição. Depois ela tremeu, e depois de tremer fez o desajeitado movimento angular que eu já tinha visto, como se, após o espasmo, algum ponto entre os ombros lhe coçasse ou ardesse. Depois voltou a parecer a mais infeliz mulher do mundo, e eu, mais uma vez, a censurei, se bem que não com a mesma convicção, pois se houvesse uma razão, e se eu soubesse a razão, o estigma estaria removido da vida.

“Cunhadas”, disse eu…

Seus lábios se contraíram, como se fossem cuspir veneno na palavra; e contraídos ficaram. Tudo o que ela fez foi apanhar sua luva para esfregá-la com força num ponto da vidraça. Esfregou-a como se quisesse fazer sumir para sempre alguma coisa — alguma mancha, alguma contaminação indelével. De fato, a mancha lá continuou, malgrado toda sua esfregação, e novamente ela afundou entortando o braço e tremendo, como eu já esperava. Algo impeliu-me a apanhar minha luva para esfregar na minha janela, onde também havia uma manchinha no vidro. A qual, malgrado minha esfregação, lá continuou. E o espasmo então veio por dentro de mim; curvei meu braço e cocei no meio das costas. Minha pele, também, era como a das galinhas, muito úmida, na vitrine do açougueiro; um ponto entre meus ombros coçava e irritava, parecia melado, parecia em carne viva. Será que eu conseguiria alcançá-lo? Tentei-o subrepticiamente. Ela me viu. Um sorriso de infinita ironia, de infinito sofrimento, perpassou-lhe pela face e sumiu. Mas ela havia comunicado, partilhado seu segredo, transmitido seu veneno; não iria mais falar. Recostando-me em meu canto, protegendo dos olhos dela os meus olhos, vendo somente as subidas e os vales, os cinza e os púrpuras, da paisagem de inverno, li sua mensagem, decifrei seu segredo, lendo-a sob seu olhar fixo.

A cunhada é Hilda. Hilda? Hilda? Hilda Marsh — a exuberante Hilda, a peituda, a matrona. Hilda já está à porta quando o cabriolé se aproxima, com dinheiro na mão. “Pobre Minnie, mais do que nunca está parecendo um gafanhoto — com a mesma capa que já estava no ano passado. Mas é isso, com dois filhos, nos tempos que correm, não se pode fazer mais. Não, Minnie. Eu entendo; o do senhor, seu cocheiro — não me venha com nenhuma das suas — aqui está. Vamos lá, Minnie. Oh, eu podia até carregar *você*, quanto mais a sua cesta!” Entram assim na sala de jantar. “Crianças, a tia Minnie.”

Garfos e facas afundam lentamente na vertical. Descem os dois (Bob e Barbara), esticando bem as mãos; e voltam para suas cadeiras, olhando-se enquanto retomam as bocadas. [Isso porém vamos pular; adornos, cortinas, prato de porcelana em forma de trevo, retângulos amarelos de queijo, biscoitos brancos quadrados — vamos pular — mas espere aí! Bem no meio do almoço uma tremedeira daquelas; Bob olha para ela, de colher na boca. “Acabe logo a sobremesa, Bob”; mas Hilda desaprova. “Que *ideia* é esta de se coçar?” Vamos pular, pular, até chegarmos ao patamar do andar de cima; escada presa com latão; linóleo gasto; oh, sim! o quartinho que dá para os telhados de Eastbourne — telhados ziguezagueantes como as espinhas das lagartas, para lá e para cá, riscados de amarelo e vermelho, feitos de ardósia preta azulada.] Agora, Minnie, a porta está fechada; Hilda desce pesadamente ao porão; você desata as alças da cesta, estende na cama a magra camisola, põe lado a lado os chinelos peludos de

feltro. O espelho — não, o espelho você evita. Certa metódica disposição dos grampos de chapéu. Talvez haja alguma coisa na caixinha de conchas. Você balança para ver; é o botão de madrepérola que no ano passado já estava lá — e é tudo. Depois, sentando perto da janela, suspirar e fungar. Três horas de uma tarde em dezembro; a chuva fina; uma luz baixa na claraboia de uma loja de tecidos; outra alta num quarto de empregada — a qual se apaga. Com isso ela não tem o que olhar. Um momento em branco — e depois, em que é que você está pensando? (Eu, do outro lado, vou poder espiá-la; ela está dormindo ou está fingindo que dorme; no que haveria então de pensar, sentando-se à janela às três da tarde? Em saúde, dinheiro, contas; em seu Deus?) Sim, sentando-se bem na beira da cadeira, a contemplar os telhados de Eastbourne, Minnie Marsh reza a Deus. E está tudo muito bem; e ela também pode esfregar a vidraça, como que para ver melhor a Deus; mas que Deus ela vê? Quem é o Deus de Minnie Marsh, o Deus das vielas de Eastbourne, o Deus das três horas da tarde? Eu também vejo telhados, vejo céu; mas esse modo de ver Deuses — mais como o presidente Kruger do que como o príncipe Albert — é o que de melhor posso fazer por ele; vejo-o numa cadeira, de sobrecasaca negra, também não tão alta; posso até arranjar algumas nuvens que lhe sirvam de assento; arrastando-se entre elas, sua mão aí empunha um cajado, ou será um bastão de comando? — preto, grosso, espinhento — um velho e brutal tirano — o Deus de Minnie! Foi ele que mandou a coceira e a tremedeira e a mancha? É por isso que ela reza? É a mancha do pecado que ela limpa no vidro. Oh, ela cometeu algum crime!

Quanto aos crimes, posso escolher. Voam, passam arvoredos — campânulas florescem no verão; naquela clareira lá, quando chega a primavera, florescem prímulas. Foi num adeus, não foi, há vinte anos? Promessas quebradas? Não por Minnie!… Ela foi fiel. Como ela cuidou da mãe dela! Todas as suas economias em lápides — coroas em vidro — narcisos em jarras. Mas eu estou fugindo do assunto. Um crime… Eles diriam que ela segurou sua dor, reprimiu seu segredo — seu sexo, diriam eles — o pessoal da ciência. Mas que bobagem, botar *nesta mulher* os arreios do sexo. Não — mais do mesmo. Descendo pelas ruas de Croydon há vinte anos, voltas de fita violeta que cintilam à luz elétrica na vitrine da loja de tecidos vão atrair seu olhar. Ela se atarda — passa das seis. Correndo ainda pode chegar em casa. Ela entra pela porta de vaivém de vidro. É época de liquidação. Bandejas rasas transbordam de fitas. Ela faz uma pausa, pega uma, passa os dedos por outra com rosas em relevo por cima — mas não tem de escolher, não precisa comprar, e cada bandeja traz suas surpresas. “Só fechamos às sete”, e aí já *são* sete. Ela corre, vai correndo, chega em casa, mas é tarde demais. Vizinhos — o médico — irmão pequeno — a chaleira — queimado — hospital — morto — ou apenas o choque, a culpa? Ah, mas os detalhes não

importam! O que importa é o que vai com ela; a mancha, o crime, a coisa a expiar, sempre lá entre os seus ombros. “Sim”, ela parece me dizer com a cabeça, “é a coisa que eu fiz”.

Se fez ou não fez, ou o que foi que você fez, não me interessa; não é isso que eu quero. As voltas de violeta na vitrine da loja — isso sim; um pouco fácil talvez, um pouco lugar-comum — quando se tem tal sortimento de crimes, se bem que muitos (deixem-me dar outra espiada — dormindo ainda, ou fingindo que dorme! branca, de boca fechada, exausta — com um toque de obstinação, mais do que se pensaria encontrar — e nenhum sinal de sexo) — muitos crimes porém não são o *seu*; o seu crime foi banal; só a punição é solene; pois que agora a porta da igreja se abre, o banco duro de madeira a recebe; nos ladrilhos do chão ela se ajoelha; e todos os dias, verão e inverno, bem de tarde e muito cedo (como agora), reza. Seus pecados caem todos, caem, caem para sempre. Mas a mancha os recebe. Vermelha, protuberante, ardente. Depois ela começa a se coçar. Criancinhas apontam. “Bob hoje no almoço” — Mas o pior são as velhas.

Você agora de fato não pode continuar aí rezando. Kruger afundou sob as nuvens — como que encoberto pelo cinza líquido de um pincel de pintor, ao que ele acrescenta um toque de preto — e até a ponta do bastão sumiu agora. É o que sempre acontece! Basta você o ver, basta senti-lo, para que venha alguém interromper. Agora é Hilda.

Como você a odeia! Ela é bem capaz de deixar a porta do banheiro trancada a noite toda, e o que você quer é só água fria, às vezes, quando era uma noite ruim, parece que adiantava lavar. No café da manhã tem John — as crianças — o pior são as refeições, e há amigos às vezes — as samambaias não dão para escondê-los — eles adivinham também; você então sai andando pela beira-mar, onde as ondas são cinzentas, e os papéis voam, e o vento bate nas cabines verdes de vidro, e se alugam cadeiras por dois *pence* — é muito — pois deve haver pregadores pela praia. Ah, este é negro — este é um homem gozado — este é um homem com periquitos — coitados dos bichos! Não tem ninguém pensando em Deus por aqui? — bem ali, no cais flutuante, com seu bastão — mas não — não existe nada a não ser o cinza no céu ou, se o céu estiver azul, as nuvens brancas o ocultam, e a música — é música militar — e para que eles estão pescando? Pescam alguma coisa? Como as crianças olham! Bem, bem, então casa, caminho de volta — “Caminho de volta para casa”. As palavras têm significado; poderiam ter sido ditas pelo velho barbudo — não, não, na realidade ele não falou; mas tudo tem significado — avisos pendurados na entrada das casas — nomes por cima de vitrines de lojas — fruta vermelha em cestas — cabeças de mulher em cabeleireiros — tudo diz “Minnie Marsh!”. Mas aqui há uma contração. “Os ovos são mais baratos!” É o que sempre acontece! Lá ia eu a

levá-la pela cachoeira, direto para a loucura, quando, como um bando de carneiros de sonho, ela se vira do outro lado e escorre entre os meus dedos. Ovos são mais baratos. Levada às últimas nas costas do mundo, nenhum dos crimes, padecimentos, rapsódias ou insanidades para Minnie Marsh; nunca atrasada para o almoço; nunca surpreendida por um temporal sem sua capa; nunca totalmente inconsciente da barateza dos ovos. E assim ela chega em casa — limpando as botas.

Eu a li direito? Mas a face humana — a face humana no topo da mais cheia folha de impressão contém mais, comporta mais. Agora, de olhos abertos, ela olha para fora; e no olho humano — como é mesmo que o definem? — há uma quebra — uma divisão — quando você vê o galho, assim, a borboleta já voou — a mariposa que paira à tardinha sobre a flor amarela — mova, levante sua mão, bem longe, bem alto. Pois não levantarei minha mão. Pare então e não pare de tremer, ó vida, alma, espírito, ó você qualquer coisa de Minnie Marsh — como eu em minha flor — o falcão na chapada — sozinha, ou de que valeria a vida? Pular da cama; ficar quieta de tardinha, ao meio-dia; ficar quieta na chapada. A mão que esvoaça — que vai, que sobe! e depois volta à indecisão. Sozinha sem ser vista; vendo tudo tão tranquilo lá em baixo, tão agradável. E ninguém vendo, ninguém ligando. Os olhos dos outros nossas prisões; seus pensamentos nossas gaiolas. Ar em cima, ar embaixo. E a lua e a imortalidade… Oh, mas eu dei um tropeção. E você aí no canto — mulher — como é mesmo seu nome, Minnie Marsh, um nome assim, não é? Você também levou um tombo? Lá está ela, agarrada à sua flor; abrindo sua bolsa de mão, da qual tira uma casca vazia — um ovo — quem estava dizendo que os ovos são mais baratos? Você ou eu? Oh, foi você que disse isso, a caminho de casa, lembra, quando o senhor idoso, abrindo de repente seu guarda-chuva — ou espirrando? Fosse como fosse, Kruger se foi, e você veio pelo “caminho de volta para casa” e limpou suas botas. E agora você estende nos joelhos um lenço no qual deixa cair pequenos e angulosos fragmentos de casca de ovo — fragmentos de um mapa — um quebra-cabeça. Bem que eu gostaria de conseguir juntá-los! Se ao menos você parasse quieta. Ela porém já afastou os joelhos — o mapa está de novo em pedaços. Pelas encostas dos Andes os blocos brancos de mármore vão saltando e ferindo, esmagando até a morte toda uma tropa de carregadores espanhóis, com sua escolta — o butim de Drake, ouro e prata. Mas, para voltar…

A quê? Aonde? Ela abriu a porta e, pendurando sua sombrinha na entrada — isso nem precisa dizer: nem, também, o cheiro de carne que subia do porão; ponto, ponto, ponto. Mas o que eu não posso eliminar assim, o que devo atacar e dispersar, cabeça baixa, olhos fechados, com a coragem de um batalhão e a cegueira de um touro, são, indubitavelmente, as figuras por trás das samambaias,

os caixeiros-viajantes. Ali os deixei todo esse tempo ocultos, na esperança de que pudessem desaparecer, ou melhor, emergir ainda, como de fato deverão fazer, se o conto continuar acumulando rotundidade e riqueza, destino e tragédia, como cabe aos contos, arrastando consigo dois, senão três, caixeiros-viajantes e uma touceira de aspidistra. “As folhas da aspidistra só encobriam uma parte do caixeiro-viajante…” Os rododendros o encobririam todo, e me dê nessa troca minha dose de vermelho e branco, pela qual me empenho e definho; mas rododendros em Eastbourne — em dezembro — e na mesa dos Marshes — não, não, eu não me atrevo; tudo é uma questão de cascas e frascos, de samambaias e babados. Mais tarde talvez haja um momento à beira-mar. Sinto além disso, quando agradavelmente me empino pela treliça verde e por cima do glaciz de vidro cortado, um desejo de espiar e espreitar o homem do outro lado — sendo esse o único que eu consigo ver. É James Moggridge, que os Marshes chamam de Jimmy? [Espero que você prometa não se coçar, Minnie, enquanto eu não tiver resolvido isso.] James Moggridge viaja vendendo — botões, vamos dizer? — mas ainda não está na época de trazer de *todos* — os grandes, os pequenos em grandes cartelas, os de olho de pavão, os de ouro fosco; há uns que parecem montes de pedras, outros, espumas de coral — mas a época, como eu digo, ainda não chegou. Ele viaja e, na quinta-feira, que é o seu dia em Eastbourne, vai fazer suas refeições com os Marshes. Seu rosto vermelho, seus olhinhos sempre fixos — porém jamais vulgares de todo — seu enorme apetite (isso é certo; ele não olha para Minnie antes de o pão bem encharcado secar o molho), guardanapo dobrado em diamante no peito — mas isso é primitivo e, cause o que causar ao leitor, não creia em mim. Vamos seguir para a própria casa da família Moggridge, vamos pô-la na ação. Lá, as botas de todos são remendadas, aos domingos, pelo próprio James, que lê *Truth*. Mas qual é sua paixão? Rosas — e sua esposa, enfermeira de hospital aposentada — interessante — pelo amor de Deus, deixe-me ter uma mulher com um nome do qual eu goste! Mas não; ela é um dos filhos em gestação da mente, ilícito, nem por isso menos amado, como os meus rododendros. Em cada romance escrito, quantos morrem — os melhores, os mais queridos, enquanto Moggridge vive. Culpa da vida. Aqui está Minnie, comendo seu ovo no momento oposto e na outra extremidade da linha — já passamos de Lewes? — Jimmy deve estar lá — ou por que ela se contorce?

Lá deve estar Moggridge — culpa da vida. A vida impõe suas leis; a vida barra a passagem; há vida por trás da samambaia; a vida é um tirano; oh, mas não a dona do pedaço! Não, pois lhe garanto que vim por minha livre vontade; vim perseguida sabe Deus por qual compulsão por samambaias e frascos, mesa cheia de borrões e garrafas imundas. Vim irresistivelmente para alojar-me nalgum lugar da carne firme, da espinha rija, algum lugar em que eu possa

penetrar ou tomar pé da pessoa, da alma, do homem Moggridge. A enorme estabilidade do arcabouço; a espinha como um osso de baleia, reta que nem um pé de carvalho; as costelas que são galhos lançados; a pele de lona muito bem esticada; as vermelhas reentrâncias; a sucção e regurgitação do coração; enquanto a carne cai do alto em cubos marrons e a cerveja escorre para espumar em sangue de novo — e assim chegamos aos olhos. Que estão vendo uma coisa, por trás da aspidistra: preta, branca, desalentadora; agora outra vez o prato; que por trás da aspidistra estão vendo uma mulher idosa; "A irmã de Marsh. Hilda é mais o meu tipo"; e a toalha da mesa agora. "Marsh saberia o que há de errado com os Morrises…" falam disso; chega o queijo; outra vez o prato; vira-o ao contrário — dedos enormes; agora a mulher do outro lado. "A irmã de Marsh — nem um pouco como Marsh; uma velha muito infeliz… Você devia era ir cuidar das galinhas… Em nome de Deus, por que é que ela está se contorcendo assim? Não foi o que *eu* disse? Meu Deus, meu Deus, essas velhotas! Santo Deus!"

[Sim, Minnie; sei que você teve uma contração, mas um momento — James Moggridge.]

"Meu Deus, meu Deus!" Que bonito é o som! como a pancada de um malho em madeira bem seca, como a batida do coração de um baleeiro antigo quando o mar engrossa e o verde se anuvia. "Meu Deus, meu Deus!" Que sino tangente para acalmar e consolar a alma dos que se irritam e colocá-los em linha, dizendo: "Adeus, amigos, boa sorte!" e depois: "Querem alguma coisa?" pois se bem que Moggridge fosse capaz de colher uma rosa para ela, isto está feito e acabado. E agora então o que é que vem? "Madame, vai perder seu trem", porque eles não perdem tempo.

Isto é o jeito de homem; isto é o som que reverbera; isto é a basílica de São Paulo e os ônibus a motor. E nós para limpar as migalhas. Oh, Moggridge, você então não vai ficar? Tem de sair? Vai passar por Eastbourne hoje à tarde num desses coches apertados? É você que aí vai emparedado numa caixa de papelão verde, você que às vezes puxa a cortina, que às vezes se senta bem solene para olhar fixamente como uma esfinge, sempre com um toque sepulcral na aparência, com alguma coisa de agente funerário, de caixão, de lusco-fusco em cavalo e cavaleiro? Diga-me — mas as portas bateram. Nunca iremos nos encontrar novamente. Adeus, Moggridge!

Sim, sim, já estou indo. Subindo para o alto da casa. Vou ficar um momento lá. Como entra lama na cabeça e rola — que remoinho esses monstros deixam, as águas agitadas, as moitas que ondulam, aqui verdes, além negras, até baterem na areia, até que os átomos gradualmente se reagrupam, a jazida se depura e o que se vê pelos olhos vem claro e calmo de novo, vindo aos lábios uma espécie de prece pelos que partiram, de obséquias pelas almas das pessoas com as quais

trocamos algum sinal de cabeça, e que nunca voltaremos a ver.

Agora James Moggridge está morto, foi-se para sempre. Pois bem, Minnie — “Não aguento mais isso”. Se ela disse tal frase — (Deixem-me dar uma olhada nela, que varre a casca de ovo para os declives mais fundos). Com certeza que disse, encostada na parede do quarto e brincando com as bolinhas que orlam a cortina cor de clarete. Mas quando o eu fala com o eu, quem é que fala? — a alma sepulta, o espírito empurrado para dentro, cada vez mais para dentro da catacumba central; o eu que tomou véus e abandonou o mundo — um covarde talvez, contudo belo de algum modo, quando em seu desassossego perpassa de lampião na mão, a subir e descer nos corredores escuros. “Não consigo suportar mais isso”, diz o espírito dela. “Aquele homem no almoço — Hilda — as crianças.” Oh, céus, seu soluço! É o espírito a deplorar o próprio destino, o espírito impelido de um lado para o outro, que ora se aloja nos tapetes que encolhem — pontos de apoio instáveis — minguados frangalhos de todo o evanescente universo — amor, vida, fé, marido, filhos, não sei que pompas e esplendores reluziam na vida de menina. “Não para mim — não para mim.”

Mas aí — os bolinhos, o cachorro velho e careca? Esteiras de contas, imagino eu, e a consolação da roupa de baixo. Se Minnie Marsh fosse atropelada e levada ao hospital, as enfermeiras e até os médicos exclamariam… Há a vista e a visão — há a distância — há no fim da alameda a mancha azul, ao passo que o chá, afinal de contas, é ótimo, o bolinho está quente e o cachorro — “Benny, já para a sua cesta, ouviu, e olhe o que a mamãe trouxe para você!”. Assim, tirando a luva que está com o polegar puído, desafiando mais uma vez o espírito abusivo e maligno que a obriga a tapar furos, você renova as fortificações, cosendo com a lã cinzenta, passando-a para lá, para cá.

Passando-a para cá e para lá, de través e por cima, tecendo uma teia pela qual Deus em pessoa — não, não pense em Deus! Como os pontos estão firmes! Você deve estar orgulhosa da sua obra. Que nada a incomode. Que a luz caia mansamente, que as nuvens mostrem vestes íntimas da cor do primeiro verde das folhas. Que o pardal pouse no galho e derrube a gota de chuva pendurada no ponto em que o galho entorta… Por que olhar para cima? Foi um som, uma ideia? Oh, meu Deus! De novo à coisa que você fez, à bandeja com as fitas violeta? Mas Hilda virá. Ignomínias, humilhações, oh! Feche a brecha.

Tendo remendado sua luva, Minnie Marsh vai guardá-la na cômoda. Fecha com decisão a gaveta. Vejo-lhe o rosto de relance no espelho. O queixo está bem erguido. Os lábios, repuxados. Ela amarra, a seguir, os sapatos. Depois toca na garganta. Que broche usa? O de folha ou o em forquilha? E o que é que está acontecendo? A não ser que eu esteja muito enganada, o pulso se acelerou, o momento está chegando, as linhas disparam, Niágara à frente! É a crise! Que

Deus lhe acompanhe! Lá vai ela descendo. Coragem, coragem! Não a deixe de enfrentar, torne-se nela! Pelo amor de Deus não fique esperando aí a passar mal agora! Olhe a porta! Eu estou do seu lado. Fale! Confronte-a, confunda-lhe a alma!

"Oh, desculpe-me! Sim, é aqui Eastbourne. Vou pegar para a senhora. Deixe que eu pego pela alça." [Mas, Minnie, apesar de mantermos as aparências, eu li você direitinho — e estou com você agora.]

"É toda sua bagagem?"

"Com certeza, obrigada."

(Mas por que você olha à sua volta? Hilda não virá à estação, nem John; e Moggridge está num coche pelos confins de Eastbourne.)

"Vou esperar junto da mala, madame, é mais seguro. Ele disse que vinha me esperar. Ah, olhe ele ali! É o meu filho."

E juntos lá se vão eles.

Bem, mas estou confusa. Sem dúvida, Minnie, você sabe melhor que eu! Um rapaz estranho… Pare! Eu mesma direi a ele — Minnie! Miss Marsh! — apesar de eu não saber. Tem uma coisa esquisita no casaco dela, quando o vento o levanta. Oh, não, não é verdade, mas que indecência… Veja como ela se inclina quando eles chegam ao portão de saída. Ela achou a passagem. Qual é a graça? E lado a lado eles vão descendo a estrada, depois que saem… Bem, meu mundo caiu! No que me apoio? Que é que eu sei? Esta aí não é Minnie. Nunca houve Moggridge. Quem sou eu? A vida nua, no osso.

No entanto uma última olhada neles — ele a descer do meio-fio e ela a segui-lo pela beira do grande prédio enchem-me de espanto — me inundam de novo. Desconhecidas figuras! Mãe e filho. Quem são vocês? Por que andam rua abaixo? Onde vão dormir esta noite, e depois, amanhã? Oh, como isso cresce e rola — me revigora, me faz flutuar! É deles que eu parto. As pessoas me levam por aqui ou por lá. A luz branca respinga, escorre. As janelas espelham. Cravos; crisântemos. Hera em jardins escuros. Leite entregue na porta. Aonde quer que eu vá, desconhecidas figuras, vejo vocês dobrando a esquina, mães e filhos; vocês, vocês, sempre vocês. Às pressas, vou atrás. Imagino que aqui já seja o mar. É cinzenta a paisagem; cinzenta e fosca como a cinza; a água mexe e murmura. Se eu cair de joelhos, se eu passar pelo ritual, com os antigos trejeitos, são vocês, ignotas figuras, são vocês que eu adoro; se abro os braços, são vocês que eu recebo, é você que eu puxo para mim — mundo adorável.

CASA ASSOMBRADA

A qualquer hora que você acordasse havia alguma porta batendo. De quarto em quarto eles iam, e de mãos dadas, erguendo aqui, abrindo ali, certificando-se — um casal de fantasmas.

“Deixamos aqui”, ela disse. E ele acrescentou: “Oh, mas aqui também!”. “No andar de cima”, murmurou ela. “E no jardim”, sussurrou ele. “Silêncio”, disseram ambos, “porque senão vamos acordá-los”.

Mas não era que nos acordassem. Oh, não. “Eles estão procurando; estão abrindo a cortina”, bem que eu poderia dizer, e assim ler ainda uma ou duas páginas. “Agora acharam”, saberia então com certeza, parando o lápis na margem. E aí, cansada de ler, poderia me levantar para ir ver com meus olhos a casa toda vazia, as portas todas abertas, só as pombas da mata borbulhando de contentamento e a zoada da máquina de debulhar que vem da fazenda. “Por que foi que entrei aqui? O que era que eu queria encontrar?” Minhas mãos estão vazias. “Talvez lá em cima?” As maçãs estavam no sótão. E assim de novo para baixo, o jardim tranquilo como sempre, só o livro que escorregou para a grama.

Na sala de visitas o encontraram porém. Sem que alguém pudesse vê-los jamais. As vidraças refletiam maçãs, refletiam rosas; todas as folhas eram verdes no vidro. A maçã se limitava a virar seu lado amarelo, se as folhas se mexessem na sala. Entretanto, no momento seguinte, se a porta fosse aberta, estendia-se no chão, descia pelas paredes, pendia do teto — o quê? Minhas mãos estavam vazias. A sombra de um tordo atravessou o tapete; dos poços de silêncio mais fundos a pomba da mata extraiu sua bolha de som. “Em segurança, em segurança”, suavemente bate o pulso da casa. “O tesouro enterrado; o quarto…” para o pulso de repente. Oh, então era o tesouro enterrado?

Um momento depois a luz se apaga. Talvez lá fora no jardim? Mas as árvores protelam a escuridão por causa de um peregrino raio de sol. Tão fino, tão raro, cravado tão friamente sob a superfície, o raio que eu sempre procurei queimava além da vidraça. A morte era o vidro; a morte estava entre nós dois; primeiro indo à mulher, há centenas de anos, deixando a casa, lacrando todas as janelas; os quartos se escureciam. Ele as deixava, mulher e casa, ia para o Norte, ou para o Leste, viu o giro das estrelas no céu do Sul; procurou pela casa, achou-a afundada na região dos Downs. “Em segurança, em segurança”, batia alegremente o pulso da casa. “O tesouro é seu.”

O vento ruge na alameda. As árvores encurvam, dobram-se de variadas maneiras. O luar se esparrama e respinga forte na chuva. Mas direto da janela vem o facho de luz. A vela queima tesa e quieta. Pervagando pela casa, abrindo as janelas, cochichando para não nos despertar, o casal de fantasmas procura sua alegria.

“Aqui nós dormimos”, diz ela. E ele acrescenta: “Beijos sem conta”. “Acordando de manhã…” “Com o prateado entre as árvores…” “Lá em cima…” “Lá no jardim…” “Quando o verão chegou…” “Na época de neve do inverno…”. E bem ao longe as portas vão se fechando, batendo lentamente como um coração a pulsar.

Eles chegam mais perto; param na entrada. O vento sopra, a chuva escorre prateada no vidro. Nossos olhos se toldam; não ouvimos passos ao lado; não vemos mulher alguma abrindo sua fantasmal vestimenta. Já ele protege o lampião com as mãos. “Olhe só”, sussurra. “Dormem a fundo. Com amor nos lábios.”

Dobrando-se, mantendo acima de nós seu lampião de prata, longa e profundamente eles olham. Longa é a pausa que fazem. O vento impele certeiro; a flama enverga fragilmente. Fachos fortes de luar cruzam pelo chão e a parede e, ao se encontrarem, mancham as faces que se dobram; as faces que ponderam; as faces que revistam os dormentes e buscam sua oculta alegria.

“Em segurança, em segurança”, bate orgulhoso o coração da casa. “Muitos anos…”, suspira ele. “De novo você me achou”. “Aqui”, murmura ela, “dormindo; no jardim, lendo; rindo, rolando maçãs no sótão. Foi aqui que nós deixamos nosso tesouro…”. Dobrando-se, sua luz ergue em meus olhos as pálpebras. “Em segurança! em segurança! em segurança!”, bate descontrolado o pulso da casa. E eu, despertando, grito: “Oh, é isto o *seu* — tesouro enterrado? A luz no coração”.

UMA SOCIEDADE

Eis aqui como tudo aconteceu. Sentadas um dia depois do chá, éramos cinco ou seis. Umas olhavam pela rua para as vitrines de uma chapelaria onde a luz ainda brilhava intensamente sobre plumas escarlates e chinelos dourados.

Outras estavam ociosamente ocupadas em construir pequenas torres de açúcar na borda da bandeja de chá. Passado um tempo, pelo que eu lembro, juntamo-nos em volta do fogo e começamos a elogiar os homens, como de hábito — tão fortes, tão nobres, tão brilhantes, tão corajosos, tão belos — como invejávamos as que por bem ou por mal deram um jeito de se ligar para sempre a um deles! — quando Poll, que não tinha dito nada, explodiu em lágrimas. Poll, devo dizer-lhes, sempre foi esquisita. A começar por seu pai, homem estranho. Deixou-lhe uma fortuna em testamento, mas com a condição de que ela lesse todos os livros da Biblioteca de Londres. Fizemos o possível para a consolar; embora soubéssemos, no íntimo, que era tudo inútil. Pois, apesar de nós gostarmos de Poll, ela não é lá essas coisas; anda de sapatos desamarrados; e devia estar pensando, quando elogiamos os homens, que nunca um deles iria querer casar com ela. Por fim enxugou as lágrimas. Mas nós, por algum tempo, não entendíamos nada do que ela estava dizendo. Em sã consciência era muito estranho. Disse-nos que, como sabíamos, ela passara a maior parte do seu tempo lendo, na Biblioteca de Londres. Contou-nos que tinha começado pela literatura inglesa, no andar de cima; e que avançava a passos firmes para chegar a *The Times*, no de baixo. Mas a meio caminho, ou talvez apenas a um quarto, aconteceu uma coisa horrível. Ela não conseguia mais ler. Os livros não eram o que nós pensávamos. “Os livros”, gritou ela, pulando em pé e falando com uma intensidade de desolação que nunca hei de esquecer, “são em sua maior parte

indescritivelmente ruins!”.

E gritamos nós, naturalmente, que Shakespeare escreveu livros, e Milton, e Shelley.

“Ah, sim”, ela interrompeu. “Estou vendo que foram bem ensinadas. Mas vocês não são leitoras da Biblioteca de Londres.” Seus soluços aqui se renovaram. Por fim, melhorando um pouco, ela abriu um dos livros da pilha que sempre levava ao lado — intitulado “De uma Janela” ou “Num Jardim” ou mais ou menos assim e escrito por um homem chamado Benton ou Henson ou algo semelhante. E leu as primeiras páginas. Nós ouvimos em silêncio. “Mas isso aí não é um livro”, alguém disse. Ela então escolheu outro. Dessa vez era um livro de história, mas esqueci o nome do autor. Nossa trepidação crescia à medida que ela avançava. Nem uma palavra ali parecia ser verdade, e o estilo no qual estava escrito era execrável.

“Poesia! Poesia!”, gritamos impacientemente. “Leia poesia!” Não consigo descrever a desolação que se abateu sobre nós quando ela abriu um volumezinho e recitou a baboseira sentimental e verbosa que nele estava contida.

“Deve ter sido escrito por mulher”, alegou uma de nós. Mas não. Ela nos disse que o autor era um jovem, um dos poetas mais famosos do momento. Que vocês mesmos imaginem o choque que essa descoberta causou. Apesar de gritarmos todas e de pedirmos todas que não lesse mais, ela insistiu e nos leu trechos das *Vidas dos Presidentes da Câmara dos Pares*. Quando acabou, Jane, a mais velha e sábia de nós, pôs-se de pé para se declarar não convencida.

“Por quê?”, perguntou, “se os homens escrevem porcarias assim, deveriam nossas mães ter perdido sua juventude para trazê-los ao mundo?”.

Ficamos todas em silêncio; e a pobre Poll, no silêncio, pôde ser ouvida aos soluços: “Por que, por que meu pai me ensinou a ler?”.

Clorinda foi a primeira a demonstrar sensatez. “É tudo culpa nossa”, disse. “Todas nós sabemos ler. Mas nenhuma, a não ser Poll, já se deu ao trabalho de o fazer. Eu, quanto a mim, sempre achei que o dever de uma mulher era passar sua juventude tendo filhos. Eu venerava minha mãe, que teve dez; e mais ainda minha avó, que teve quinze; minha própria ambição, confesso, era ter vinte. Passamos por todas essas épocas supondo que os homens fossem igualmente industriosos e que suas obras eram de igual mérito. Enquanto criávamos os filhos, eles, supúnhamos, criavam livros e quadros. Povoamos o mundo. E eles o civilizaram. Mas agora que nós sabemos ler, o que nos impede de julgar os resultados? Antes de trazermos outra criança ao mundo, temos de nos jurar que vamos descobrir como o mundo é.”

Constituímo-nos assim numa sociedade de fazer perguntas. Uma de nós iria visitar um navio de guerra; outra iria se esconder no gabinete de um erudito; uma

terceira assistiria a um encontro de homens de negócios; e todas deveríamos ler, ver quadros, ir a concertos, andar de olhos bem abertos nas ruas e fazer perpetuamente perguntas. Éramos muito jovens. Vocês podem calcular nossa ingenuidade se eu lhes disser que naquela noite, antes de nos despedirmos, concordamos que o objetivo da vida era formar boas pessoas e produzir bons livros. Nossas perguntas seriam direcionadas para saber até que ponto esse objetivo era atualmente alcançado pelos homens. Prometemo-nos solenemente que nenhuma de nós teria um filho antes de nos darmos, todas, por satisfeitas.

Lá então fomos nós, umas para o Museu Britânico; outras à Marinha de Guerra; umas a Oxford; outras a Cambridge; visitamos a Real Academia e a Tate; ouvimos música moderna em salas de concerto, fomos ao Tribunal de Justiça e vimos peças novas. Nenhuma de nós jantava fora sem fazer ao seu acompanhante certas perguntas, anotando cuidadosamente as respostas. De vez em quando nos encontrávamos para comparar nossas observações. Oh, esses encontros, que farra! Nunca ri tanto quanto no dia em que Rose leu suas anotações sobre “Honra” e descreveu como ela tinha se vestido de Príncipe Etíope e entrado a bordo de um dos navios de Sua Majestade. Descobrindo o embuste, o Capitão foi visitá-la (disfarçado agora de cavalheiro à paisana) e exigiu que a afronta à honra fosse reparada. “Mas como?”, ela perguntou. “Como?”, ele berrou. “Com a bengala, é claro!” Vendo que ele estava fora de si, de tanta raiva, e crendo que seu último momento havia chegado, ela se dobrou e ganhou, para seu espanto, seis tapinhas no traseiro. “A honra da Marinha Britânica está salva!”, gritou ele, e ela, reerguendo-se, viu que o suor escorria por seu rosto e que sua mão direita estendida estava trêmula. “Calma lá”, exclamou, assumindo uma atitude e imitando a ferocidade da própria expressão dele: “Falta salvar a minha!”. “É como diz um cavalheiro”, retrucou ele, e caiu em profundo pensamento. “Se seis palmadas vingam a honra da Marinha de Guerra de Sua Majestade”, ele ponderou, “quantas vingarão a honra de um particular?”. E disse que preferia levar o caso aos oficiais de sua arma. Ela respondeu altivamente que não podia esperar. Ele louvou sua suscetibilidade. “Deixe-me ver”, exclamou de repente, “o seu pai tinha carruagem?”. “Não”, disse ela. “Ou um cavalo de raça?” “Tínhamos um burro”, considerou, “que puxava a ceifadeira”. A face dele então se iluminou. “O nome de minha mãe…”, ela acrescentou. “Pelo amor de Deus, não mencione o nome de sua mãe!”, gritou ele, trêmulo como uma vara verde e rubro até a raiz dos cabelos, e só depois de uns dez minutos ela o pôde induzir a prosseguir. Por fim ele decidiu que se ela lhe desse quatro palmadas e meia no meio das costas e num ponto indicado por ele mesmo (a meia concedida, disse, em reconhecimento ao fato de o tio de sua bisavó ter sido morto em Trafalgar), sua opinião era que a honra dela estaria

nova em folha. E assim foi feito; retirando-se a um restaurante, eles beberam duas garrafas de vinho, pelas quais ele insistiu em pagar; e se despediram com protestos de eterna amizade.

Tivemos depois o relato de Fanny sobre sua ida ao Tribunal de Justiça. Na primeira visita ela já chegara à conclusão de que os juízes ou eram feitos de madeira ou personificados por grandes animais semelhantes ao homem que foram treinados para mover-se com extrema dignidade, resmungar e balançar a cabeça. Para testar sua teoria ela abriu um lenço cheio de moscas-varejeiras no momento crítico de um julgamento, mas não foi capaz de julgar se as criaturas davam sinais de humanidade, pois o zumbido das moscas induziu a um sono tão pesado que ela só acordou a tempo de ver os prisioneiros levados para as celas embaixo. Mas pelo seu depoimento decidimos por voto ser injusto supor que os juízes são homens.

Helen foi à Real Academia; porém, quando solicitada a fazer seu relato sobre os quadros, começou a recitar, lendo num volume azul claro: “Oh, o toque de mão que se esvaece, o tom de voz que apazigua. É a casa à caça, a casa à espreita na colina. Ele deu um puxão em suas rédeas. Pouco dura o doce amor. Primavera, meiga primavera, gentil rainha do ano. Estar na Inglaterra, ó, quando lá é abril. Aos homens a pugna, às mulheres o pranto. A trilha do dever é o caminho da glória…”. Não podíamos mais ouvir tanto palavreado.

“Não queremos mais poesia!”, gritamos.

“Filhas da Inglaterra!”, ela começou, mas logo a puxamos para baixo, derramando-se nela, na refrega, uma jarra d’água.

“Por Deus!”, ela exclamou, sacudindo-se como um cachorro. “Agora eu vou rolar no tapete e ver se consigo me livrar do que ainda resta da bandeira do Reino Unido. Depois talvez…”, e nesse ponto, com toda a energia, rolou mesmo. Ao levantar-se, começava a nos explicar como são os quadros modernos quando Castalia a interrompeu.

“Qual o tamanho médio de um quadro?”, perguntou. “Talvez uns setenta por uns noventa centímetros”, ela disse. Castalia tomava notas enquanto Helen falava e, feito isso, quando tentávamos evitar uma o olhar da outra, levantou-se e disse: “Seguindo o que vocês me mandaram, fiquei a semana passada em Oxbridge, disfarçada de arrumadeira. Tive assim acesso aos quartos de vários professores e agora vou tentar lhes dar uma ideia — só que”, interrompeu-se, “não sei como fazer. É tudo tão esquisito. Esses professores”, continuou, “vivem em grandes casas construídas no meio de terrenos gramados, cada qual numa espécie de cela à parte. No entanto eles têm todo o conforto, todas as comodidades. Basta apertar um botão ou acender uma lâmpada. Seus papéis estão sempre perfeitamente arquivados. Livros não faltam. Não há crianças nem

animais, salvo uma meia dúzia de gatos errantes e um velho passarinho de canto — um macho. Lembro", contou ela, "de uma tia minha que morava em Dulwich e criava cactos. Chegava-se à estufa pela dupla sala de visitas, e lá, sobre os canos de água quente, eles se achavam às dúzias, feios, atarracados, miúdos, espinhentos, cada qual em seu vaso. O aloé só florescia uma vez em cem anos, disse minha tia. Mas ela morreu antes de isso acontecer…". Nós lhe pedimos que não fugisse do assunto. "Bem", retomou ela, "quando o professor Hobkin estava fora eu examinei o trabalho de sua vida, uma edição de Safo. É um livro de aparência muito estranha, com um meio palmo de grossura, nem tudo de Safo. Oh, não. A maior parte é uma defesa da castidade de Safo, que certos alemães haviam negado, e posso garantir-lhes qual não foi meu espanto ante o ardor com que esses dois cavalheiros discutiram, a erudição que demonstraram, a prodigiosa inocência com que se altercaram quanto ao uso de determinado implemento que para mim era em todos os respeitos semelhante a um grampo de cabelo; especialmente quando a porta se abriu e o próprio Professor Hobkin apareceu. Um senhor idoso, bondoso, afável, mas que podia *ele* saber de castidade?". Nós não a entendemos direito.

"Não, não", protestou ela, "ele é a honra em pessoa, tenho certeza — não se parece nem um pingo com o capitão de Rose. Eu estava pensando era nos cactos de minha tia. Que poderiam *eles* saber de castidade?".

De novo lhe dissemos para não se afastar do ponto — contribuíam os professores de Oxbridge para formar boas pessoas e produzir bons livros? — o objetivo da vida.

"E essa agora!", exclamou ela. "Nem lembrei de perguntar. Nunca me ocorreu que eles fossem capazes de formar ou produzir qualquer coisa."

"Creio", disse Sue, "que você cometeu um erro. Provavelmente o professor Hobkin era ginecologista. Um erudito é um tipo de homem muito diferente. O erudito transborda de inventividade e bom humor — talvez um pouco dependente do vinho, mas e daí? — um ótimo companheiro, generoso, sutil, imaginativo — como o bom senso indica. Pois ele passa sua vida na companhia dos melhores seres humanos que jamais existiram.

"Hum", disse Castalia. "Talvez fosse melhor eu voltar lá e tentar de novo."

Aconteceu de eu me achar sozinha, cerca de três meses depois, quando Castalia entrou. Não sei bem o que em sua aparência me impressionava; mas não pude refrear-me e, precipitando-me pelo quarto, apertei-a nos braços. Não somente ela estava muito bonita; parecia também irradiar alegria. "Que ar mais feliz!", exclamei enquanto se sentava.

"Estive em Oxbridge", ela disse.

"Fazendo perguntas?"

“Respondendo”, retrucou.

“Não quebrou nosso voto, não é?”, disse eu, ansiosa, notando algo em sua expressão.

“Oh, o voto”, disse ela descuidadamente. “Eu vou ter um filho, se é isso que você quer saber. Você não pode imaginar”, explodiu, “como é estimulante, como dá satisfação, como é bonito…”.

“O quê?”, perguntei.

“Ah — bem — responder perguntas”, respondeu ela meio confusa. E aí me contou a história toda. Mas, no meio de uma narrativa que me interessava e excitava mais do que qualquer outra coisa que eu jamais tinha ouvido, deu ela o mais estranho dos gritos, mistura de oi e opa…

“Castidade! Castidade! Onde está minha castidade?”, gritava. “Socorro, me acudam! A garrafa de cheiro!”

Não havia nada no quarto, a não ser um frasco com mostarda, que eu já estava a ponto de lhe administrar quando ela recuperou a calma.

“Você devia ter pensado nisso há três meses”, disse eu severamente.

“É verdade”, retrucou ela. “Não adianta muito pensar nisso agora. Por sinal, pôr em mim esse nome de Castalia foi uma ideia infeliz de minha mãe.”

“Oh, Castalia, sua mãe…” Quando eu mal começava ela alcançou o pote de mostarda.

“Não, não, não”, disse balançando a cabeça. “Se você fosse mesmo casta, teria soltado um berro ao me ver — não ia se atirar pelo quarto para me tomar em seus braços. Não, Cassandra. Nenhuma de nós duas é casta.” E assim nós fomos conversando.

Enquanto isso o quarto foi se enchendo, pois era o dia marcado para discutirmos os resultados de nossas observações. Todas, parecia-me, sentiam-se como eu em relação a Castalia. Beijavam-na, diziam como estavam contentes por revê-la. Por fim, com o grupo completo, Jane se levantou, disse que era hora de começar. E começou por lembrar que já havia cinco anos que vínhamos fazendo perguntas e que, apesar de os resultados não serem conclusivos — aí Castalia me deu uma cotovelada, cochichando não estar assim tão certa disso. Depois se levantou, interrompeu Jane no meio de uma frase e disse:

“Antes de você falar mais, quero saber — posso ficar no quarto? Porque”, acrescentou, “tenho de confessar que sou uma mulher impura”.

Todas olharam para ela espantadas.

“Você vai ter um filho?”, perguntou Jane.

Ela confirmou com a cabeça.

Foi extraordinário ver a expressão dos diferentes rostos. Uma espécie de zumbido percorreu o quarto, no qual eu pude distinguir palavras como “impura”,

“bebê”, “Castalia”, e assim por diante. Jane, ela mesma consideravelmente abalada, foi que nos colocou a questão:

“Ela deve sair? É impura?”.

A barulhada que se fez pelo quarto poderia ter sido ouvida na rua.

“Não! Não! Não! Ela fica! Impura? Bobagem!” Mas percebi que algumas das mais novas, meninas de dezenove ou vinte, tinham ficado bem por trás, como se a timidez as dominasse. Todas nós a rodeamos, fazendo-lhe perguntas, e por fim vi uma das novas, até então lá no fundo, aproximar-se timidamente e dizer-lhe:

“Mas então o que é castidade? É uma coisa boa, é uma coisa ruim ou afinal não é nada?” E ela respondeu tão baixo que nem pude entender o que dizia.

“Fiquei chocada, sabe”, disse outra, “mas só por uns dez minutos”.

“Em minha opinião”, disse Poll, que estava se tornando irritável de tanto ler na Biblioteca de Londres, “a castidade não é nada a não ser ignorância — um estado de espírito dos mais lamentáveis. Na nossa sociedade só deveríamos admitir as não castas. Proponho que Castalia seja a nossa Presidente”.

O que causou profunda dissensão.

“É tão injusto marcar uma mulher por castidade como por não castidade”, disse Poll. “Muitas de nós nem têm a oportunidade. Além do mais, não creio que a própria Cassy sustente ter agido como agiu por um puro amor ao conhecimento.”

“Ele só tem vinte e dois anos e é divinamente bonito”, disse Cassy com um gesto exuberante.

“Proponho”, disse Helen, “que a ninguém se permita falar de castidade ou não-castidade, a não ser às que estão amando”.

“Nem vem”, disse Judith, que havia pesquisado sobre questões científicas, “não estou amando e sim desejosa de explicar minhas medidas para a isenção de prostitutas e virgens fertilizadoras por Ato do Parlamento”.

E foi em frente, falando-nos de um invento dela, para ser instalado em estações de metrô e outros lugares públicos, o qual, com o pagamento de uma modesta taxa, salvaguardaria a saúde da nação, atendendo a seus filhos, e aliviando ao mesmo tempo as filhas. Além disso ela concebera um método para preservar em tubos lacrados os embriões de futuros Presidentes da Câmara “ou de poetas ou pintores ou músicos”, prosseguiu, “supondo-se, por assim dizer, que essas raças não estejam extintas e que as mulheres ainda queiram ter filhos…”.

“Claro que queremos ter filhos!”, gritou Castalia impacientemente. Jane bateu na mesa.

“Foi para discutir este ponto que nos reunimos”, disse. “Há cinco anos

tentamos descobrir se estamos justificadas em dar continuidade à raça humana. Castalia já antecipou nossa decisão. Faltam agora as conclusões de cada uma de nós."

Uma após outra, nossas enviadas se ergueram e apresentaram então seus relatórios. As maravilhas da civilização excediam em muito nossas expectativas e, ao saber pela primeira vez como o homem voa no ar, como fala através do espaço, como penetra no interior de um átomo, como abrange o universo inteiro em suas especulações, um murmúrio de admiração nos veio aos lábios.

“Dá-nos orgulho”, exclamamos, “que nossas mães tenham sacrificado sua juventude por uma causa como essa!”. Castalia, que a tudo ouvia com a maior atenção, parecia a mais orgulhosa de todas. Então Jane nos lembrou de que ainda tínhamos muito o que aprender, e Castalia pediu que nos apressássemos. Lá fomos pois por um vasto emaranhado de estatísticas. Soubemos que a Inglaterra tem uma população de tantos milhões, uma ou certa proporção da qual vive constantemente faminta e na prisão; qual o tamanho médio da família de um trabalhador e que uma grande porcentagem de mulheres morre de doenças decorrentes do parto. Foram lidos relatórios de visitas a fábricas, ao comércio, a bairros pobres e às docas. Foram feitas descrições da Bolsa de Valores, de uma gigantesca casa de negócios no centro de Londres e de uma repartição pública. Foram também discutidas as colônias britânicas, prestando-se informações sobre o domínio que exercemos na Índia, na África e na Irlanda. Eu, sentada ao lado de Castalia, notei seu desassossego.

“Nunca chegaremos a uma conclusão nesse ritmo”, disse ela. “Como a civilização se mostra muito mais complexa do que imaginávamos, não seria melhor nos limitarmos à nossa indagação original? Concordamos que o objetivo da vida era formar boas pessoas e produzir bons livros. Mas esse tempo todo nós só falamos de fábricas, aeroplanos, dinheiro. Vamos falar dos próprios homens, e de suas artes, pois este é o cerne da questão.”

Deram assim um passo à frente as que tinham jantado fora, com tiras de papel com as respostas às perguntas feitas, formuladas depois de muitas considerações. Um bom homem, concordáramos, ao menos deveria ser honesto, apaixonado e desinteresseiro. Mas só fazendo perguntas, e partindo em geral de uma distância bem remota do centro, era possível descobrir se determinado homem possuía ou não tais virtudes. Kensington é um bom lugar para se morar? Onde é que seu filho estuda — e sua filha? Agora me diga, por favor, quanto custam seus charutos? Sir Joseph, por falar nisso, é baronete ou apenas cavaleiro? Frequentemente parecia que aprendíamos mais com questões triviais desse tipo do que com as perguntas mais diretas. “Aceitei meu pariato”, disse Lord Bunkum, “porque minha mulher queria”. Quantos títulos foram aceitos

pela mesma razão, nem lembro mais. “Trabalhando quinze das vinte e quatro horas do dia, como eu…”, assim começavam dez mil profissionais.

“Não, não, naturalmente o senhor não sabe ler nem escrever. Mas por que trabalha tanto?” “Minha senhora, com a família crescendo…” “Mas *por que* sua família cresce?” Suas esposas também queriam isso, ou talvez fosse o Império Britânico. Mais significativas do que as perguntas, porém, eram as negativas a responder. Bem poucos respondiam todas as perguntas sobre religião e moralidade, e as respostas que eram dadas, não eram sérias. Perguntas sobre o valor do dinheiro e do poder invariavelmente eram postas de lado, ou contrapostas, com extremo risco, à entrevistadora. “Estou certa de que”, disse Jill, “se ele não estivesse cortando a costeleta quando eu lhe perguntei sobre o sistema capitalista, Sir Harley Tightboots teria me cortado o pescoço. A única razão que nos fez escapar tantas vezes vivas é que os homens são, ao mesmo tempo, tão esfomeados e tão cavalheirescos. Eles nos desprezam demais para ligar para o que nós dizemos”.

“Claro que nos desprezam”, disse Eleanor. “Ao mesmo tempo, fiz pesquisa entre os artistas — como se explica isto: nunca houve uma mulher artista, não é mesmo, Poll?”

“Jane—Austen—Charlotte—Brontë—George—Eliot”, gritou Poll, como um ambulante apregoando quitutes numa rua dos fundos.

“Maldita mulher!”, exclamou alguém. “A mulher é uma chata.”

“Desde Safo não se tem visto uma mulher de primeira grandeza…”, começou Eleanor, lendo nas páginas de um semanário.

“Já é agora bem sabido que Safo foi invenção algo libidinosa do professor Hobkin”, interrompeu Ruth.

“Seja como for, não há razão para supor que alguma mulher já foi capaz ou um dia será capaz de escrever”, continuou Eleanor. “No entanto, quando estou entre autores, eles nunca deixam de me falar dos seus livros. Magistral! digo eu, ou: nem o próprio Shakespeare! (pois é preciso dizer alguma coisa), e garanto que eles acreditam em mim.”

“Mas isso não prova nada”, disse Jane. “Todos fazem o mesmo. O problema”, suspirou, “é que isso não parece *nos* ajudar muito. Talvez fosse melhor examinarmos agora a literatura moderna. Liz, é a sua vez”.

Elizabeth se levantou e disse que, para fazer sua pesquisa, teve de se vestir de homem e passar por resenhista de livros.

“Li livros novos praticamente sem parar durante os últimos cinco anos”, disse ela. “Wells é o mais popular dentre os autores vivos; depois vem Arnold Bennett; depois é Compton Mackenzie; McKenna e Walpole podem ser postos juntos.” E aí sentou-se.

“Mas você não nos disse nada”, reclamamos. “Ou estará querendo dizer que esses senhores ultrapassaram em muito Jane—Eliot e que a ficção inglesa está — onde está mesmo aquela sua resenha? — Ah, sim, ‘está bem entregue nas mãos deles’”.

“Bem entregue, garantida”, disse ela, mudando intranquilamente de pé. “E estou certa de que eles dão ainda mais do que recebem.”

Disso estávamos todas certas. “Mas eles”, pressionamo-la, “eles escrevem bons livros?”.

“Bons livros?”, disse ela, olhando para o teto. “Vocês devem se lembrar”, continuou, falando com extrema rapidez, “de que a ficção é o espelho da vida. E não podem negar que a educação é da maior importância, e que seria imensamente desagradável achar-se você sozinha em Brighton, tarde da noite, sem saber qual a melhor pensão onde ficar e, supondo-se que fosse uma tarde chuvosa de domingo — não seria bom ir ao cinema?”.

“Mas o que é que isto tem a ver com aquilo?”, perguntamos.

“Nada — nada — nada de nada”, respondeu ela.

“Diga-nos então a verdade”, pedimos.

“A verdade? Pois não é uma maravilha?”, ela se abriu: “Há trinta anos que Mr. Chitter escreve um artigo semanal sobre o amor ou sobre torradas amanteigadas quentes e com isso mandou todos os filhos para Eton…”.

“A verdade!”, exigimos.

“Oh, a verdade”, ela gaguejou, “a verdade não tem nada a ver com a literatura”, e recusou-se, sentando-se, a dizer qualquer coisa mais.

Tudo era, a nosso ver, muito inconclusivo.

“Senhoras, temos de tentar resumir os resultados”, ia dizendo Jane, quando um rumor, que há algum tempo já se ouvia pela janela aberta, abafou sua voz.

“Guerra! Guerra! Guerra! Declaração de guerra!”, gritavam homens na rua embaixo.

Entreolhamo-nos horrorizadas.

“Que guerra?”, gritamos. “Que guerra?” Lembramo-nos, mas tarde demais, de que nunca tínhamos pensado em mandar ninguém para a Câmara dos Comuns. A respeito disso, esquecêramos tudo. Viramo-nos então para Poll, que alcançara as prateleiras de história da Biblioteca de Londres, pedindo-lhe que nos esclarecesse.

“Por que”, gritamos, “os homens entram em guerra?”.

“Às vezes por uma razão, às vezes por outra”, explicou ela calmamente. “Em 1760, por exemplo… ” A berraria lá fora sobrepôs-se às suas palavras. “Novamente em 1797 — e em 1804 — em 1866 foram os austríacos — em 1870, os franco-prussianos — em 1900, por outro lado…”

“Mas já estamos em 1914”, interrompemos.
“Ah, agora”, ela admitiu, “não sei por que é que estão em guerra não”.

* * *

A guerra tinha acabado e a paz já estava sendo assinada quando estive mais uma vez com Castalia no quarto onde costumeiramente ocorriam nossos encontros. Logo nos pusemos a revirar as páginas de nossos velhos cadernos de anotações. “É gozado”, refleti, “ver o que nós pensávamos há cinco anos”. “Concordamos”, citou Castalia, lendo por cima do meu ombro, “que o objetivo da vida é formar boas pessoas e produzir bons livros”. Não fizemos o menor comentário a *isso.* “Um bom homem deve ao menos ser honesto, apaixonado e desinteresseiro.” “Que linguagem de mulher!”, observei. “Oh, querida”, exclamou Castalia, afastando o livro de si, “como éramos tolas! E tudo por culpa do pai de Poll”, continuou. “Aquilo que ele fez de propósito — aquele testamento ridículo, aquela cláusula obrigando Poll a ler todos os livros da Biblioteca de Londres. Se não tivéssemos aprendido a ler”, disse ela amargamente, “ainda poderíamos estar tendo filhos na ignorância, e afinal essa seria, creio eu, a mais feliz das vidas. Sei o que você há de dizer sobre a guerra”, examinou-me, “e o horror que é ter filhos para os ver mortos, mas nossas mães passaram por isso, e as avós, e as bisavós, e *nenhuma* reclamou. Elas não sabiam ler. Eu mesma fiz o que pude”, suspirou, “para impedir minha filhinha de aprender a ler, mas de que adianta? Ontem mesmo peguei Ann com um jornal na mão, e logo ela foi me perguntando se ele dizia ‘a verdade’. Em breve me perguntará se Mr. Lloyd George é um bom homem, depois se Mr. Arnold Bennett é um bom romancista e finalmente se eu acredito em Deus. Como posso educar minha filha sem nada no que acreditar?”, perguntou.

“Certamente você poderia ensiná-la a crer que o intelecto do homem é e será sempre fundamentalmente superior ao da mulher?”, sugeri eu. Com isso ela se animou e voltou a revirar os nossos velhos cadernos. “Sim”, disse, “pense nas descobertas, na matemática, na ciência, na filosofia, na erudição deles…”, e aí começou a rir, “nunca vou me esquecer do velho Hobkin e o grampo de cabelo”, acrescentou, e continuou lendo e rindo e eu já achava que estava muito feliz quando de repente ela jogou o livro de lado e exclamou: “Oh, Cassandra, por que você me atormenta? Você não sabe que nossa crença no intelecto do homem é a maior falácia de todas?”. “O quê?”, exclamei eu. “Pergunte a qualquer jornalista, mestre-escola, político ou dono de botequim do país e todos eles lhe dirão que os

homens são muito mais inteligentes do que as mulheres.” “Como se eu duvidasse disso”, disse com escárnio. “Como ser de outro modo? Não fomos nós que os criamos e nutrimos e mantivemos em conforto desde o começo dos tempos para que eles pudessem ser inteligentes, mesmo que não sejam nada além disso? Foi feito por nós, o que aí está!”, gritou. “Quisemos tanto ter intelecto, que agora temos de sobra. É o intelecto”, continuou, “que está na base de tudo. O que há de mais encantador que um garoto, antes de começar a cultivar seu intelecto? É bonito de ver; não se dá ares de importância: compreende instintivamente o significado da arte e da literatura; anda por aí aproveitando sua vida e fazendo com que outros aproveitem também as suas. Mas aí lhe ensinam a cultivar seu intelecto. Ele se torna um advogado, um funcionário público, um general, um autor, um professor. Todos os dias vai para o escritório. Todos os anos produz um livro. Mantém toda uma família com as produções do seu cérebro — pobre coitado! Em breve não poderá entrar num quarto sem que nos sintamos todas incomodadas; ele se mostra condescendente com qualquer mulher que encontra, e nem sequer à própria esposa ousa dizer a verdade; se tivermos de tomá-lo nos braços, temos de fechar nossos olhos, não de alegrá-los. Na verdade eles se consolam com estrelas em todos os formatos, com faixas de todas as cores e com todos os montantes de renda — mas o que temos nós para nos consolar? Que dentro de dez anos seremos capazes de passar uma semana em Lahore? Ou que o menor inseto do Japão tem um nome que é o dobro da extensão de seu corpo? Oh, Cassandra, pelo amor de Deus, vamos inventar um método que permita aos homens terem filhos! É a nossa única esperança. Pois, a não ser que lhes propiciemos uma ocupação inocente, não teremos boas pessoas, nem sequer bons livros; pereceremos sob os frutos de sua desembestada atividade; e não sobreviverá nem mesmo um ser humano para saber que outrora existiu Shakespeare!”.

“Já é tarde demais”, repliquei. “Não podemos nem cuidar dos filhos que já temos.”

“E você quer que eu acredite em intelecto?”, ela disse.

Enquanto conversávamos, homens roucos e exaustos gritavam pela rua e, ouvindo-os, ficamos sabendo que o Tratado de Paz tinha sido assinado havia pouco. As vozes foram sumindo ao longe. A chuva caía e por certo interferia com a correta explosão dos fogos de artifício.

“Minha empregada já terá comprado o *Evening News*”, disse Castalia, “que Ann deve estar soletrando enquanto toma seu chá. Tenho de ir para casa”.

“Não adianta — não adianta nada”, disse eu. “Depois que ela aprender a ler, somente numa coisa você poderá ensiná-la a acreditar — nela mesma.”

“Bem, já seria uma mudança”, disse Castalia.

Passamos pois a mão nos papéis da nossa Sociedade e, embora Ann estivesse brincando com a sua boneca na maior felicidade, solenemente a presenteamos com o monte, dizendo-lhe que a tínhamos escolhido para ser a Presidente da Sociedade do futuro — com o que a coitadinha caiu em prantos.

SEGUNDA OU TERÇA

Preguiçosa e indiferente, arredando espaço de suas asas com a maior facilidade, e sabendo o caminho, a garça passa embaixo do céu por sobre a igreja. Branco e distante, absorto em si mesmo, infinitamente o céu cobre e descobre, fica e se afasta. Um lago? Apague logo sua margem! A montanha? Oh, é perfeita — dourando ao sol sua encosta. Ora desce, descai. E depois samambaias, ou penas brancas, incessantemente…

Desejando a verdade, à espera dela, destilando laboriosamente algumas palavras, desejando sem parar — (parte um grito da esquerda, depois outro à direita. Movem-se rodas que divergem. Ônibus se conglomeram em conflito) — sem parar desejando — (o relógio assevera com doze badaladas distintas que é meio-dia; escamas de ouro se desprendem da luz; crianças se embolam) — desejando eternamente a verdade. Vermelha é a cúpula; há moedas penduradas nas árvores; a fumaça se espicha pelas chaminés; clamam, berram, gritam “ferro à venda” — e a verdade?

Propagando-se até um ponto nos pés de homens e mulheres, com incrustações douradas ou negras — (Esse tempo nevoento — Açúcar? Não, obrigado — A comunidade do futuro) —, a luz do fogo se arremessa e avermelha toda a sala, exceto as figuras negras e seus brilhantes olhos, enquanto lá fora um carro descarrega, Miss Thingummy toma chá à sua mesa e casacos de pele são preservados em vidro…

Agitada, folha-luz, levada pelas esquinas, soprada por entre as rodas, salpicada de prata, em casa ou fora de casa, juntada, espalhada, derramada em separadas escamas, varrida para lá e para cá, dilacerada, deprimida, reunida — e a verdade?

Agora refazer-se ao lado do fogo no quadrado branco de mármore. Vindas de ebúrneas profundidades, palavras soltam seu negrume ao se erguer, florescem, penetram. Caído o livro; na chama, na fumaça, nas fagulhas momentâneas — ou agora viajando, o quadrado de mármore pendente, por baixo minaretes e os mares da Índia, enquanto o espaço corre azul e as estrelas cintilam — a verdade? ou, agora, satisfação com a reclusão?

Preguiçosa e indiferente a garça retorna; o céu cobre com véu suas estrelas; depois desnuda-as.

O QUARTETO DE CORDAS

Bem, cá estamos, e se você correr os olhos pela sala verá que bondes, metrôs e ônibus, não poucas carruagens particulares e até, ouso crer, landaus puxados por cavalos baios participaram de tudo, trançando fios de uma à outra extremidade de Londres. No entanto, começo a ter minhas dúvidas…

Se de fato for verdade, como estão dizendo, que a Regent Street está fervilhando, que o Tratado foi assinado, que para a época do ano o tempo não está frio, que nem por muito de aluguel se arranja apartamento e que o pior da gripe são as consequências; se me ocorre pensar ter esquecido de escrever sobre a goteira na despensa, e que deixei minha luva no trem; se os laços de sangue mandam-me, a mim que me dobro à frente, aceitar cordialmente a mão que se oferece talvez com hesitação…

“Há sete anos não nos víamos.”

“A última vez foi em Veneza.”

“E onde você está morando agora?”

“Bem, para mim é melhor no fim da tarde, se bem que, se não fosse pedir muito…”

“Mas eu logo a reconheci.”

“É, a guerra abriu uma brecha…”

Se é a mente varada por tais insignificantes flechinhas, e se — pois que a tanto compele a sociedade humana — assim que uma é disparada, já outra pressiona à frente; se isso gera calor e se, em acréscimo, acenderam a luz elétrica; se dizer uma coisa, em tantos casos, deixa por trás uma necessidade de rever, de melhorar, revolvendo além do mais nos lamentos, prazeres, vaidades, desejos — se são todos os fatos a que me refiro, os chapéus, os boás de pele, as

casacas dos cavalheiros e os alfinetes de gravata de pérola que vêm à superfície — qual é a chance?

De quê? A cada minuto se torna mais difícil dizer por que, a despeito de tudo, sento-me aqui acreditando que agora eu não posso dizer de quê, nem mesmo me lembrar da última vez em que isso aconteceu.

“Você viu o desfile?”

“O rei parecia tão frio.”

“Não, não, não. Mas o que era mesmo, hein?”

“Ela comprou uma casa em Malmesbury.”

“Que sorte, achar uma!”

A mim, pelo contrário, parece mais que certo ela estar, seja ela quem for, é desgraçada, já que é tudo uma questão de casotas e chapéus e gaivotas, ou assim parece ser para a centena de pessoas bem-vestidas, emparedadas, empelicadas, repletas que aqui tomaram assento. Não que eu possa me gabar, pois também passivamente me sento numa poltrona dourada, e apenas reviro a terra, como fazemos todos nós, sobre uma memória sepulta, pois há sinais, se não me engano, de que todos estamos lembrando de uma coisa, furtivamente à procura de uma coisa. Por que se inquietar? Por que tanta ansiedade sobre o acerto das roupas; das luvas — desabotoá-las ou não? Observe a seguir o rosto idoso, em destaque na tela escura, há um momento cortês e enrubescendo; agora triste e taciturno, como que na sombra. Era o som do segundo violino a se afinar na antes-sala? Aí vêm eles; quatro negras figuras com instrumentos, que se sentam de frente para os quadrados brancos sob a torrente de luz; pousam as pontas de seus arcos na estante de música; com um movimento simultâneo os levantam; bem de leve os mantêm em suspensão e, olhando para o instrumentista à sua frente, o primeiro violino conta um, dois, três…

Que floresça a primavera, que o broto nasça! Há uma pereira no alto da montanha. Jorram fontes; caem gotas. O Ródano porém corre profundo e célere, precipita-se por sob as arcadas e arrasta as folhas que boiavam sobrando, lançando sombras nos peixes prateados, nos peixes malhados impelidos ao fundo pelas águas velozes e ora puxados por um redemoinho para — como é difícil isto — a conglomeração de todos num poço; peixes que saltam, que espadanam, que afiam suas nadadeiras cortantes; e tal a agitação da corrente que os seixos amarelos rolados vão se tornando cada vez mais redondos, roliços, rotundos — livres agora, quando se precipitam ao fundo, ou mesmo ascendem de algum modo no ar em espirais primorosas; que se enrolam, como aparas tiradas por uma plaina; e não param de subir… Como é bela a bondade em quem, pisando de leve, passa sorrindo pelo mundo! E também em velhas e animadas peixeiras que se agacham debaixo das arcadas, pândegas e obscenas velhotas que, ao

andarem de um lado para outro, hum, ah!, riem às gargalhadas, sacudindo-se a mais não poder.

“Isto é do jovem Mozart, naturalmente…”

“Mas a melodia, como todas as melodias dele, leva ao desespero — ou melhor, à esperança. Que é que eu quero dizer? Que o pior da música é isto! Quero dançar, rir, comer bolos cor-de-rosa, bolos amarelos, beber vinho suave ou forte. Ou, agora mesmo, uma anedota indecente — bem que me agradaria. Quanto mais velha uma pessoa fica, mais gosta de imoralidades. Ra-ra-ra! eu estou rindo. De quê? Nem você, nem o senhor idoso do outro lado, nada disseram… Mas suponha que — suponha — Silêncio!”

O rio da melancolia nos leva. Quando a lua penetra por entre os ramos pendentes do salgueiro, vejo seu rosto, ouço sua voz e os passarinhos cantando ao passarmos pelo canteiro de vime. O que dizem seus murmúrios? Aflição, aflição. Alegria, alegria. Trançadas juntas, inextricavelmente mescladas, ligadas pela dor e juncadas de sofrimento — até se romper!

O barco afunda. Soerguendo-se, as figuras ascendem, mas finas como folhas agora, e gradualmente se reduzem a um nevoento espectro que, com as extremidades em fogo, arranca-me do coração sua paixão dobrada. Para mim ele canta, deslacra minha dor, induz à compaixão, inunda de amor o mundo sem sol, não reprime, cessando, sua ternura, mas ágil e sutilmente tece para dentro e para fora, até que neste padrão, nesta consumação, venha unificar as fendas; voar, soluçar, afundar em repouso, aflição e alegria.

Então, por que se atormentar? Pedir o quê? Continuar insatisfeita? Digo que tudo está resolvido; sim; posto para descansar debaixo de uma colcha de folhas de roseira caindo. Caindo. Ah, mas elas param. Uma folha de roseira, caindo de enorme altura, como um pequeno paraquedas lançado de um balão invisível, vira-se, adeja indecisamente. Não conseguirá alcançar-nos.

“Não, não. Não notei nada. O pior da música é isto — estes sonhos absurdos. O segundo violino se atrasou, é?”

“É a velha Mrs. Munro, sentindo que está no fim — cada ano mais cega, coitada — neste piso escorregadio.”

Velhice sem olhos, esfinge de cabeça grisalha… Lá está ela na calçada, fazendo sinal, na maior austeridade, para o ônibus vermelho.

“Como foi bom! Como eles tocam bem! Como — como — como!”

A língua não passa de uma matraca. A própria simplicidade. As penas do chapéu a meu lado são reluzentes e deleitam como um matraquear de crianças. A folha do plátano cintila em verde pela fresta da cortina. Muito estranho, muito emocionante.

“Como — como — como!” Chega!

Estes aqui são os namorados na grama.

“Se aceitar minha mão, madame…”

“Bem que eu lhe confiaria, senhor, meu coração. Mas acontece que deixamos nossos corpos no salão de banquete. São as sombras de nossas almas que se estendem na grama.”

“São nossas almas então que assim se acariciam.” Os limoeiros acenam em concordância. O cisne se desloca da margem e, sonhador, vai nadando para o meio da água.

“Mas, para voltar. Ele me seguiu pelo corredor abaixo e, quando dobramos a esquina, pisou nas rendas da minha anágua. O que eu podia fazer senão gritar ‘Ah!’ e parar para ajeitá-las? Nisso ele desembainhou sua espada, deu alguns golpes como se a fosse cravar para matar e gritou: ‘Louca! Louca! Louca!’. Tendo eu aí dado um berro, o Príncipe, que estava escrevendo no grande livro em velino à janela em sacada, saiu com seu gorro de veludo e seus chinelos forrados para arrancar da parede uma espada de dois gumes — presente do rei da Espanha, sabe — e foi nessa que escapei, me enrolando bem na capa para esconder os estragos na minha saia — para esconder… Mas ouça! as trompas!”

O cavalheiro responde com tal rapidez à dama, e ela sobe na escala com tão espirituosa troca de atenções, a culminar agora num apaixonado soluço, que as palavras são indistinguíveis, embora seu significado seja bastante claro — amor, riso, arroubo, perseguição, ventura celestial — tudo flutuando às claras no mais alegre encrespar-se de carinhosa estima — até que o som das trompas prateadas, a princípio muito distante, pouco a pouco adquire cada vez mais clareza, como se houvesse senescais saudando a aurora ou proclamando ominosamente a escapada dos amantes… O jardim verde, poça enluarada, os limoeiros, os namorados e os peixes estão todos dissolvidos no céu de opala, pelo qual, quando as trompas se juntam a trompetes e são acompanhadas por clarins, sobem arcadas brancas apoiadas firmemente em pilares de mármore… Caminhar e clarinar. Clangorar e clangor. Firme estabelecimento. Fixas fundações. Marcha de miríades. Confusão e caos postos por terra. A cidade para a qual viajamos não tem pedra nem mármore; mas paira duradoura; permanece inabalável; nenhum rosto, nenhuma bandeira para saudar ou dar as boas-vindas. Deixe então perecer sua esperança; e minha alegria esmorecer no deserto; avance nua. Há nudez nos pilares; jamais auspiciosos; jamais lançando sombras; resplandecentes; severos. Caio pois de regresso, não mais ansiosa, desejando apenas ir, achar a rua, marcar bem os prédios, cumprimentar a vendedora de maçãs, dizer para a empregada que vem abrir a porta: Uma noite estrelada.

“Boa noite, boa noite. Você vai para lá?”

“Ah, não! Vou para cá.”

AZUL E VERDE

VERDE

Os dedos de vidro pendurados apontam para baixo. A luz, ao deslizar pelo vidro, derrama uma poça verde. O dia inteiro os dez dedos do lustre derramam verde no mármore. As penas dos periquitos — seus gritos dissonantes — cortantes lâminas de palmeiras — verdes também; verdes agulhas reluzindo no sol. Mas não para o duro vidro de gotejar sobre o mármore; sobre a areia do deserto as poças ficam suspensas; por elas cambaleiam camelos; as poças se assentam no mármore; juncos as margeiam; e ervas se grudam nelas; aqui e ali uma flor branca; o sapo salta por cima; de noite as estrelas são afixadas intactas. Aproxima-se a noite, e o verde, varrido pela sombra, vai para cima da lareira; a superfície enrugada do oceano. Não há navios chegando; as ondas a esmo balançam sob o céu vazio. A noite avança; das agulhas agora pingam traços de azul. O verde ficou de fora.

AZUL

O monstro de nariz achatado surge na superfície e esguicha por suas rudes narinas duas colunas de água que, de um branco ardente no centro, ao redor se espalham numa orla de borrifos azuis. A tela preta do seu couro é riscada por pinceladas azuis. Enchendo-se de água pela boca e as narinas, pesado de tanta água ele afunda, e o azul se fecha sobre ele, a procurar por artes mágicas os seixos polidos dos seus olhos. Lançado à praia ei-lo que jaz, rude, obtuso, soltando escamas secas e azuis. O azul metálico delas mancha na praia o ferro enferrujado. São azuis as nervuras do barco a remo que afundou. Sob os sinos azuis rola uma onda. Mas é diferente o da catedral, frio, cheio de incenso, um azul desmaiado, com véus de madonas.

1922-1925

UMA ESCOLA DE MULHERES VISTA DE FORA

A lua, com seu branco plumoso, nunca deixava o céu ficar escuro; a noite inteira eram brancas contra o verde as flores do castanheiro, como indistinta pelos prados era a salsa-do-campo. Nem à Tartária nem à Arábia ia o vento dos pátios de Cambridge, mas mergulhava sonhador em meio a nuvens cinza-azuladas sobre os telhados de Newnham. Lá no jardim, se precisasse de espaço para andar, ela o encontraria entre as árvores; e, como apenas faces de mulheres poderiam encontrar sua face, tirando o véu ela seria capaz de a revelar apática, inexpressiva, e fixar o olhar nos quartos onde, àquela hora, apáticas, inexpressivas, pálpebras brancas sobre os olhos, mãos sem anéis sobre lençóis, dormiam numerosas mulheres. Mas aqui e ali ainda havia uma luz acesa.

No quarto de Angela, poder-se-ia imaginar uma luz dupla, tendo em vista quão luminosos eram não só a própria Angela, mas também seu reflexo que o espelho quadrado devolvia. Toda ela perfeitamente delineada – até a alma talvez. Pois o espelho apresentava uma imagem que era incapaz de tremer – branca e dourada, chinelos vermelhos, cabelo claro com pedrinhas azuis, e nunca uma ruga ou sombra para interromper o prolongado beijo de Angela e seu reflexo no espelho, como se ela estivesse radiosa de ser Angela. Radioso, fosse como fosse, era o momento – o quadro reluzente pendurado no coração da noite, o santuário escavado nas trevas. É estranho de fato ter essa prova visível da retidão das coisas; esse lírio a flutuar impecável, e sem medo, sobre as águas do Tempo, como se isto bastasse – este reflexo. Meditação que ela traiu ao virar-se, e o espelho já não exibia mais nada, ou somente a armação da cama, e ela, correndo de lá para cá, pisando de leve e disparando, tornou-se igual a uma mulher numa casa e mudou de novo: franziu os lábios por cima de um livro preto e com seu

dedo marcou o que não seria decerto uma apreensão muito firme da ciência econômica. Somente Angela Williams estava em Newnham com o objetivo de ganhar a vida, não podendo se esquecer, nem mesmo em momentos de adoração apaixonada, dos cheques de seu pai em Swansea; de sua mãe lavando roupa no tanque: vestidos cor-de-rosa para estender no varal; sinais de que nem o lírio ainda flutua impecável sobre as águas, tendo sim, como qualquer um, um nome escrito num cartão.

A. Williams – pode-se ler à luz da lua; e a seguir alguma Eleanor ou Mary, Mildred, Sarah, Phoebe em cartões quadrados nas suas portas. Nada a não ser nomes, apenas nomes. A luz branca e fria os embranquecia e engomava até restar a impressão de que o único objetivo desses nomes todos era se pôr marcialmente em ordem caso houvesse um chamamento a que fossem apagar um incêndio, abafar uma insurreição ou submeter-se a um exame. Tal é o poder dos nomes escritos em cartões afixados nas portas. Tal também a semelhança, vejam-se as telhas, corredores, portas de quartos de dormir, com um convento ou um estábulo, um lugar de reclusão ou disciplina, onde a vasilha de leite se mantém fresca e pura e há muita lavação de roupa.

Neste exato momento partiu de trás de uma porta uma risadaria abafada. Um relógio de voz alambicada batia as horas – uma, duas. Mas, se o relógio estivesse dando ordens, essas eram desobedecidas. Incêndio, insurreição, exame, tudo se cobria de neve com as risadas, ou com jeito era extinto, dando o som a impressão de borbulhar das profundas para meigamente afastar, de um sopro, hora, regras, disciplina. A cama estava cheia de cartas de baralho espalhadas. Sally, no chão. Helena, na cadeira. Bertha, perto da lareira, esquentava as mãos juntas. A. Williams entrou bocejando.

“Porque é profunda e intoleravelmente irritante”, disse Helena.

“Irritante”, ecoou Bertha. E depois bocejou.

“Não somos eunucos.”

“Eu vi quando ela ia escapulindo pelo portão dos fundos, com aquele chapéu velho. Eles não querem que a gente saiba.”

“Eles?”, disse Angela. “Ela.”

Daí as risadas.

As cartas foram dadas, com suas faces vermelhas e amarelas a cair sobre a mesa, e às cartas se atiraram as mãos. Bertha, encostando a cabeça na cadeira, suspirou fundo. Bem que ela teria preferido dormir, mas, já que a noite é um pasto livre, um campo ilimitado, já que a noite é riqueza por moldar, convém abrir na sua escuridão um túnel. Convém cobri-la de joias. A noite era partilhada em segredo, de dia o rebanho todo pastava. A cortina estava aberta. Neblinava no jardim. Sentando-se no chão à janela (enquanto as outras jogavam), corpo,

mente, os dois juntos pareciam levados pelo ar para arrastar-se através do arvoredo. Ah, mas ela queria era esticar-se na cama e dormir! Ninguém sentia como ela, acreditava, um tal desejo de sono; acreditava, humilde – e sonolentamente –, cabeceando e já quase arriando às vezes, que as outras estavam plenamente acordadas. Quando riram todas juntas, um passarinho que dormia pipilou no jardim, como se a risadaria…

Sim, como se a risadaria (pois ela agora cochilava) flutuasse também como a neblina e se amarrasse com tiras de suave elasticidade nos arbustos e nas plantas, tornando vaporoso e anuviado o jardim. A seguir, levados pelo vento, curvar-se-iam os arbustos, sendo o vapor branco soprado pelo mundo afora.

De todos os quartos onde as mulheres dormiam esse vapor emanava, aderindo como neblina às plantas para depois soltar-se livremente no ar. Dormiam mulheres velhas que de imediato empunhariam o bastão de marfim da ordem, se acordassem. Agora, no entanto, tão sem cor e serenas, em repouso profundo, elas jaziam rodeadas, jaziam sustentadas pelos corpos das jovens que ali se recostavam ou iam se agrupar à janela; derramando no jardim suas borbulhantes risadas, sua risadaria irresponsável: um riso de corpo e alma, que punha regras, horas, disciplina a voar para longe: imensamente fertilizador, contudo informe, caótico, arrastando-se erradio e recobrindo de tufos e nesgas de vapor as roseiras.

“Ah”, suspirou Angela, plantada de camisola à janela. Havia dor em sua voz, com a cabeça curvada para fora. A neblina se fendeu como se sua voz a partisse. Enquanto as outras jogavam, ela estivera conversando com Alice Avery sobre o castelo de Bamborough; a cor da areia ao crepúsculo; ao que Alice dissera que ia escrever e anotar o dia, em agosto, e inclinando-se lhe deu um beijo, ou pelo menos tocou sua cabeça com a mão, e Angela, positivamente incapaz de sentar-se quieta, como se um mar encapelado batesse em seu coração, vagou de um lado para outro no quarto (a testemunha de tal cena), mantendo os braços bem abertos para aliviar a emoção, esse espanto ante o incrível abaixamento da árvore milagrosa coroada por um fruto de ouro – que não veio cair em suas mãos? Ela o abrigava junto ao seio, brilhando, coisa para não ser tocada, nem pensada ou comentada, mas para ficar lá em seu brilho. E então, lentamente pondo aqui suas meias, ali seus chinelos, dobrando por cima, com cuidado, a anágua, Angela, cujo sobrenome era Williams, deu-se conta de que – como poderia expressá-lo? – de que após a negra turbulência de uma infinidade de épocas aqui estava a luz no fim do túnel; a vida; o mundo. Embaixo dela – tudo ótimo; tudo adorável. Tal foi sua descoberta.

Como então sentir surpresa, com efeito, se, deitada na cama, ela não conseguia fechar os olhos de vez? – algo voltava irresistivelmente a abri-los – se

na escuridão pouco profunda o gaveteiro e a cadeira pareciam tão majestosos, e tão precioso o espelho, quando cinéreo anunciava o dia? Chupando o polegar feito criança (com dezenove anos feitos em novembro passado), lá ficou ela pois nesse mundo bom, nesse mundo novo, nesse mundo no fim do túnel, até que um desejo de o ver ou de a ele antecipar-se a impeliu a jogar de lado as cobertas para se guiar à janela e lá, ao olhar para o jardim, onde se espalhava a neblina, todas as janelas abertas, com um azul afogueado, com algo murmurando ao longe, o mundo, é claro, e a manhã chegando, “Oh”, gritou ela, como se sentisse uma dor.

NO POMAR

Miranda dormia no pomar, deitada numa espreguiçadeira sob o pé de maçã. Seu livro tinha caído na grama e seu dedo ainda parecia apontar para a frase "*Ce pays est vraiment un des coins du monde où le rire des filles éclate le mieux…*", como se justamente aí ela houvesse começado a dormir. As opalas em seu dedo cambiavam de cor ao faiscar, ora em verde, ora em rosa, ora ainda em laranja, à medida que o sol vinha cobri-las, filtrado pelas macieiras. Depois, quando a brisa soprou, como uma flor presa na haste seu vestido roxo ondulou; dobrou-se a grama; e a borboleta branca, bem por cima do seu rosto, veio esvoaçando a esmo.

No ar, a mais de um metro sobre sua cabeça, as maçãs pendiam. De repente houve um barulho estridente, como se gongos de metal rachado fossem percutidos de um modo irregular, brutal, violento. Eram contudo apenas as crianças da escola recitando a tabuada em uníssono, interrompidas pelo professor, repreendidas, e começando a dizer a tabuada outra vez. Mas o alarido passou a mais de um metro sobre a cabeça de Miranda, enfiou-se nos galhos das macieiras e, ao ir de encontro ao filho do vaqueiro, que estava apanhando amoras na cerca, quando deveria estar na escola, levou-o a rasgar seu polegar no espinhal.

A seguir houve um grito solitário – triste, humano, brutal. O velho Parsley, que estava, de fato, torto de bêbado.

Aí as folhas mais do alto da macieira, planas como peixinhos contra o azul, a mais de três metros sobre a terra, vibraram com uma nota pensativa e lúgubre. Era o órgão da igreja que tocava um dos "Hinos antigos e modernos". O som saía flutuando e era cortado em átomos por um bando de tordos que voava a

enorme velocidade – fosse para onde fosse. Lá embaixo, a mais de três metros, Miranda continuava dormindo.

E aí acima de macieira e pereira, seiscentos metros acima de Miranda a dormitar no pomar, tocaram sinos, surdos, intermitentes, soturnos, didáticos, pois seis pobres mulheres da paróquia eram levadas nesse instante à igreja, dando o pastor graças a Deus por seus dízimos.

E acima disso, com um brusco rangido, a seta dourada da torre da igreja virou de Sul para Leste. O vento tinha mudado. Acima de tudo mais ele zunia, acima das matas, dos pastos, dos morros, quilômetros acima de Miranda que no pomar dormia. Varreu persistente, sem olhos, sem cérebro, nada encontrando para lhe opor resistência, até fazer meia-volta e rumar ao Sul novamente. Quilômetros abaixo, num espaço tão grande quanto um buraco de agulha, Miranda se pôs em pé e gritou: “Oh, vou me atrasar para o chá!”.

Miranda dormia no pomar – ou talvez não dormisse, porque seus lábios se moviam muito de leve, como se estivessem dizendo “*Ce pays est vraiment un des coins du monde… où le rire des filles… éclate… éclate… éclate…*”, e ela sorria e deixava o corpo afundar com todo o peso na terra enorme que se ergue, pensou então, para me levar nas costas como se eu fosse uma folha, ou uma rainha (e aqui as crianças diziam a tabuada), ou, prosseguiu Miranda, eu poderia estar deitada no topo de um penhasco com os gritos das gaivotas por cima. Quanto mais alto elas voam, ocorreu-lhe a seguir, quando o professor ralhou com as crianças e bateu nos nós dos dedos de Jimmy até fazê-los sangrar, mais fundo olham para o mar – para o mar, repetiu, e seus dedos relaxaram e seus lábios se fecharam serenamente, como se ela estivesse flutuando nas ondas, e depois, quando acima da cabeça soou o berro do bêbado, ela respirou num êxtase extraordinário, pois pensou ter ouvido os próprios gritos da vida vindos de uma boca escarlate com sua língua grosseira, do vento, dos sinos, das folhas verdes e curvas dos repolhos.

Naturalmente ela estava se casando quando o órgão atacou a melodia dos “Hinos Antigos e Modernos” e, quando os sinos tocaram depois que as seis pobres mulheres foram levadas à igreja, a intermitência surda e soturna a fez pensar que a própria terra tremia sob os cascos do cavalo que galopava na sua direção (“Ah”, suspirou, “eu só tenho de esperar!”), parecendo-lhe então que para ela e ao redor, até vará-la ao través, tudo havia começado a se mover e gritar, a voar e cavalgar, numa disposição em conjunto.

Mary está rachando lenha, pensou; Pearman está cuidando das vacas; as carroças estão vindo dos pastos; o cavaleiro – e ela traçou as linhas que os

homens, as carroças, os pássaros e o cavaleiro faziam por essa parte do campo até parecer que eram repelidos todos, ao redor e ao través, pelo pulsar do seu próprio coração.

No ar, quilômetros acima, mudou o vento; a seta dourada da torre da igreja rangeu; e Miranda pulou em pé e gritou: “Oh, vou me atrasar para o chá!”.

Miranda dormia no pomar, ou estava ou não estava dormindo? Seu vestido roxo se esticava entre os dois pés de maçã. Havia vinte e quatro macieiras no pomar, umas ligeiramente inclinadas, outras crescendo retas numa investida que ia tronco acima para alargar-se em galhos e formar gotas redondas, vermelhas ou amarelas. Cada macieira tinha bastante espaço. O céu se encaixava à perfeição nas folhas. Quando a brisa soprou, a linha dos ramos contra o muro inclinou-se um pouco, voltando logo depois ao normal. Uma rabirruiva voou em diagonal de um canto a outro. Em pulinhos cautelosos, um tordo se aproximou de uma maçã caída; e um pardal passou rente à grama, vindo do outro muro. A investida das árvores, para o alto, era amarrada, em baixo, por esses movimentos; sendo o todo compactado pelos muros do pomar. A terra, por quilômetros adentro, toda presa e apertada; e na superfície enrugada pelo ar tremulante; além, na extremidade do pomar, uma faixa roxa cortava o verde-azul. Mudando o vento, uma penca de maçãs foi atirada tão alto que eclipsou duas vacas no pasto (“Oh, vou me atrasar para o chá!” gritou Miranda), mas as maçãs logo voltaram a dependurar-se no muro.

O VESTIDO NOVO

Mabel teve sua primeira grave suspeita de que alguma coisa estava errada quando tirou a capa e Mrs. Barnet, enquanto lhe passava o espelho, apanhava as escovas e assim chamava sua atenção, de modo um pouco exagerado talvez, para todos os utensílios de arrumar e melhorar o cabelo, a pele, as roupas, que havia no toucador, confirmou a suspeita – de que não estava bom, não muito bom, a qual, tornando-se mais forte quando ela subiu pela escada e assomando-lhe como convicção quando cumprimentou Clarissa Dalloway, a fez ir diretamente até o fundo da sala, a um canto sombreado onde havia um espelho de parede, e olhar. Não! Não estava *nada bom*. E de imediato a angústia que sempre ela tentava esconder, a profunda insatisfação – a impressão que tinha, desde criança, de ser inferior às outras pessoas – dominou-a impiedosa e implacavelmente, com uma intensidade que ela não podia afastar, como o faria, quando acordava à noite em casa, lendo Borrow ou Scott; porque esses homens, oh, e essas mulheres, oh, estavam todos pensando – "O que Mabel resolveu usar? Ficou que nem um espantalho! Que vestido novo horroroso!" – com aquelas pálpebras tremelicantes que se apertavam depois para fechar-se, quando avançavam para ela. Era sua própria e estarrecedora inadaptação; sua covardia; seu reles sangue borrifado de água que a deprimiam. E de imediato todo o quarto onde, por tantas, tantas horas, ela planejara com a costureirinha como deveria ficar, pareceu sórdido, repulsivo; e sua própria sala de visitas, tão bolorenta, e ela mesma, saindo, inchou de vaidade ao tocar nas cartas sobre a mesa da entrada e disse: "Que chato!" para se mostrar – tudo isso agora parecia indizivelmente tolo, provinciano e desprezível. Tudo isso se tornou evidente, acabado, consumado, no momento em que ela entrou na sala de visitas de Mrs. Dalloway.

Naquela tarde, quando, sentada à mesa do chá, recebera o convite de Mrs. Dalloway, a ideia que lhe tinha ocorrido foi que, naturalmente, ela não podia estar na moda. Ter uma tal pretensão era até mesmo absurdo – moda era corte, era elegância, era um gasto de pelo menos trinta guinéus – mas por que não ser original? Por que não ser ela mesma, fosse lá como fosse? E, levantando-se, ela apanhara o velho figurino de sua mãe, um figurino parisiense da época do Império, e, pensando como elas eram mais bonitas então, mais dignas e femininas, resolvera – oh, mas que bobagem – tentar ser daquele jeito, gabando-se de fato de ser modesta e antiquada, mas muito charmosa, dando-se, sem dúvida alguma, a uma orgia de amor-próprio que merecia ser castigada, e assim se enfarpelara toda.

Mas não ousou se olhar no espelho. Não conseguia encarar tanto horror – o vestido amarelo-claro de seda, insensatamente em desuso, com a saia comprida e as mangas altas e a cintura e tudo o mais que parecia tão lindo no figurino, mas não enfiado nela, não no meio de tanta gente tão comum. Sentia-se ali em pé como um manequim de modista no qual pessoas jovens poderiam espetar alfinetes.

“Mas está uma beleza, querida!”, disse Rose Shaw, olhando-a de alto a baixo, como ela já esperava, com um leve e sarcástico franzir dos beiços – uma vez que a própria Rose sempre se vestia pela última moda, exatamente, de resto, como todo mundo.

Somos todas como moscas tentando se arrastar pela beirada do pires, pensou Mabel, e repetiu a frase como se estivesse fazendo o sinal da cruz, como se procurasse alguma fórmula mágica para anular essa dor, para tornar suportável a agonia. Citações de Shakespeare, linhas de livros que lera tempos atrás vinham-lhe bruscamente quando, ao se achar numa dessas agonias, punha-se sem parar a repeti-las. “Moscas tentando se arrastar”, disse de novo. Se ela o dissesse tantas vezes até por fim levar-se a ver as moscas, tornar-se-ia indiferente e gélida, entorpecida e muda. Agora de fato já podia ver moscas que lentamente se arrastavam para fora de um pires de leite com as asas muito grudadas; e ela se esforçava ao máximo (em pé diante do espelho, dando atenção a Rose Shaw) para levar-se a ver Rose Shaw e as outras pessoas ali como moscas, tentando içar-se para fora ou então lançar-se dentro de uma coisa qualquer, pobres, insignificantes, laboriosas moscas. Não conseguia porém vê-las assim, as demais pessoas. Era a si mesma que assim via – e, sendo ela mosca, os outros eram borboletas, libélulas, belos insetos adejando, deslizando, dançando, enquanto apenas ela se arrastava para fora do pires. (A inveja e o despeito, os mais detestáveis dos vícios, eram seus maiores defeitos.)

“Sinto-me como uma mosca velha e decrépita, suja, terrivelmente

asquerosa”, disse ela, fazendo com que Robert Haydon parasse só para ouvi-la dizer isso, só para reanimar a si mesma ao polir uma pobre frase irresoluta e assim mostrar-se tão desprendida, tão espirituosa, que em absoluto não se sentia fora de nada. E Robert Haydon, claro está, respondeu algo bem cortês, bem insincero, que instantaneamente ela viu não ser aquilo, e disse com seus botões (citando de novo um livro), assim que ele se afastou: “Mentiras, mentiras, mentiras!”. Pois que uma festa torna as coisas, pensou, ou muito mais ou muito menos reais; ela viu, num relance, o que estava no fundo do coração de Robert; via tudo o que havia por trás. Via a verdade. A verdade era *isto*, esta sala de visitas, esta pessoa, sendo a outra falsa. Era de fato terrivelmente abafado, quente, sórdido, o quartinho de trabalho de Miss Milan. Cheirava a roupas e a repolho cozido; no entanto, quando Miss Milan lhe deu o espelho na mão e ela se olhou com o vestido acabado, uma extraordinária alegria se manifestou em seu íntimo. Banhada em luz ela tomou existência. Livre de preocupações e rugas, ali se achava tal qual se havia sonhado – uma bela mulher. Apenas por um segundo (não ousou olhar por mais tempo e Miss Milan quis saber sobre o comprimento da saia), uma garota encantadora, de misterioso sorriso, de cabelos nevados, o cerne de si mesma, a alma de sua própria pessoa, emoldurada nos arabescos de mogno, deu-lhe de lá uma olhada; e não foi só a vaidade nem foi somente o amor-próprio que a fizeram achar aquilo bom, terno e verdadeiro. Miss Milan disse que a saia não ficaria bem mais comprida; de todo modo a saia, disse Miss Milan, franzindo a testa, examinando-a com todo seu bom senso e atenção, deveria ser mais curta; e ela, súbita e sinceramente, sentiu-se cheia de amor por Miss Milan, gostando mais, muito mais de Miss Milan que de qualquer outra pessoa no mundo, e poderia ter clamado por compaixão ao vê-la rastejando no assoalho com a boca cheia de alfinetes, o rosto vermelho, os olhos saltados – por ter um ser humano de fazer isso por outro, quando a todos ela via meramente como seres humanos, e ela saindo dali para sua festa, e Miss Milan pondo a capa na gaiola do canário, ou deixando-o pegar de entre seus lábios uma semente de cânhamo, e a ideia disso, desse lado da natureza humana e sua paciência e resignação, seu contentamento com prazeres tão ínfimos, minguados, reles, sórdidos, lhe encheu os olhos de lágrimas.

E agora tudo tinha sumido. O vestido, o quarto, o amor, a compaixão, o espelho cheio de arabescos, a gaiola do canário – tudo tinha sumido e eis que ali se achava ela, num canto da sala de visitas de Mrs. Dalloway, submetida a torturas e desperta, plenamente desperta para a realidade.

Mas quão indigno aquilo, quanta futilidade e fraqueza preocupar-se tanto assim, na idade dela, com dois filhos, depender tão profundamente da opinião alheia e não ter convicções nem princípios, não ser capaz de dizer, como outras

pessoas faziam: “Há Shakespeare! E a morte! Nenhum de nós é mais que mofo em pão guardado” – ou fosse lá o que fosse que as pessoas diziam.

Ela então se encarou no espelho, sem mais rodeios; ela deu uma ajeitada em seu ombro esquerdo; e dali ela saiu pela sala como se lanças estivessem sendo atiradas, de todos os lados, em seu vestido amarelo. Porém, em vez de se mostrar impetuosa ou trágica, como faria Rose Shaw – Rose assumiria a aparência de uma Boadiceia –, mostrou-se acanhada e tola, sorriu sem graça como uma menina de escola e com ar desleixado e expressamente furtivo atravessou a sala, como se fosse um vira-lata chutado, para ir olhar um quadro, uma gravura. Como se alguém fosse a uma festa para olhar para um quadro! Todos sabiam por que tinha feito aquilo – foi por vergonha, por humilhação.

“A mosca agora está no pires”, disse ela consigo mesma, “bem no meio, e não consegue sair e o leite”, pensou, olhando rigidamente para o quadro, “deixou suas asas grudadas”.

“É tão antiquado”, disse ela a Charles Butt, fazendo-o parar (o que aliás ele odiava) quando ia falar com outra pessoa.

Queria dizer, ou tentava se convencer de que queria dizer, que era o quadro e não seu próprio vestido que estava fora de moda. Uma palavra de elogio, uma palavra de afeição partida de Charles faria enorme diferença para ela na hora. Se ao menos ele tivesse dito “Como você está charmosa hoje, Mabel”, tal frase poderia modificar sua vida. Mas então ela deveria ter sido bem direta e sincera. Charles, é claro, não disse nada nessa linha. Ele era a própria malícia. Via por trás de qualquer um, sobretudo quando a pessoa se sentia particularmente fraca, apatetada, insignificante.

“Mabel está de vestido novo!”, disse ele, e a pobre mosca foi de uma vez por todas empurrada para o meio do pires. Bem que ele gostaria, acreditou ela, que logo o inseto se afogasse. Não tinha coração, não era fundamentalmente bom, tinha tão só um verniz de amistosidade. Muito mais real e bondosa era Miss Milan. Se ao menos fosse possível sentir assim e ater-se sempre a isso! “Por que”, ela se perguntou – respondendo com excesso de atrevimento a Charles, deixando-o ver que estava descontrolada, ou “encrespada”, como ele mesmo afirmou (“Um tanto encrespada?”, disse ele e foi em frente, para rir dela com outra mulher adiante) – “por que”, ela se perguntou, “não consigo sentir sempre a mesma coisa, ter certeza absoluta de que Miss Milan está certa, Charles, errado, e apegar-me a isso, ter certeza quanto ao canário, a compaixão, o amor, e não ficar levando lambadas que vêm de todos os lados, assim que entro numa sala cheia de gente?”. Era de novo seu caráter fraco, vacilante, odioso, sempre dando no momento crítico e não se interessando seriamente por concologia, etimologia, botânica, arqueologia, nem por cortar batatas em

pedaços e vê-las frutificando, como Mary Dennis, como Violet Searle.

Foi então que Mrs. Holman, vendo-a ali em pé, abriu caminho até ela para importuná-la. Claro que algo como um vestido se punha abaixo da capacidade de observação de Mrs. Holman, cuja família estava sempre descendo aos trambolhões pela escada ou pegando escarlatina. Saberia Mabel dizer-lhe se Elmthorpe já tinha sido alugado para agosto e setembro? Oh, era uma conversa que a aborrecia além da conta! – e ela ficou furiosa por ser tratada como um corretor de imóveis ou um mensageiro, por ser usada assim. Não ter valor, era isso, pensou, tentando apegar-se a alguma coisa real, alguma coisa sólida, enquanto se esforçava para dar respostas sensatas sobre o banheiro e a vista para o Sul e a água quente na parte alta da casa; e o tempo todo ela podia ver pedacinhos de seu vestido amarelo no espelho redondo que reduzia ao tamanho de botões de bota ou girinos os que ali se encontravam; era espantoso pensar o quanto de humilhação e agonia e aversão por si e esforço e apaixonados altos e baixos sentimentais se continham numa coisa do tamanho de uma moedinha irrisória. E o que era ainda mais esquisito é que essa coisa, essa Mabel Waring, estava à parte, desconectada de todo; e, apesar de Mrs. Holman (o botão preto) se inclinar para a frente e lhe contar que seu menino mais velho tinha forçado demais o coração correndo, ela também podia vê-la, no espelho, bem separada, e ao ponto preto, inclinado para a frente, gesticulando, era impossível fazer o ponto amarelo, sentado solitário, autocentrado, sentir o que ele próprio sentia, embora os dois fingissem isso.

“É impossível manter garotos quietos” – eis o tipo de coisa que era dito.

E Mrs. Holman, que nunca conseguia despertar muita simpatia e se agarrava com avidez ao pouco mesmo que houvesse, como se fosse seu direito (mas ela merecia muito mais, pois ainda havia sua garotinha que tinha aparecido com um inchaço no joelho hoje cedo), aceitou a mísera oferta e a examinou suspeitosa, relutante, como se fosse meio pêni, quando deveria ser uma libra, para guardá-la então na bolsa, tendo de conformar-se com ela, mesmo mísera e reles como era, por ser difícil, tão difícil, a época; e Mrs. Holman, prejudicada e chiando, não parava de falar da garota que tinha as juntas inchadas. Ah, que trágica essa ganância, esse clamor de seres humanos que, como um bando de cormorões, batem asas e berram a pedir simpatia – era trágica, caso se pudesse realmente sentir, e não apenas fingir que se sentia tal coisa!

Mas essa noite ela não podia espremer nem uma gota de seu vestido amarelo; queria tudo, tudo para si. Sabia (continuando a olhar no espelho, mergulhava na poça azul de exibições enfadonhas) que estava condenada, que a desprezavam, que fora deixada assim num remanso por ser assim como era, uma criatura vacilante e frágil; e tinha a impressão de que o vestido amarelo era uma

penitência merecida e que, se estivesse vestida como Rose Shaw, num belo verde colante com uma pala de algodão pregueada, teria merecido isso também; e pensou não ter saída – nenhuma saída mesmo. Mas não era de todo culpa dela, afinal de contas. Era por ser mais uma de uma família de dez; porque o dinheiro, sempre escasso, raspado, nunca foi suficiente; e sua mãe a carregar grandes latas e nas quinas da escada o linóleo gasto e pequenas e sórdidas tragédias domésticas em sucessão contínua – nada de catastrófico, a fazenda de criação de carneiros fracassando, mas não completamente; seu irmão mais velho se casando abaixo, mas não tão abaixo assim, de seu próprio nível – não havia romantismo, nada de excessivo, em relação a eles. Respeitavelmente iam todos à exaustão nas praias; cada balneário tinha ainda agora uma de suas tias dormindo numa pensão qualquer onde as janelas da frente não davam bem para o mar. Isso aliás combinava muito com eles – que sempre tinham de olhar as coisas de esguelha. E ela fizera o mesmo – era tal e qual suas tias. Pois todos os seus sonhos de viver na Índia, casada com algum herói como Sir Henry Lawrence, com algum construtor de império (a visão de um nativo de turbante a enchia de romantismo ainda), tinham dado em nada. Ela se casara com Hubert, com seu emprego de subalterno, seguro e permanente, no Tribunal de Justiça, e eles se arranjavam razoavelmente numa casa muito apertada, sem boas empregadas, e em grande confusão quando ela estava sozinha, ou só no pão com manteiga, mas de vez em quando – Mrs. Holman, agora ao longe, tomava-a pela magricela mais seca e antipática que jamais conhecera, vestida além disso de maneira ridícula, e falaria a todos da fantástica aparência de Mabel – de vez em quando, pensou Mabel Waring, deixada sozinha no sofá azul, mexendo na almofada para parecer ocupada, pois não iria juntar-se a Charles Burt e Rose Shaw, que tagarelavam como gralhas, rindo dela talvez perto da lareira – de vez em quando lhe vinham, sim, uns deliciosos momentos, ao ler de noite na cama, por exemplo, ou na areia e ao sol, à beira-mar, na Páscoa – que ela o recorde pois – um grande tufo de vegetação praiana a erguer-se todo retorcido como um embate de lanças contra o céu, que era azul e liso como um ovo de porcelana, tão firme, tão duro, e ademais a melodia das ondas – “Silêncio, silêncio!”, eles diziam, e a gritaria das crianças que se divertiam na água – sim, esse era um momento divino, e ela ali se achava então, sentia, nas mãos da Deusa que era o mundo; uma Deusa de coração meio duro, mas belíssima, um cordeirinho posto no altar (a gente pensava essas bobagens, mas não tinha importância, desde que as não dissesse nunca). E também com Hubert ela às vezes e inesperadamente vivia – ao cortar a carne do almoço de domingo, ou sem razão, ao abrir uma carta, ao entrar num quarto – seus momentos divinos, quando disse a si mesma (pois jamais o diria a outra pessoa): “É isso aí. Foi o que aconteceu. É isso mesmo!”. E era igualmente

surpreendente o contrário disso – ou seja, quando tudo estava em ordem – música, tempo, férias, quando havia razões de sobra para ser feliz – nada de nada acontecia. A felicidade não vinha. Tudo era chato, apenas chato, e pronto.

De novo sua deplorável pessoa, sem dúvida! Ela sempre tinha sido uma mãe rabugenta, fraca, insatisfatória, uma esposa vacilante, que se recostava indolentemente numa espécie de crepuscular existência com nada de muito claro ou de ousado, ou de mais isso que aquilo, como seus irmãos e irmãs, à exceção talvez de Herbert – todos eles eram as mesmas e pobres criaturas que tinham água nas veias e que nada faziam. Porém em meio àquela vida rastejante e lenta subitamente ela se achava na crista de uma onda. A desditosa mosca – onde foi que lera o conto, que insistia em lhe voltar à lembrança, sobre a mosca e o pires? – se debatia para fora. Sim, ela tinha tais momentos. Mas, agora que estava com quarenta anos, eles poderiam se tornar cada vez mais raros. E ela cessaria pouco a pouco de continuar seu esforço. Só que isso era deplorável! Não era para ser aguentado! Isso a fazia sentir-se envergonhada de si!

Amanhã ela iria à Biblioteca de Londres. E encontraria algum livro proveitoso, maravilhoso, surpreendente, por mero acaso, um livro escrito por um clérigo, por um americano de quem ninguém jamais ouvira falar; ou andaria pela Strand, para também por acaso entrar num auditório onde um trabalhador falava sobre a vida nas minas, e de repente haveria de tornar-se uma nova pessoa. Ela seria completamente transformada. Ela usaria um uniforme; ela pertenceria a uma irmandade qualquer; não voltaria nunca mais a pensar em roupas. Depois disso nunca lhe faltaria uma perfeita clareza no tocante a Charles Burt e a Miss Milan, a esta sala e àquele quarto; e seria assim para sempre, dia após dia, tal qual se cortasse a carne ou estivesse deitada ao sol relaxando. Assim seria!

Assim ela se levantou do sofá azul onde estava, e o botão amarelo, no espelho, levantou-se também, e dali acenou para Charles e Rose, para mostrar que não dependia deles em nada, e o botão amarelo saiu do espelho e as lanças todas se juntaram para cravar-se em seu peito quando ela andou em direção a Mrs. Dalloway e disse: “Boa noite”.

“Mas ainda é tão cedo”, disse Mrs. Dalloway, que era sempre a delicadeza em pessoa.

“Tenho mesmo de ir”, disse Mabel Waring. “Mas lamento”, acrescentou em sua voz vacilante e fraca, que só soava ridícula quando ela tentava reforçá-la, “porque eu tive um imenso prazer”.

“Tive um imenso prazer”, disse a Mr. Dalloway, quando cruzou com ele na escada.

“Mentiras, mentiras, mentiras!”, disse a si mesma, nisso que continuou a descer, e “Bem no meio do pires!”, disse ainda consigo, ao agradecer a ajuda que

Mrs. Barnet lhe dava, para então enrolar-se toda, e mais, e mais, naquela capa chinesa que ela usava há vinte anos.

A APRESENTAÇÃO

Ao ver que Mrs. Dalloway a espiava com ar reprovador lá do outro lado da sala, Lily Everit quase chegou a rezar para que ela não viesse incomodá-la; no entanto, quando Mrs. Dalloway se aproximou com a mão direita levantada e um sorriso que Lily sabia (embora fosse sua primeira festa) que queria dizer: “Mas você tem de sair aí do seu canto para conversar”, um sorriso ao mesmo tempo benevolente e enérgico, imperioso, ela sentiu a mais estranha mistura de excitação e medo, do desejo de ser deixada sozinha com o anseio de que a tirassem dali para ser lançada ao fundo dos escaldantes abismos. Mrs. Dalloway porém foi interceptada; abordada por um idoso senhor de bigode branco e dando assim um prazo de dois minutos para Lily Everit se apertar bem nos braços, como um mastro no mar, e saborear, como um copo de vinho, a lembrança do seu trabalho sobre o caráter do deão Swift, ao que o professor Miller tinha dado, na manhã desse dia, três estrelas vermelhas; primeiro lugar. Primeiro lugar; repetia-se isso, mas a bebida agora estava muito mais fraca do que diante do grande copo esvaziado aos poucos (um gole aqui, outro ali), quando ela estivera com sua irmã e Mildred, a empregada. Ao moverem-se à sua volta as mãos das duas, sentiu que se punham em deleitável animação na superfície, mas que por baixo jazia intacto, como um bloco de metal reluzente, seu ensaio sobre o caráter do deão Swift, e todos os elogios feitos, quando ela desceu pela escada e ficou na entrada à espera de um carro de aluguel – Rupert tinha saído de seu quarto e dito que ela estava ótima –, agitaram-se na superfície, passaram como brisa entre fitas, mas não mais que isso. Dividia-se a vida (ela tinha certeza) em fato, aquele trabalho, e ficção, a saída de agora, em pedra e em onda, pensou ela já rolando a caminho e vendo as coisas com tal intensidade que haveria para sempre de ver a

verdade e a si, branco reflexo inextricavelmente mesclado ao negrume das costas do chofer: o momento de visão. Depois, quando ela entrou na casa, assim que viu tanta gente, uns a subir, outros descendo escadas, aquele duro fragmento (seu trabalho sobre o caráter de Swift) começou a perder a consistência, a derreter, não havia mais como segurá-lo e toda a sua pessoa (não mais cortante como um diamante partindo o coração da vida em pedaços) transformou-se numa névoa de alarme, apreensão e defensiva, quando acuada ela ficou em seu canto. Este então era o mundo, o famoso lugar: a sociedade.

Olhando em volta, Lily Everit instintivamente escondeu seu ensaio, de tão envergonhada que estava agora, e também tão confusa, e na ponta dos pés não obstante para ajustar seu foco e manter nas devidas proporções (pois que as anteriores eram vergonhosamente indevidas) aquelas coisas em constante diminuição e expansão (como chamá-las? – de pessoas – de impressões das vidas das pessoas?) que pareciam ameaçá-la e sobrepor-se a ela, transformando tudo em água, deixando-lhe apenas – pois disso ela não abdicaria – o poder de estar acuada.

Agora Mrs. Dalloway, que nunca tinha arriado o braço de vez, dando a entender pelo modo como o movia que não se esquecera dela, fora apenas interrompida pelo velho soldado de bigode branco, esticou-o decididamente para partir em sua direção e dizer à moça tão encantadora e tímida, de pele clara, brilho nos olhos, cabelo preto poeticamente encaracolado na cabeça e o corpo magro num vestido que parecia estar deslizando:

“Venha que eu vou lhe apresentar”, e nisso Mrs. Dalloway hesitou, e lembrou-se então de que Lily era a inteligente, a que lia poesia, e olhou em volta procurando algum jovem, um rapaz que tivesse acabado de sair de Oxford, que tivesse lido tudo e pudesse conversar sobre Shelley. E, pegando-a pela mão, levou Lily Everit para um grupo onde havia rapazes conversando, entre os quais Bob Brinsley.

Lily Everit se retraiu um pouco, poderia ter sido o barco a vela, instável e reverente, na esteira de um vapor, e sentiu, enquanto era conduzida por Mrs. Dalloway, que agora isso ia acontecer; que nada o poderia impedir agora; nem livrá-la (e só pedia que acabasse logo) de ser lançada num redemoinho onde ela iria perecer ou salvar-se. Mas o que era esse redemoinho?

Oh, era feito de um milhão de coisas, todas diferentes dela; a abadia de Westminster; a sensação de que eram enormemente altos e solenes os prédios em derredor; e a de ser mulher. Era essa talvez a que se tornava evidente, a que permanecia, e era em parte o vestido, mas todos os pequenos gestos de cavalheirismo e respeito da sala de visitas – tudo a fazia crer que ela saía então da crisálida para ser proclamada o que na confortável escuridão de sua infância

nunca tinha sido – essa frágil e bela criatura diante da qual os homens se curvavam, essa criatura limitada e circunscrita que não podia fazer o que bem quisesse, essa borboleta com milhares de facetas nos olhos e uma delicada e fina plumagem, com dificuldades e suscetibilidades e tristezas inúmeras; uma mulher.

Ao andar com Mrs. Dalloway, atravessando a sala, ela aceitou o papel que lhe era imposto agora e, naturalmente, excedeu-se um pouco nele, como um soldado, orgulhoso das tradições de um uniforme antigo e famoso, é capaz de exceder-se, sentindo-se consciente, enquanto andava, de seus adereços; de seus sapatos apertados; de seu cabelo cacheado e enrolado; e de que, se deixasse cair um lenço (o que já tinha acontecido), um homem se abaixaria às pressas para o apanhar para ela; acentuando assim a fragilidade, a artificialidade de seu porte antinatural, já que afinal não eram dela essas coisas.

Dela, isto sim, era a inclinação a correr, a meditar em longos passeios solitários, pulando portões, pisando na lama, para através da névoa, do sonho, do êxtase da solidão ver os volteios da tarambola, espantar os coelhos, entrar no coração das matas ou de vastos e ermos matagais com pequenas cerimônias a que ninguém assistia, ritos privados, pura beleza oferecida por besouros, por lírios-do-vale, por folhas secas, por águas paradas, que não ligavam a mínima para o que os seres humanos pensavam a seu respeito e lhe enchiam o espírito de entusiasmo e espanto e a mantinham por lá, até que ela viesse a tocar, para se refazer, no pilar do portão – tudo isso, até essa noite, era o comum em sua vida, por isso ela se conhecia, por isso gostava de si mesma e conquistava a afeição dos seus, de pai e mãe, de irmãos e irmãs; já esta outra era uma flor que tinha desabrochado há dez minutos. Ao abrir-se a flor também se abria, irreversivelmente, o mundo da flor, tão diferente, tão estranho; as torres de Westminster; os prédios altos e formais; conversas; esta civilização, sentia ela, um pouco para trás, mas puxada por Mrs. Dalloway, este modo ordeiro de vida, que lhe caía dos céus como uma canga no pescoço, lenta e inflexivelmente, numa evidência sem contestação. Ao contemplar seu ensaio, obscureceram-se, mas pacífica e pensativamente, as três estrelas vermelhas, como que cedendo à pressão do inquestionável poder, ou melhor, à convicção de não ser dela, de não lhe tocar, nem dominar nem se fazer valer; cabia-lhe, isto sim, ventilar e embelezar a vida ordeira, onde tudo já estava feito; torres altas, sinos solenes, apartamentos construídos de tijolo em tijolo pelo trabalho dos homens, igrejas construídas pelo trabalho dos homens, parlamentos também; e até mesmo o entrelaçado dos fios do telégrafo, pensou ela, olhando pela janela enquanto andava. O que tinha para opor a essas grandes realizações masculinas? Um ensaio sobre o caráter do deão Swift! Quando afinal chegou ao grupo, que era

dominado por Bob Brinsley (de calcanhar no guarda-fogo da lareira, cabeça jogada para trás), com sua testa grande e honesta, sua autoconfiança e finura, sua honra e pujante bem-estar físico, seu bronzeado, seu desembaraço, sua direta descendência de Shakespeare, o que podia ela fazer senão pegar seu ensaio e oh! toda sua própria pessoa e estendê-los no chão como um casaco para ele pisar em cima, como uma rosa na qual ele atirar? O que ela fez, de modo enfático, quando Mrs. Dalloway, ainda a segurá-la pela mão, como para a impedir de fugir desta suprema prova, apresentou um ao outro: “Mr. Brinsley – Miss Everit. Dois que têm amor por Shelley”. Mas o dela, comparado ao dele, nem era amor.

Ao dizer isso, Mrs. Dalloway se sentiu, como sempre se sentia ao se lembrar da sua mocidade, absurdamente comovida; o brilho de um encontro entre jovens, por suas mãos, a atiçar como o da concussão de aço em sílex (ambos perceptivelmente endurecidos pelo seu sentimento) o mais belo e o mais antigo dos fogos, tal como o viu na mudança de expressão de Bob Brinsley, da indiferença à aquiescência, ao formalismo para o aperto de mãos, que pressagiava, pensou Clarissa, a ternura, a bondade, a solicitude de mulher latentes em todos os homens, visão que era para ela de trazer lágrimas aos olhos, assim como se comovia ainda mais intimamente ao ver em Lily o próprio olhar da timidez, o olhar assustado, decerto o mais bonito de todos no rosto de uma garota; e um homem sentindo isso por uma mulher, e uma mulher, por um homem, para derivar de tal contato toda essa profusão de casas, provações, sofrimentos, profunda alegria e vedação definitiva em face da catástrofe, doce era o coração da humanidade, pensou Clarissa, e sua própria vida (apresentar um casal a fazia lembrar de seu primeiro encontro com Richard!), infinitamente abençoada. E assim ela foi em frente.

Mas, pensou Lily Everit. Mas – mas – mas o quê?

Oh, nada, pensou às pressas, abafando suavemente seu instinto aguçado. Sim, ela disse. Ela gostava de ler.

“Então também deve escrever?”, disse ele, “Talvez poemas?”.

“Ensaios”, ela disse. E não deixaria aquele horror se apossar de sua pessoa. Igrejas e parlamentos, apartamentos e até os fios do telégrafo – tudo, disse a si mesma, feito pelo trabalho dos homens, e este rapaz, disse a si mesma, descendia de Shakespeare em linha direta, e ela assim não deixaria esse terror, essa suspeita de alguma coisa diferente, apropriar-se dela e contrair-lhe as asas e a impelir para longe, na solidão. Mas, quando disse isso, ela o viu – de que outro modo poderia descrevê-lo? – matar uma mosca. Ele arrancou as asas de uma mosca, pé apoiado no guarda-fogo, cabeça jogada para trás, enquanto falava insolentemente, arrogantemente de si; porém ela nem ligava para o grau de arrogância ou insolência que ele lhe demonstrava, lamentando apenas ser cruel

com as moscas.

Mas, disse ela, inquietando-se ao abafar essa ideia, por que não, já que ele é o maior dos objetos mundanos? E adorar, adornar, embelezar era tarefa sua, como também ser adorada, para o quê tinha asas. Mas ele falava; mas ele olhava; mas ele ria; ele arrancou as asas de uma mosca. Puxou-as das costas com suas mãos ágeis e fortes, e ela o viu fazendo isso; e não podia ocultar a si mesma essa lembrança. Mas é necessário que seja assim, argumentou, pensando nas igrejas, nos parlamentos, nos blocos de apartamentos, e assim tentou dobrar suas asas nas costas, depois de as ter completamente abaixadas. Mas – mas, o que era isso, por que era assim? Apesar de tudo ela podia tornar seu ensaio sobre o caráter de Swift cada vez mais importuno e fazer as três estrelas luzirem novamente, só que não mais tão claras, tão brilhantes, e sim perturbadas e manchadas de sangue como se este homem, este ilustre Mr. Brinsley, apenas por arrancar as asas de uma mosca enquanto falava (de seu próprio ensaio, de si mesmo e, uma vez, rindo, de uma garota que lá se achava), sobrecarregasse de nuvens sua leve existência e a deixasse confusa para o resto da vida e contraísse suas asas nas costas, fazendo-a pensar com horror, quando ele se afastou dela, na civilização e nas torres, e a canga que havia caído dos céus em seu pescoço esmagou-a, e ela se sentiu na infeliz situação de uma pessoa nua que, indo à procura de refúgio nalgum jardim sombreado, de lá é expulsa e lhe é dito – não, não há santuários, nem borboletas, neste mundo, e esta civilização, igrejas, parlamentos e apartamentos – esta civilização, disse Lily Everit a si mesma, ao agradecer os gentis elogios da velha Mrs. Bromley à sua aparência, depende de mim, e Mrs. Bromley disse depois que Lily, como todos os Everit, parecia “ter o peso do mundo em suas costas”.

JUNTOS E À PARTE

Mrs. Dalloway apresentou-os, dizendo você vai gostar dele. A conversa começou minutos antes de qualquer coisa ser dita, pois tanto Mr. Serle quanto Miss Anning olharam para o céu, e o céu, na cabeça de ambos, prosseguiu a verter seus significados, embora de um modo bem diferente, até que a presença de Mr. Serle a seu lado tornou-se tão perceptível para Miss Anning que ela nem pôde mais ver simplesmente o céu em si mesmo, céu que lá se foi a espraiar pelo corpo alto, olhos negros, cabelo grisalho, mãos entrelaçadas, pela grave e melancólica (mas já lhe haviam dito “falsamente melancólica”) face de Roderick Serle, e ela, sabendo que tolice era aquilo, sentiu-se no entanto compelida a dizer:

“Que noite linda!”.

Pura bobagem! Pura idiotice! Mas qualquer tolice, aos quarenta anos, era perdoável em presença do céu, que transforma os mais sábios em imbecis – meros fiapos de palha – e ela e Mr. Serle em átomos, em grãos de poeira, ali plantados à janela de Mrs. Dalloway, fazendo suas vidas, vistas ao luar, tão longas quanto e não mais importantes que a de um inseto.

“Bem!”, disse Miss Anning, alisando enfaticamente a almofada do sofá. E ele se sentando a seu lado. Seria mesmo “falsamente melancólico”, como os outros diziam? Premida pelo céu, que parecia tornar tudo aquilo um pouco fútil – o que os outros diziam, o que os outros faziam –, ela disse novamente outra coisa completamente banal:

“Havia uma Miss Serle que morava em Canterbury nos meus tempos de criança lá”.

Com o céu na cabeça, todos os túmulos de seus antepassados surgiram de

imediato a Mr. Serle numa luz azul e romântica, e foi com olhos que se expandiam e escureciam simultaneamente que ele disse: “Sim”.

“Somos na origem uma família normanda, que veio com o Conquistador. Há um Richard Serle enterrado na catedral. Foi cavaleiro da Ordem da Jarreteira.”

Miss Anning sentiu ter chegado por acaso ao homem verdadeiro, sobre o qual foi montado o homem falso. Sob a influência da lua (a lua que para ela simbolizava o homem, podia vê-la por uma fresta da cortina, e tomava banhos de lua, goles de lua), era capaz de dizer quase qualquer coisa, e assim se pôs a exumar o homem verdadeiro que jazia enterrado sob o falso ao dizer a si mesma: “À frente, Stanley, à frente” – que para ela era um lema, um secreto incentivo, quando não um açoite, como pessoas de meia-idade costumam ter para se flagelarem por algum vício inveterado, sendo o dela uma timidez deplorável, ou melhor, indolência, pois não era tanto que lhe faltasse coragem, faltava-lhe, isto sim, energia, especialmente para falar com homens, que a assustavam um pouco, e assim frequentemente suas conversas descambavam para puras banalidades e ela tinha pouquíssimos amigos homens – pouquíssimos amigos íntimos em geral, pensou, mas, pensando bem, ela os queria? Já tinha Sarah, Arthur, o chalé, o cachorro chinês e, naturalmente, *aquilo*, pensou mergulhando, encharcando-se, mesmo estando sentada no sofá ao lado de Mr. Serle, *naquilo*, na impressão que lhe vinha ao chegar em casa de algo recolhido ali, uma agregação de milagres, que não podia acreditar que outras pessoas tivessem (pois era a única a ter Arthur, Sarah, o chalé e o cachorro chinês), e mais ainda se encharcando na fruição satisfatória e profunda, sentindo que por ter aquilo e a lua (a lua que era música) ela podia se permitir deixar este homem e o grande orgulho que ele tinha dos Serle enterrados. Não! Este era o perigo – não lhe convinha, na sua idade – afundar na letargia. “À frente, Stanley, à frente”, disse a si mesma e perguntou para ele:

“Conhece Canterbury?”.

Se ele conhecia Canterbury! Mr. Serle sorriu, pensando como a pergunta era absurda – como ela sabia tão pouco, essa mulherzinha calada que tocava algum instrumento e parecia inteligente e tinha uns olhos bonitos e estava usando um interessante colar antigo – bem que ela sabia o significado disso. Ser perguntado se conhecia Canterbury – quando os melhores anos de sua vida, suas memórias todas, coisas que ele nunca tinha sido capaz de contar a ninguém, mas que tentara escrever – ah, tinha tentado escrever (e suspirou), estavam todas centradas em Canterbury: isso o fez rir.

Seu suspiro e depois sua risada, sua melancolia e seu senso de humor tornavam-no estimado por todos, e ele sabia disso, no entanto o fato de ser

benquisto não compensava as decepções e, se dependia dessa estima que os outros tinham por ele (fazendo longas, longas, longas visitas a simpáticas damas), não era porém sem amargor, pois nunca fizera uma décima parte do que poderia ter feito e sonhou em fazer quando garoto em Canterbury. Com uma estranha sentiu uma renovada esperança, porque não poderiam dizer que ia deixar de cumprir o prometido, e a capitulação a seu charme dar-lhe-ia um novo começo – aos cinquenta! Ela tocou na fonte. Campos e flores e prédios cinzentos formaram gotas prateadas que escorriam pelas paredes desoladas e negras de sua mente. Seus poemas frequentemente começavam com uma imagem assim. E ele, sentado ao lado dessa mulher tão quieta, sentiu o desejo de fazer imagens agora.

"Sim, eu conheço Canterbury", disse, sentimental e reminiscentemente, dando margem, sentiu Miss Anning, a perguntas discretas, e era isso o que o fazia interessante a tantas pessoas, mas essa receptividade e extraordinária facilidade para conversar de sua parte é que foram sua ruína, como não raro ele pensava, tirando as abotoaduras e pondo suas chaves e moedas no toucador depois de uma daquelas festas (durante a temporada ele às vezes saía quase todas as noites), e ao descer para o café tornando-se muito diferente, ranzinza, desagradável à mesa com sua esposa, que era inválida e não saía nunca de casa, mas tinha velhos amigos, em geral velhas amigas, que a vinham ver de vez em quando, interessadas em filosofia hindu e diferentes curas e diferentes médicos, que Roderick Serle mandava às favas com alguma observação cáustica e inteligente demais para ela, que se limitava a responder com gentis reclamações e uma ou duas lágrimas – tinha fracassado, como tantas vezes pensava, porque não conseguia se desligar totalmente da sociedade e da companhia das mulheres, que lhe era tão necessária, para escrever. Envolvera-se muito a fundo com a vida – e a essa altura ele cruzaria as pernas (seus movimentos eram sempre um pouco anticonvencionais e distintos) e, para não se culpar, punha a culpa na exuberância de sua natureza, que comparava favoravelmente com a de Wordsworth, por exemplo, e, posto que ele já dera tanto aos outros, sentia, deixando repousar nas mãos a cabeça, que os outros deveriam por sua vez ajudá-lo, sendo isso o prelúdio, trêmulo, fascinante, estimulante, da conversa a manter; e em sua mente borbulhavam imagens.

"Ela parece uma árvore frutífera – uma cerejeira em flor", disse ele, olhando para uma mulher ainda moça com um belo cabelo branco. Era uma imagem de tipo primoroso, pensou Ruth Anning – sim, um primor, porém ela não tinha certeza de estar gostando desse homem distinto, melancólico, com seus gestos; e é curioso, pensou ela, como os nossos sentimentos são influenciados. Não gostava *dele*, mas reconhecia ter gostado da comparação da mulher com a cerejeira que foi feita por ele. Fibras dela, sem rumo fixo, em flutuação

caprichosa, como os tentáculos de uma anêmona-do-mar, ora vibravam, ora se repuxavam, e o seu cérebro, a quilômetros dali, frio e distante, suspenso no ar, recebia mensagens que processaria a tempo de, quando as pessoas falassem de Roderick Serle (e ele era uma figura e tanto), ela poder dizer sem hesitar: “Gosto dele”, ou “Não gosto dele”, e assim ter definida sua opinião para sempre. Uma ideia estranha; uma ideia solene; lançando uma luz insólita sobre a composição da sociabilidade humana.

“É estranho que a senhora tenha conhecido Canterbury”, disse Mr. Serle. “É sempre um choque”, prosseguiu (tendo a dama de cabelo branco passado), “quando se encontra alguém” (nunca eles tinham se encontrado antes), “por acaso, por assim dizer, que toca nas fímbrias do que significa tanto para a própria pessoa, e o faz fortuitamente, pois suponho que Canterbury não lhe tenha sido senão uma cidade antiga e bonita. Pois então a senhora passou um verão lá com uma tia?”. (Isso era tudo que Ruth Anning ia dizer a ele sobre a visita que ela fizera a Canterbury.) “E viu o que havia lá para ver e foi-se embora e nunca pensou nisso de novo.”

Deixe ele pensar assim; não gostando dele, queria mais é que sumisse às carreiras com uma ideia absurda a seu respeito. Pois seus três meses em Canterbury, na realidade, tinham sido incríveis. Lembrava-se nos menores detalhes, embora fosse tão só uma visita casual, da ida à casa de Miss Charlotte Serle, uma conhecida de sua tia. Era capaz de repetir ainda agora as próprias palavras de Miss Serle sobre o trovão: “Sempre que acordo e ouço um trovão de noite, penso que alguém foi morto”. E via o tapete de pelos duros, com desenhos em forma de diamante, e os olhos castanhos, impregnados de brilho, da idosa senhora, segurando sua xícara de chá pelo meio enquanto falava aquilo sobre o trovão. E via sempre Canterbury, com suas nuvens de trovoada, a lívida floração das macieiras e os longos, cinzentos fundos de seus prédios.

O trovão despertou-a de sua pletórica síncope de indiferença, que é típica da meia-idade; “À frente, Stanley, à frente”, disse a si mesma; ou seja, esse homem não há de me escapar, como todos os outros, com essa falsa suposição; vou dizer-lhe a verdade.

“Adorei Canterbury”, ela disse.

Instantaneamente ele se animou. Era seu dom, seu defeito, seu destino.

“Adorou”, repetiu. “Bem se vê que adorou.”

Seus olhos se encontraram; ou melhor, colidiram, pois ambos sentiram que por trás dos olhos a pessoa apartada, que se senta no escuro enquanto seu companheiro superficial e ágil faz todas as piruetas e acenos, sem deixar parar o espetáculo, bruscamente se ergueu; tirou a capa; confrontou-se com a outra. Foi alarmante; foi terrível. Mas ambos, brunidos pela idade, tinham sua reluzente

lisura, e Roderick Serle sairia assim para talvez umas dez festas ou mais na temporada sem sentir nada fora do comum, ou apenas remorsos sentimentais e o desejo de belas imagens – como aquela da cerejeira em flor – estagnando-se nele o tempo todo, sem a menor alteração, uma espécie de superioridade em relação ao circunstante, uma impressão de recursos inexplorados, que o mandava de volta para casa insatisfeito com sua vida, consigo mesmo, bocejando, vazio, volúvel. Mas agora, e não mais que de repente, como um raio branco no nevoeiro (imagem que assomava forjada pela inevitabilidade da luz), aquilo tinha acontecido ali; o velho êxtase da vida; sua invencível investida; pois, se não era agradável, ao mesmo tempo alegrava e rejuvenescia, enchendo nervos e veias de filamentos de fogo e gelo; era aterrador.

"Canterbury há vinte anos", disse Miss Anning, como alguém põe uma sombra numa luz intensa ou cobre um pêssego em brasa, por estar muito maduro, muito forte, muito pleno, com uma folha verde.

Às vezes ela sentia vontade de ter casado. Às vezes a tíbia paz da meia-idade, com seus mecanismos automáticos para evitar que o corpo e a mente se magoassem, parecia-lhe, comparada ao trovão e à lívida floração das macieiras de Canterbury, torpe. Podia imaginar uma coisa diferente, mais como um relâmpago, mais intensa. Podia imaginar uma sensação física. Podia imaginar…

E, por estranho que fosse, pois ela nunca o tinha visto, seus sentidos, aqueles tentáculos que vibravam e eram repuxados antes, agora não mandavam mais mensagens, jaziam quiescentes, como se ela e Mr. Serle se conhecessem à perfeição, como se estivessem de fato tão unidos que lhes bastava flutuar lado a lado descendo pela corrente.

De tudo que existe, nada é tão estranho como as relações humanas, pensou ela, com suas mudanças, sua extraordinária irracionalidade, pois o desagrado que ela havia sentido já era agora quase amor intenso e arrebatado, mas, tão logo essa palavra "amor" lhe ocorreu, ela a rejeitou, pensando novamente quão obscura era a mente, com suas pouquíssimas palavras para todas essas percepções surpreendentes, essas alternâncias de prazer e dor. Pois que nome se dava àquilo? Era o que ela agora sentia, o retraimento da afeição humana, o desaparecimento de Serle e a necessidade instantânea sob a qual se achavam ambos de encobrir o que era tão desolador, tão degradante para a natureza humana, que todos tentavam enterrá-lo em recato para eximir-se à visão – esse retraimento, essa violação da confiança e, procurando uma fórmula decorosa, reconhecida e aceita, de funeral, ela disse:

"Por mais que façam, não conseguirão, é claro, estragar Canterbury".

Ele sorriu; aceitou a frase; cruzou as pernas ao contrário. Ela fez seu papel; ele, o dele. E assim as coisas terminaram. Veio logo sobre ambos essa paralisante

cessação de sentimento, quando nada irrompe da mente, quando suas paredes parecem de ardósia; quando o vazio quase dói, e os olhos petrificados e fixos veem o mesmo ponto – uma forma, um balde de carvão – com uma exatidão que é aterradora, pois nenhuma emoção, nenhuma ideia, nenhuma impressão de qualquer tipo surge para alterá-la, modificá-la, embelezá-la, uma vez que as fontes do sentir parecem lacradas e, enrijecendo-se a mente, enrijece-se também o corpo; fortemente estatuesco, sem deixar que Mr. Serle ou Miss Anning pudessem se mexer ou falar, e sentindo-se eles como se um encantador os tivesse salvo, e a fonte fez a vida correr por todas as veias, quando Mira Cartwright, dando um malicioso tapinha no ombro de Mr. Serle, disse:

"Eu o vi nos *Meistersinger*, passando bem na minha frente. Seu malvado", disse Miss Cartwright, "não merece que eu volte a lhe dirigir a palavra".

E eles puderam separar-se.

O HOMEM QUE AMAVA SUA ESPÉCIE

Indo às pressas por Deans Yard essa tarde, Prickett Ellis deu de cara com Richard Dalloway, ou melhor, nisso que eles iam passando, o encoberto olhar de relance que cada qual lançou ao outro, por baixo do chapéu e por cima do ombro, alargou-se numa explosão de reconhecimento; há vinte anos que eles não se encontravam. Na escola, tinham sido colegas. E Ellis, o que andava fazendo? Advocacia? Ah, sim, é claro – acompanhara pelos jornais o caso. Mas era impossível conversar ali. Que tal aparecer logo mais lá em casa? (Eles moravam no mesmo lugar de sempre – na primeira transversal.) Viriam uma ou duas pessoas. Talvez Joynson. "Um figurão agora", disse Richard.

"Está bem – então até logo à noite", disse Richard e seguiu seu caminho, "feliz da vida" (o que era pura verdade) por haver encontrado aquele camarada engraçado, que não mudara nem um pingo desde os tempos de escola – o mesmo garotinho gorducho e baixote, saturado de preconceitos, mas incomumente brilhante – ganhou o Newscastle. Pois bem – e lá se foi ele.

Prickett Ellis, contudo, ao se virar e ver Dalloway sumindo, preferia agora não o ter encontrado ou, pelo menos, pois pessoalmente sempre gostara dele, não ter prometido que iria à reunião. Dalloway era casado, dava festas; não era da mesma espécie que ele, que teria de se vestir. Entretanto, chegando a noite, supôs que, como havia prometido, e não querendo ser grosseiro, tinha mesmo de ir.

Mas que entretenimento mais pavoroso! Joynson estava lá; e eles não tinham nada o que dizer um ao outro. Em criança, era um garoto presunçoso; crescido, parecia dar mais importância a si mesmo – e isso era tudo; não havia na sala outra simples alma que Prickett Ellis conhecesse. Nenhuma mesmo. Assim,

não podendo ir-se embora logo, sem dizer uma palavra a Dalloway, que parecia sobrecarregado de obrigações, num colete branco, indo e vindo em azáfama, o jeito era aguentar e esperar. Era o tipo de coisa que o deixava indignado. Pensar em homens e mulheres adultos, responsáveis, fazendo isso a vida inteira, toda noite! Os traços de seu rosto barbeado, azul e vermelho, acentuaram-se quando ele se encostou na parede, em completo silêncio; embora trabalhasse como um cavalo, mantinha-se em boa forma com exercícios; e se mostrava ameaçador e duro, como se tivesse o bigode enregelado. Ele se eriçou, ele se irritou. As roupas pobres que usava faziam-no parecer desleixado, insignificante, anguloso.

Ociosos, tagarelas, com roupas demais e sem ideias, sem uma que fosse, na cabeça, os elegantes cavalheiros e damas seguiam conversando e rindo; Prickett Ellis observava-os e comparou-os aos Brunner que, quando ganharam a causa contra a Cervejaria Fenners' e receberam duzentas libras de indenização (nem a metade do que deveriam ter ganho), logo gastaram cinco num relógio para ele. Bem o tipo de comportamento adequado; o tipo de coisa que o comovia, e olhou com mais severidade ainda para aquelas pessoas, supervestidas, cínicas, prósperas, e comparou o que estava sentindo agora com o que sentira às onze horas da manhã em que o velho Brunner e esposa, em suas melhores roupas, pessoas idosas, com o ar mais limpo e respeitoso possível, foram vê-lo para dar-lhe essa pequena lembrança, como disse o velho, perfeitamente aprumado para fazer seu discurso de gratidão e apreço pela maneira tão capaz de conduzir nossa causa e como, aparteou Mrs. Brunner, eles sabiam que tudo se devia a ele. E estavam profundamente gratos por sua generosidade – porque ele, é claro, não tinha cobrado nada.

Quando ele apanhou o relógio e colocou-o em cima da lareira, bem no meio, sentiu estar com vontade de que ninguém visse seu rosto. Para isso é que trabalhava – era essa sua recompensa; e olhou para as pessoas que na realidade estavam diante de seus olhos como se elas dançassem por cima da cena em seu escritório e por ela fossem expostas e, quando tudo sumia – quando os Brunner sumiam –, só restava ele mesmo, como que deixado daquela cena e a confrontar-se com esta população hostil, um homem completamente simples, sem nenhuma sofisticação, um homem do povo (ele se endireitou), muito malvestido, chamando a atenção, sem nenhum ar, nenhum encanto especial, homem pouco calejado em disfarçar seus sentimentos, um homem comum, um ser humano como outro qualquer, lançado contra o mal, a corrupção, a impiedade da sociedade. Mas ele não ia continuar olhando. Pôs os óculos e já se punha a examinar os quadros agora. Leu os títulos de uma fileira de livros; quase todos de poesia. Bem que ele gostaria de reler alguns de seus velhos favoritos – Shakespeare, Dickens –, bem que gostaria de ter tempo para ir um dia à National

Gallery, mas não podia – não podia mesmo. Com o mundo na situação em que estava – era realmente impossível. O dia inteiro havia gente querendo sua ajuda, clamando, a bem dizer, por ajuda. Não era uma época para se ter luxo. E ele olhava as poltronas e os cortadores de papel e os livros bem encadernados e balançava a cabeça, sabendo que nunca teria tempo, nunca teria coragem, e alegrava-se ao pensar assim, de se permitir tais luxos. Aqui, as pessoas ficariam chocadas se soubessem quanto ele pagava por seu tabaco; e que a roupa que vestia tinha sido emprestada. Sua única extravagância era um barquinho a vela na lagoa de Norfolk. Isso ele se permitia. Gostava de uma vez por ano sumir da vista de todos para se pôr de costas num campo. Pensou como se espantariam – essas pessoas tão finas – se soubessem quanto prazer ele extraía do amor à natureza, termo que usava por ser tão antiquado; desde garoto ele conhecera campos e árvores.

Ficariam chocadas essas finas pessoas. E ele de fato, ali em pé, pondo seus óculos no bolso, a cada instante se sentia mais chocante. Sentimento dos mais desagradáveis. Não sentira aquilo – que amava a humanidade, que pagava cinco *pence* pela onça de tabaco, que amava a natureza – natural e tranquilamente. Cada um desses prazeres tinha se transformado num protesto. Sentia que essas pessoas que ele desprezava faziam-no aguentar e pronunciar-se e justificar-se. Não parava de dizer: “Eu sou um homem comum”. E o que disse a seguir, envergonhou-se de fato de o ter feito, mas disse: “Eu já fiz mais por minha espécie num só dia do que o resto de vocês em suas vidas”. Realmente era mais forte do que ele; vivia a se lembrar de cena após cena, como a de quando os Brunner tinham lhe dado o relógio – vivia a se lembrar das belas coisas que já haviam dito de sua generosidade, seu humanitarismo, de como já ajudara a tantos. Estava sempre a se ver como sábio e tolerante servidor da humanidade. E desejou que pudesse repetir em voz alta seus louvores. Era desagradável que a sensação de sua bondade o afligisse por dentro. E ainda mais desagradável que não pudesse contar a ninguém o que haviam dito a seu respeito. Graças a Deus, dizia-se a toda hora, volto a trabalhar amanhã; entretanto já não ficaria mais satisfeito em apenas se esgueirar pela porta e ir para casa. Tinha de ficar, tinha de ficar até se justificar. Mas como poderia fazê-lo? Naquela sala cheia de gente, não conhecia vivalma a quem falar.

Finalmente Richard Dalloway apareceu.

“Quero lhe apresentar Miss O’Keefe”, disse ele. Miss O’Keefe olhou-o em cheio nos olhos. Era uma mulher meio arrogante, de maneiras abruptas, na casa dos trinta.

Miss O’Keefe quis um sorvete ou algo para beber. E a razão de o ter pedido a Prickett Ellis, de um modo que lhe pareceu soberbo e injustificável, foi que ela

tinha visto uma mulher e duas crianças, paupérrimos, exaustos, agarrados nas grades de uma praça, de olhos compridos para dentro, naquela tarde tão quente. Não podem deixar que entrem?, tinha pensado, subindo sua compaixão como onda; e sua indignação fervendo. Não; no momento seguinte ela se reprovou com aspereza, como se se enfrentasse no boxe. Nem toda a força do mundo é capaz disso. Ela assim apanhou e devolveu a bola de tênis. Nem toda a força do mundo é capaz disso, disse furiosa da vida, e foi por isso que disse tão imperiosamente ao homem desconhecido:

"Dê-me um sorvete".

Muito antes de ela o ter acabado, Prickett Ellis, de pé a seu lado sem tomar nada, disse-lhe que há quinze anos ele não vinha a uma festa; disse-lhe que o terno que estava usando fora emprestado por seu cunhado; disse-lhe que não gostava desse tipo de coisa e teria sentido grande alívio se continuasse e dissesse que era um homem comum, com marcada preferência por pessoas bem simples, quando então lhe falaria (para envergonhar-se disso depois) dos Brunner e do relógio, mas ela disse:

"O senhor viu *A tempestade*?".

Ou então (pois *A tempestade* ele não tinha visto) leu algum livro? De novo não, e então, nisso que ela punha seu sorvete de lado, costumava ler poesia?

E Prickett Ellis, sentindo subir-lhe algo por dentro que acabaria por decapitar esta moça, transformá-la em vítima, massacrá-la, fê-la sentar-se lá, onde ninguém os interromperia, em duas cadeiras, no jardim vazio, pois todos estavam no andar de cima, podendo-se ouvir apenas um incessante zumbido e a falação e um trintlim, como o louco acompanhamento de uma orquestra fantasma a um gato ou dois atravessando o gramado, e a ondulação das folhas e as lanternas chinesas vermelhas e amarelas balançando como frutas penduradas no ar – a conversa parecia uma frenética dança musical de esqueletos relacionada a algo muito real, e cheia de sofrimento.

"Que beleza!", disse Miss O'Keefe.

Oh, essa nesga de grama, com a massa negra e alta das torres de Westminster em torno, era bela mesmo, depois da sala de visitas; depois da barulheira, era silenciosa. E eles, afinal de contas, tinham aquilo – a mulher cansada, as crianças.

Prickett Ellis acendeu seu cachimbo. Isso a deixaria chocada; enchera-o de fumo vagabundo – cinco *pence* e meio a onça. Pensou como estaria em seu barco, fumando deitado, pôde ver-se sozinho, à noite, fumando sob as estrelas. Pois durante essa noite ele estivera sempre pensando que aparência teria, se as pessoas ali o olhassem. Ali, disse a Miss O'Keefe, riscando um fósforo na sola da bota, não conseguia ver nada de particularmente bonito.

“Talvez”, disse Miss O’Keefe, “o senhor não ligue para a beleza”. (Ele dissera não ter visto *A tempestade*; não ter lido nenhum livro; seu bigode, seu queixo, a corrente de relógio de prata, tudo nele exalava um ar de penúria.) Mas para isso, pensou ela, ninguém precisava gastar nada; os museus e a National Gallery eram grátis; e o campo também. Decerto sabia das objeções – lavar, cozinhar, crianças; mas a essência da coisa, o que eles todos tinham medo de dizer, era que a felicidade é barata à beça. Pode até sair de graça. A beleza.

Prickett Ellis deu-lhe então o que ela merecia – essa mulher abrupta, arrogante e pálida. Disse-lhe, com uma baforada de seu fumo barato, o que havia feito esse dia. De pé às seis; ouvindo gente; suportando o cheiro de esgoto de uma área sórdida; e depois no tribunal.

Nisso hesitou, querendo dizer-lhe algo de si, dos seus afazeres pessoais. Porém, por reprimir isso, tornou-se ainda mais sarcástico. Disse que já se sentia mal só de ouvir mulheres bem-vestidas e bem-alimentadas (ela encolheu os lábios, pois era magra e sua roupa não estava assim tão na moda) falando de beleza.

“A beleza!”, disse ele. Temia não entender a beleza tomada à parte dos seres humanos.

Olharam assim para o jardim vazio, onde oscilavam luzes e, bem lá no meio, com uma pata no ar, hesitava um gato.

A beleza à parte dos seres humanos? O que ele queria dizer com isso?, perguntou ela de repente.

Pois bem, isto: entrando cada vez em mais pormenores, contou-lhe a história dos Brunner e do relógio, sem disfarçar seu orgulho. Isso era belo, disse ele.

Já ela não teve palavras para especificar o horror que a história lhe causou. Primeiro, sua vaidade; depois, sua falta de pudor em falar de sentimentos humanos; era uma blasfêmia; ninguém no mundo devia contar um caso para provar que amava sua espécie. Entretanto quando ele contou o dele – como o velho tinha se posto de pé para fazer seu discurso – ela quase foi às lágrimas; ah, se algum dia alguém lhe tivesse falado assim! Mas aí de novo ela sentiu que fora justamente isso que condenara para sempre a humanidade; nunca eles iriam mais longe do que deixar-se comover por cenas com relógios; os Brunner fazendo discursos para os Prickett Ellis, e esses sempre dizendo que amavam sua espécie; seriam sempre preguiçosos, transigentes, temerosos diante da beleza. Daí surgiam revoluções; da preguiça e do medo e desse amor por cenas impressionáveis. Ainda assim esse homem teve prazer com seus Brunner; e ela estava condenada a sofrer eternamente por causa de suas pobres mulheres impedidas de entrar nas praças. Sentavam-se assim em silêncio. Ambos muito

infelizes. Pois Prickett Ellis não se aliviou nem um pouco com o que tinha dito; em vez de arrancar o espinho dela, enfiara-o ainda mais para o fundo; sua felicidade da manhã fora arruinada. Miss O'Keefe estava confusa e aborrecida; estava turva, e não clara.

"Temo ser uma dessas pessoas muito comuns", disse ele, levantando-se, "que amam sua espécie".

Ao que Miss O'Keefe quase gritou: "Eu também".

E assim odiando-se, odiando a casa cheia de gente que lhes proporcionara essa noite desilusiva e dolorosa, esses dois amantes de sua espécie se levantaram e, sem uma palavra, se despediram para sempre.

1926-1941

MOMENTOS DE SER:
“PINOS DE TELHA NÃO TÊM PONTAS”

“Pinos de telha não têm pontas – você não nota isso sempre?”, disse Miss Craye, virando-se pelo meio quando a rosa caiu do vestido de Fanny Wilmot, que por sua vez se dobrou, com os ouvidos cheios de música, para procurar o pino no chão.

Tais palavras, que Miss Craye disse ao tocar o último acorde de uma fuga de Bach, deram-lhe um choque extraordinário. Então Miss Craye ia de fato ao Telhador comprar pinos?, perguntou-se Fanny Wilmot, paralisada um momento. Pois então ficava lá no balcão, como qualquer um, esperando, e lhe davam moedas embrulhadas na conta, moedas que ela fazia deslizar para a bolsa da qual, uma hora mais tarde, já em pé ao toucador tirava os pinos? Que necessidade tinha de pinos, se em vez de se vestir se encasulava, como um besouro compactado na couraça, de azul no inverno e verde no verão? Que necessidade tinha ela de pinos – Julia Craye –, que vivia, ao que tudo indicava, no mundo frio e vítreo das fugas de Bach, tocando para si o que lhe dava prazer e só consentindo em aceitar um ou dois alunos do conservatório de música da Archer Street (assim dissera a diretora, Miss Kingston) por especial deferência a ela, que nutria “a maior admiração possível” por Miss Craye. Miss Craye ficou em maus lençóis, temia Miss Kingston, com a morte do irmão. Oh, eles tinham coisas tão lindas, quando moravam em Salisbury e o irmão, Julius, era então, decerto, um homem muito conhecido: um famoso arqueólogo. Foi um grande privilégio hospedar-se com eles, disse Miss Kingston (“Minha família os conheceu desde sempre – era tradicional em Salisbury”, Miss Kingston disse), mas um pouco assustador para uma criança; todo cuidado era pouco para não

bater com a porta nem entrar no quarto às carreiras. Miss Kingston, que fez breves descrições de caráter como essa no primeiro dia de aula, enquanto recebia cheques e assinava recibos, deu aqui um sorriso. Sim, em menina ela era mesmo levada; tinha corrido pela casa, pondo os vidros verdes romanos e todas aquelas coisas para pular nas vitrines. Nenhum dos Crayes era casado. Os Crayes não estavam acostumados com crianças. Criavam gatos. Os gatos, percebia-se, sabiam tanto sobre as urnas romanas e outras coisas como qualquer um.

"Muito mais do que eu!", disse alegremente Miss Kingston, assinando seu nome na estampilha com a caligrafia cheia, impetuosa e bem-disposta que tinha, pois sempre havia sido prática.

Talvez então foi ao acaso, pensou Fanny Wilmot, procurando o pino, que Miss Craye disse aquela frase, "Pinos de telha não têm pontas". Nenhum dos Crayes tinha se casado. Ela não entendia nada de pinos – nada mesmo. Mas queria quebrar o encantamento que se abatera sobre a casa; quebrar a placa de vidro que os separava das demais pessoas. Quando Polly Kingston, aquela garotinha espevitada, fez os vasos romanos balançarem ao bater com a porta, Julius, vendo que não havia estragos (sua primeira reação instintiva), acompanhou-a com os olhos, pois a vitrine ficava bem na janela, enquanto Polly escapulia de casa pelos campos afora; olhou-a com o mesmo olhar que às vezes sua irmã também tinha, prolongado, desejoso.

"Estrelas, lua, sol", parecia dizer aquele olhar, "margarida na grama, fogos, geada na vidraça, meu coração vai logo atrás de você. Mas você", parecia acrescentar sempre, "você escapa, você passa e some". E cobria simultaneamente a intensidade desses dois estados de espírito com um "Eu não consigo lhe alcançar – não consigo chegar até você", dito sôfrega e frustradamente. Desapareciam as estrelas, e a criança também.

Era esse o encantamento, era essa a superfície de vidro que Miss Craye queria quebrar quando mostrava, após tocar Bach com tal mestria para brindar a uma aluna favorita (Fanny Wilmot sabia ser a aluna favorita de Miss Craye), que ela sentia o mesmo que os outros em relação aos pinos. Os pinos de telha não tinham pontas.

Sim, o "famoso arqueólogo" também era assim. "O famoso arqueólogo" – ao dizer isso assinando cheques, certificando-se do dia do mês, falando com tal vivacidade e franqueza, Miss Kingston punha sua voz num tom indescritível, que dava a entender alguma coisa estranha, alguma coisa excêntrica, em Julius Craye. A mesmíssima singularidade que talvez houvesse em Julia também. Eu podia até jurar, pensou Fanny Wilmot, enquanto procurava o tal pino, que em festas, em cultos (o pai de Miss Kingston era pastor), ela captou partes de algum boato, ou quem sabe apenas um sorriso, um certo tom, ao ser mencionado o

nome dele, e que isso a deixou com “uma desconfiança” sobre Julius Craye. Desnecessário dizer que ela nunca falara disso a ninguém. Provavelmente mal sabia o que queria dizer com isso. Porém, sempre que se referia a Julius, ou que ouvia menções a ele, era esta a primeira ideia que lhe vinha à cabeça: havia alguma coisa esquisita sobre Julius Craye.

Era assim que Julia olhava também, sentada no banquinho de música, virada pelo meio, sorrindo. Ei-la no campo, na vidraça, no céu – a beleza; e eu não consigo chegar até ela; não a posso ter – eu, parecia acrescentar, com seu jeito ríspido, e tão característico, de ter a mão pronta a pegar, que a adoro com tal paixão, que daria o mundo inteiro para possuí-la! E ela apanhou o cravo que caíra no chão enquanto Fanny procurava o pino. Apanhou-o e voluptuosamente amassou-o, sentiu Fanny, em suas mãos macias e de veias saltadas, cheias de anéis da cor da água e com pérolas. A pressão de seus dedos parecia aumentar na flor o que ela de mais brilhante continha; realçá-lo; torná-lo mais fresco, franzido, imaculado. O que havia de estranho nela, e também em seu irmão, é que essa atividade dos dedos, agarrando e esmagando, combinava-se a uma frustração perpétua. Assim era ainda agora com o cravo. Ela o tinha nas mãos; apertava-o; mas não chegava a possuí-lo, não o desfrutava de todo.

Nenhum dos Crayes se casou, recordou-se Fanny Wilmot. Tinha em mente uma noite, quando a aula durou mais que de hábito e já estava escuro, em que Julia havia dito: “Os homens servem para nos proteger, sem dúvida”, dando-lhe aquele mesmo estranho sorriso, quando a ajudava, de pé, a amarrar a capa, o que a tornava, como a flor, consciente até a ponta dos dedos de juventude e brilho, mas, também como a flor, suspeitava Fanny, inibida.

“Oh, mas eu não quero proteção”, disse Fanny rindo e, quando Julia Craye, nela fixando seu extraordinário olhar, disse não estar assim tão certa disso, Fanny decididamente corou sob a admiração que ela estampava nos olhos.

Os homens só serviam para isso, dissera ela. Foi então por essa razão, perguntava-se Fanny, de olhos no chão, que ela nunca se casou? Afinal, não tinha passado a vida toda em Salisbury. “De longe a melhor parte de Londres”, comentara certa vez, “(mas estou falando de quinze ou vinte anos atrás) é Kensington. A dez minutos dos jardins – como que em pleno campo. Podíamos jantar ao ar livre de chinelos, sem pegar resfriado. Kensington – era então como uma aldeia, sabe”, dissera ela.

Nisso se interrompeu, para denunciar acerbamente as correntes de ar nos túneis do metrô.

“Os homens serviam para isso”, dissera ela, com uma espúria e aberrante aspereza. Por acaso isso lançava alguma luz sobre o problema de ter ficado solteira? Era possível imaginar cenas de todo tipo em sua juventude, quando ela,

com seus bondosos olhos azuis, o nariz firme e reto, as músicas ao piano e as rosas que em casta paixão desabrochavam no peito de seu vestido de musselina, tinha atraído primeiramente os rapazes para quem essas coisas, somadas às xícaras de porcelana, aos candelabros de prata e às mesas de marchetaria (pois os Craigs possuíam tais raridades), eram maravilhosas; rapazes não suficientemente distintos; rapazes da cidade-catedral com ambições. Primeiramente os atraíra e, depois, aos amigos dos seus irmãos de Oxford ou Cambridge. Esses, que viriam no verão, levavam-na pelo rio a remo, prosseguiam por carta a discussão sobre Browning e combinavam talvez, nas raras ocasiões em que ela passava tempos em Londres, de lhe mostrar – os jardins de Kensington?

"De longe a melhor parte de Londres – Kensington. Estou falando de quinze ou vinte anos atrás", ela dissera certa vez. "A dez minutos dos jardins – como que em pleno campo." Disso eu poderia extrair o que bem quisesse, pensou Fanny Wilmot; fixar-me por exemplo em Mr. Sherman, o pintor, velho amigo dela; levá-lo a bater em sua casa, com hora marcada, num dia ensolarado de junho; para levá-la a tomar chá embaixo das árvores. (Encontravam-se também nas festas às quais se ia de chinelos, saltitando e sem medo de pegar resfriado.) A tia ou outra parente idosa ficaria esperando enquanto eles fossem olhar o Serpentine. Deram mesmo uma olhada lá. Podem ter inclusive atravessado de barco o Serpentine, com ele nos remos. Compararam-no ao Avon. Comparação que ela tomaria muito a sério, porque dava importância às considerações sobre rios. Em parte angulosa, em parte arqueada, não obstante graciosa, sentava-se no comando. No momento crítico, pois ele havia decidido que devia falar agora – era sua única chance de estar a sós com ela – já estava falando, com a cabeça virada num ângulo ridículo, em seu grande nervosismo, por cima do ombro – momento exato em que ela o interrompeu com energia. Gritou que ele os levasse até a Ponte. Foi um momento de horror, de desilusão, de revelação para os dois. Não a posso ter, não a consigo possuir, pensava ela. E ele não entenderia por que então tinha vindo. Mas virou o barco, batendo o remo com toda força na água. Apenas para rejeitá-lo? Levou-a de volta e disse adeus.

A locação desta cena poderia variar à vontade, refletiu Fanny Wilmot. (Onde tinha caído o tal do pino?) Tanto fazia ser Ravena – ou Edimburgo, onde ela cuidara da casa para o irmão. Podiam variar a própria cena e o rapaz e a exata maneira como tudo ocorreu; mas uma coisa era constante – sua recusa, seu ar carrancudo, sua raiva de si mesma depois e seus raciocínios e o alívio – sim, certamente seu imenso alívio. No dia seguinte talvez ela se levantasse às seis horas para colocar sua capa e caminhar de Kensington até o rio. Sentia-se agradecida por não haver sacrificado seu direito de ir olhar as coisas no melhor momento – ou seja, antes que se levantem os outros. Ela, se quisesse, poderia ter

seu café na cama. Não havia sacrificado sua independência.

Sim, sorriu Fanny Wilmot, Julia não havia posto em risco seus hábitos. Hábitos que permaneciam a salvo e iriam sofrer reveses, caso se casasse. “São ogros”, disse ela ao cair de uma noite, meio sorrindo, quando outra aluna, jovem recém-casada, de repente se lembrou de que tinha de encontrar seu marido e saiu às carreiras.

“São ogros”, dissera ela, com um riso sinistro. Um ogro talvez interferisse com o café na cama; com caminhadas matinais até o rio. O que teria acontecido (o que mal se podia conceber) se ela tivesse tido filhos? Tomava surpreendentes precauções contra friagem, fadiga, comida muito temperada, a comida errada, correntes de ar, quartos quentes, viagens de metrô, pois nunca conseguia determinar qual dessas era exatamente a causa das terríveis dores de cabeça que transformavam sua vida num verdadeiro campo de batalha. Estava sempre empenhada em ludibriar o inimigo, até lhe parecer que a própria perseguição tinha lá algum interesse; ela acharia a vida um pouco monótona, se pudesse derrotar de vez o inimigo. Tal como era, o esforço de guerra era perpétuo – de um lado, o rouxinol ou a vista que lhe inspiravam paixão –, não era menos que paixão, de fato, o que sentia por panoramas e pássaros; e de outro a trilha úmida ou a lenta e horrível subida de uma ladeira íngreme que por certo não lhe faria bem no dia seguinte, trazendo-lhe uma dor de cabeça. Quando, por conseguinte, de tempos em tempos, ela reunia com acerto suas forças e empreendia uma visita a Hampton Court, na semana em que os açafrões (essas flores tão brilhantes eram as suas prediletas) estavam no máximo esplendor, obtinha uma vitória. Era algo que durava; algo que importava para sempre. Punha a tarde em questão no seu colar de dias memoráveis, que por não ser muito extenso a tornava capaz de recordar-se de alguns; de tal vista, de tal cidade; de tatear, sentir e saborear, suspirando, a qualidade que a tornava única.

“Estava tão bonito na sexta-feira passada”, disse ela, “que resolvi ir até lá”. Saíra assim para Waterloo a fim de realizar sua façanha – visitar Hampton Court – sozinha. De um modo natural, se bem que tolo, compadeciam-se dela por algo pelo que ela própria nunca pedira compaixão (de hábito, era de fato reticente, só falando de sua saúde como um guerreiro pode falar do adversário) – compadeciam-se dela por sempre fazer tudo sozinha. Seu irmão tinha morrido. Sua irmã, que era asmática, achava bom para si o clima de Edimburgo. Para Julia, era muito frio. Talvez também ela achasse as associações penosas, pois seu irmão, o famoso arqueólogo, tinha morrido lá; e ela adorava aquele irmão. Vivia totalmente só numa casinha perto de Brompton Road.

Fanny Wilmot, vendo o pino no tapete, apanhou-o. E olhou para Miss Craye. Era Miss Craye assim tão solitária? Não, Miss Craye era firme e bem-

aventuradamente, ainda que só por um momento, uma mulher feliz. Fanny a surpreendera num instante de êxtase. Sentava-se ao piano, virada para trás até o meio, e mantinha o cravo erguido entre as mãos cruzadas no colo, tendo por trás de si o abrupto quadrado da janela, sem cortinas e roxo no começo da noite, intensamente roxo depois que o brilho das lâmpadas elétricas se esparziu sem sombras pela despojada sala de música. Julia Craye, sentando-se arqueada e compacta a segurar sua flor, parecia emergir da noite londrina, que a envolvia por trás como uma capa. E aquilo parecia ser, pela nudez e intensidade, a efluência de seu espírito, algo que a rodeava e ela tinha feito, algo que era ela mesma. Fanny olhou.

Por um momento tudo pareceu transparente ao olhar de Fanny Wilmot, como se, olhando através de Miss Craye, ela visse a própria fonte de sua vida a jorrar em puras gotas de prata. Viu além dela, muito além, recuando cada vez mais em seu passado. Viu os vasos verdes romanos em suas caixas de vidro; ouviu os coristas jogando críquete; viu a tranquilidade de Julia ao descer para o gramado pelos degraus em curva; viu-a servindo o chá, embaixo do pé de cedro; meigamente encerrando as mãos do velho nas suas; viu-a de um lado para outro pelos corredores da residência da antiga catedral com toalhas na mão para marcá-las; lamentando ao passar a banalidade da vida cotidiana; e envelhecendo lentamente, desfazendo-se de certas roupas, quando o verão chegava, porque, para se usar na sua idade, eram brilhantes demais; e cuidando da doença do pai; e abrindo seu caminho de um modo cada vez mais decidido à medida que seu desejo a impelia, fortificado, à sua meta solitária; viajando só de vez em quando; calculando gastos, avaliando cada quantia que teria de sair de sua bolsa apertada para pagar tal viagem, ou comprar um espelho velho; agarrando-se obstinadamente, dissessem o que dissessem os outros, à escolha de seus próprios prazeres. Ela viu Julia…

Ela viu Julia abrir os braços; viu-a abrasar-se; viu-a crepitar. Vinda da noite ela ardeu como uma estrela branca e morta. Julia a beijou. Julia a possuiu.

“Pinos de telha não têm pontas”, disse Miss Craye, rindo de um modo singular e relaxando seus braços, enquanto Fanny Wilmot, com dedos trêmulos, prendia a flor no seu seio.

A DAMA NO ESPELHO: REFLEXO E REFLEXÃO

Ninguém deveria deixar espelhos pendurados em casa, assim como não se devem deixar abertos talões de cheques ou cartas que confessem algum crime horroroso. Era impossível não olhar, naquela tarde de verão, no grande espelho que havia no vestíbulo, pendurado para fora. Pura combinação do acaso. Da profundeza do sofá na sala de visitas, podiam-se ver não só, refletidos no espelho italiano, a mesa de tampo de mármore que estava em frente, mas também uma nesga do jardim além. Podia-se ver uma longa trilha de grama que se estendia entre moitas de flores altas até ser cortada em ângulo pela moldura dourada.

Estando a casa vazia, sentia-se alguém, sendo esse alguém a única pessoa na sala de visitas, como um desses naturalistas que, cobertos de capim e folhas, deitam para observar os animais mais tímidos – texugos, lontras, martins-pescadores – e, por não serem vistos, podem se mover à vontade. Nessa tarde a sala estava cheia de tais criaturas tímidas, luzes e sombras, cortinas ao vento, pétalas caindo – coisas que nunca acontecem, ao que parece, se alguém estiver olhando. A velha e calma sala campestre, com seus rústicos tapetes e a lareira de pedra, suas estantes afundadas e os armários de laca, em vermelho e ouro, estava cheia dessas criaturas noturnas. Vinham elas em piruetas pelo assoalho, pisando delicadamente com pés bem levantados, caudas bem abertas e bicos alusivos bicando como se fossem grous ou garças ou grupos de elegantes flamingos cuja cor desbotou, ou leques de pavões raiados de prata. E havia também uns pontos negros e jatos obscuros, como se repentinamente uma siba impregnasse o ar de sépia; e a sala tinha suas paixões e invejas e raivas e mágoas a sobrepujá-la e

encobri-la, como um ser humano. Nada continuava o mesmo em dois segundos juntos.

Mas, pelo lado de fora, o espelho refletia a mesa da entrada, os girassóis e a trilha do jardim com tanta fixidez e exatidão, que tais coisas pareciam mesmo estar lá, em sua inescapável realidade. Era um contraste estranho – aqui tudo mudando e, lá, tudo parado. Era impossível não olhar de um para o outro. Enquanto isso, como todas as portas e janelas estavam abertas com o calor, havia um perpétuo som de suspirar e parar, a voz dos transientes, ao que parecia, e dos que se extinguem, indo e vindo como o fôlego humano, ao passo que no espelho as coisas tinham parado de respirar e jaziam imóveis no transe da imortalidade.

Meia hora antes a dona da casa, Isabella Tyson, tinha descido pela trilha de grama, com uma cesta, em seu leve vestido de verão, e sumiu, cortada pela moldura do espelho. Provavelmente fora ao jardim colher flores; ou, como parecia mais natural supor, colher alguma coisa leve e fantástica e rastejante e folhuda, uma clematite ou uma dessas elegantes ramagens de ipomeia que se enroscam em muros desgraciosos para aqui e ali desabrocharem em flores roxas e brancas. Sugeria ela a fantástica e trêmula ipomeia, mais do que o aprumado áster, a engomada zínia ou suas próprias e ardentes rosas, que se acendiam como lâmpadas nos postes retilíneos das roseiras. A comparação mostra quão pouco se sabia a respeito dela, depois de todos esses anos; pois é impossível qualquer mulher de carne e osso, de cinquenta e cinco ou sessenta anos, ser tomada realmente por ramalhete ou gavinha. Tais comparações não são apenas vãs e superficiais – pior que isso, chegam até a ser cruéis por virem a se interpor tremendo, como a própria ipomeia, à verdade e aos olhos. Deve haver uma verdade; deve existir um muro. No entanto era estranho que, conhecendo-a depois de tantos anos, ninguém pudesse dizer qual a verdade referente a Isabella; frases como essas, sobre a ipomeia e a clematite, ainda tinham de ser feitas. No tocante aos fatos, tome-se por fato que ela era rica; que era uma solteirona; que comprara essa casa e com as próprias mãos juntara – não raro nos cantos mais remotos do mundo e a grande risco de picadas venenosas e doenças orientais – os tapetes, as cadeiras, os armários que agora levavam sua vida noturna diante dos olhos do observador. Parecia às vezes que os móveis sabiam mais sobre ela do que a nós, que aí nos sentávamos, que aí escrevíamos e que aí pisávamos com tanto cuidado, era permitido saber. Em cada um desses armários havia muitas gavetinhas, todas, com quase toda a certeza, contendo cartas em maços amarrados com elástico e perfumadas por ramos de lavanda ou folhas de rosa. Pois outro fato – se eram fatos que se queria – é que Isabella conhecera muitas pessoas, tinha tido muitos amigos; assim, alguém que tivesse a audácia de abrir uma gaveta para ler suas cartas encontraria vestígios de agitações sem conta, de

compromissos a manter, de exprobrações por o não ter feito, longas cartas de intimidade e afeição, cartas violentas de ciúme e censura, terríveis palavras finais de despedida – pois nenhum daqueles encontros e combinações de encontros levara a nada – ou seja, ela nunca se casara e no entanto, a julgar pela indiferença de máscara que lhe cobria o rosto, passara por um acúmulo de experiência e paixão vinte vezes maior do que o daqueles cujos amores são trombeteados para o mundo inteiro ouvir. Sob a tensão de pensar sobre Isabella, sua sala se tornava mais sombria e simbólica; os cantos pareciam mais escuros, as pernas das cadeiras e mesas, mais espichadas e hieroglíficas.

De súbito essas reflexões, sem que houvesse nenhum som, foram violentamente encerradas. Assomou ao espelho uma forma grande e negra que eclipsou tudo o mais; que espalhou sobre a mesa um monte de plaquinhas de mármore, raiadas de rosa e cinza, e se foi. Mas o quadro se alterou por completo. No primeiro momento, era irreconhecível, irracional e inteiramente desfocado. Não havia como relacionar tais plaquinhas a qualquer objetivo humano. Porém, depois, certo processo lógico começava pouco a pouco a entrar em ação a seu respeito, para ordená-las e arrumá-las e trazê-las ao âmbito da experiência comum. Por fim se perceberia que não eram senão cartas. O homem tinha trazido o correio.

Sobre a mesa de tampo de mármore, lá estavam elas, todas a princípio pingando luz e cor, não digeridas nem assimiladas. E era estranho então ver como se contraíam, se harmonizavam, se compunham e se tornavam parte do quadro, recebendo aquela quietude e imortalidade que o espelho conferia. Jaziam investidas de uma nova realidade, de uma nova significação e também de mais peso, como se fosse necessário um formão para desalojá-las da mesa. E, quer isso fosse ou não fantasia, pareciam ter se tornado, não simplesmente um punhado de cartas eventuais, mas sim plaquinhas gravadas com a verdade eterna – sendo possível lê-las, saber-se-ia tudo que havia para ser sabido sobre Isabella, sim, e também sobre a vida. Dentro daqueles envelopes de aparência marmórea, as folhas deviam ser cortadas a fundo e densamente eivadas de sentido. Isabella viria para os apanhar um a um, bem devagar, abri-los para ler com atenção, palavra por palavra, e depois, com um profundo suspiro de compreensão, como se ela já tivesse visto a essência de tudo, rasgar os envelopes em pedacinhos, amarrar as cartas juntas e fechar a chave a gaveta do armário, em sua determinação de ocultar o que não desejava que se tornasse notório.

Tal ideia servia como um desafio. Isabella não queria ser conhecida – mas não conseguiria mais escapar. Era absurdo, era monstruoso. Se ela sabia tanto e ocultava tanto, a alternativa que restava era abri-la à força com a primeira ferramenta de que se dispunha – a imaginação. Nesse exato momento, era

preciso fixar a atenção nela. Era preciso retê-la, segurá-la ali onde estava. Recusar-se a continuar a ser descartado por dizeres e afazeres que a ocasião produzia – por jantares e visitas e conversas polidas. Era preciso pôr-se em sua pele, saber onde lhe apertava o sapato. A se tomar literalmente a frase, seria fácil ver os sapatos nos quais estava metida, lá embaixo no jardim, nesse momento. Eram muito estreitos e compridos e à moda – feitos do mais macio e flexível couro. Como tudo que ela usava, eram refinadíssimos. E ela haveria de estar na ponta dos pés, sob a alta cerca-viva na parte mais baixa do jardim, erguendo a tesoura que trazia presa à cintura para cortar uma flor seca ou um galho que crescera demais. O sol lhe bateria em cheio no rosto, nos olhos; mas não, no momento crítico um véu de nuvem cobriria o sol, tornando duvidosa a expressão de seus olhos – seria essa de ternura ou de troça, de fulgor ou de enfado? Podia-se ver apenas o indeterminado contorno de seu rosto fino e definhado a olhar para o céu. Ela estava pensando, talvez, que tinha de encomendar uma nova proteção para os morangueiros; que tinha de mandar flores à viúva de Johnson; que já era tempo de ir fazer uma visita aos Hippesley em sua nova casa. Dessas coisas, com certeza, é que falava no jantar. Mas as coisas das quais ela falava no jantar eram cansativas. Seu modo mais profundo de ser é que se queria captar e converter em palavras, o modo que para o espírito é o que é a respiração para o corpo, o que se chama de felicidade ou infelicidade. À menção dessas palavras se tornava óbvio, decerto, que ela devia ser feliz. Era rica; era distinta; tinha muitos amigos; viajava – comprava tapetes na Turquia e vasos azuis na Pérsia. Aleias de prazer por aqui e ali se aclaravam onde ela erguia a tesoura para podar ramos trêmulos, enquanto as nuvens rendadas lhe velavam a face.

Então, com um brusco manejo da tesoura ela cortou o ramalhete de clematite, que caiu no chão. Ao cair, trouxe junto sem dúvida um pouco de luz também, permitindo penetrar ainda mais em sua vida e pessoa. Ternura e remorso enchiam-lhe a essa altura o espírito… Podar um ramo que crescera demais a entristecia, porque nele houvera vida e a vida lhe era cara. Sim e, ao mesmo tempo, a queda do ramo sugeria que ela também haveria de morrer, que tudo era futilidade e evanescência das coisas. E mais uma vez então, agarrando-se a essa ideia com seu bom senso instantâneo, ela pensou que a vida a tinha tratado bem; sua queda, ainda que inevitável, seria para jazer na terra e suavemente apodrecer nas raízes das violetas. Assim pois, ali em pé, ela ficou pensando. Sem formular qualquer ideia precisa – porque era uma dessas pessoas cujas mentes têm pensamentos enredados em nuvens de silêncio –, via-se repleta de ideias. Sua mente era como sua sala, na qual as luzes avançavam e retrocediam, fazendo piruetas, dando passos delicados, desdobrando caudas e abrindo espaço a bicadas; todo seu ser era banhado, como de novo a própria sala,

pela nuvem de algum conhecimento profundo, algum lamento não expresso, e ela se via então cheia de gavetas trancadas, recheada de cartas como seus armários. Falar de “abri-la à força” como se ela fosse uma ostra, aplicar-lhe qualquer ferramenta que não a mais maleável, a mais afiada e penetrante, seria absurdo e ímpio. Era preciso imaginar – ei-la que aparecia no espelho. E isso causava um sobressalto.

A princípio ela estava tão distante que era impossível vê-la com nitidez. Andava lenta e pausadamente, ora endireitando uma rosa, ora levantando um cravo para cheirá-lo, mas não parava nunca; e de instante a instante tornava-se maior no espelho, de modo a completar-se cada vez mais a pessoa em cuja mente se tentava entrar há algum tempo. Gradualmente o observador a examinava – ajustando as características que havia descoberto naquele corpo visível. Lá estavam seu vestido verde-cinza, seus sapatos compridos, sua cesta e algo que cintilava em seu pescoço. Tão devagar ela vinha que nem parecia desarranjar a própria imagem no espelho, mas tão só lhe acrescentar algum elemento novo que suavemente se movia e alterava os demais objetos, como se lhes pedisse, com polidez, que dessem espaço para ela. E assim as cartas e a mesa e a trilha de grama e os girassóis, que já se achavam à espera no espelho, apartavam-se abrindo caminho para admiti-la em seu meio. Finalmente lá estava ela, no vestíbulo. E ali parou completamente. Parou em pé junto à mesa. Parou sem nem se mexer. De imediato o espelho passou a verter por cima dela uma luz que a parecia fixar; que era como um ácido a corroer o que fosse superficial e dispensável, deixando apenas a verdade. Era um fascinante espetáculo. Tudo de si caía – nuvens, vestido, cesta, diamante –, tudo que se havia chamado de trepadeira e ipomeia. Ali estava a parede dura por trás. Ali estava a própria mulher, desnuda e em pé na luz impiedosa. E nada havia. Isabella estava completamente vazia. Não tinha ideias. Não tinha amigos. Não se importava com ninguém. Quanto às suas cartas, não eram todas senão contas. Via-se, nisso que ela ali se plantava, angulosa e idosa, enrugada e veiada, com seu nariz empinado e estrias pelo pescoço, que nem sequer se preocupava em abri-las.

Ninguém deveria deixar espelhos pendurados em casa.

LAPPIN E LAPINOVA

Eles se casaram. Chegou ao fim a marcha nupcial. Os pombos bateram asas. Garotinhos com casacos de Eton jogaram arroz; no meio do caminho saracoteou um fox terrier; e Ernest Thorburn conduziu sua noiva ao carro por entre o pequeno e inquisitivo aglomerado de completos estranhos que sempre se forma em Londres para desfrutar da felicidade ou infelicidade dos outros. Por certo ele tinha boa aparência e ela aparentava ser tímida. Mais arroz foi jogado e o carro partiu.

Isso foi na terça-feira. Hoje era sábado. Rosalind tinha de acostumar-se ainda ao fato de agora ser Mrs. Ernest Thorburn. Talvez nunca se acostumasse ao fato de ser senhora Ernest Fosse-o-que-fosse, pensava ela, sentada na janela arcada do hotel que dava para o lago e as montanhas, esperando seu marido descer para o café. Era difícil se acostumar a um nome como Ernest. Não, não era o nome de sua preferência. Se pudesse, teria escolhido Timothy, Antony ou Peter. Além do mais ele não tinha cara de Ernest. Tal nome sugeria o Albert Memorial, móveis de mogno, gravuras em metal do príncipe consorte e família – em suma, a sala de jantar da sogra dela em Porchester Terrace.

Mas aí vem ele. Graças a Deus ele não tinha cara de Ernest – não. Mas então cara de quê teria? Com olhares de soslaio, ela pôde observá-lo. Bem, assim, comendo torrada, parecia um coelho. Não que outra pessoa fosse ver semelhança com uma criatura tão diminuta e tímida naquele rapagão musculoso e guapo, de nariz reto, olhos azuis e boca bem talhada. Mas por isso é que era mais divertido ainda. Quando comia, o nariz dele tremia um pouco. Tal e qual o coelho de estimação que Roselind tinha. Observou-o com tão grande insistência, o nariz que tremia, que acabou tendo de explicar, quando ele a surpreendeu

olhando-o, por que sorria.

“É porque você parece um coelho, Ernest”, disse ela. “Um coelho selvagem”, acrescentou, olhando para ele. “Um coelho caçador; o rei dos coelhos; um coelho que faz leis para todos os demais.”

Ernest não ligou de ser tomado por um coelho dessa espécie e, como ela se divertia tanto vendo o nariz dele tremer – sem que ele soubesse até então que seu nariz tremia –, ele o fez tremer de propósito. E ela riu a mais não poder; e ele riu também, de modo que as moças solteiras e o pescador e o garçom suíço de jaleco preto ensebado, todos adivinharam certo; eles eram muito felizes. Mas quanto tempo dura essa felicidade? perguntavam-se eles próprios; e cada qual respondia de acordo com suas próprias circunstâncias.

Na hora do almoço, sentada numa moita de urze à beira do lago, “Quer alface, coelho?”, disse Rosalind, exibindo a verdura que havia sido levada para comer com os ovos cozidos. “Vem pegar na minha mão, vem”, acrescentou, e ele se esticou todo, deu dentadinhas na alface e fez seu nariz tremer.

“Coelho bonzinho, coelho bonito”, dizia ela, alisando-o como costumava alisar seu bicho domesticado em casa. Mas era um absurdo. Ele, fosse lá o que fosse, não era um coelho domesticado. Ela então tentou chamá-lo em francês: “Lapin”. Mas ele, fosse lá o que fosse, também não era um coelho francês. Era pura e simplesmente inglês – nascido em Porchester Terrace, educado em Rugby; atualmente funcionário do serviço público de Sua Majestade. Assim, a seguir, ela tentou “Coelhinho”; mas foi ainda pior. “Coelhinho” era alguém gordinho e fofo e gozado; ele era magro e duro e sério. Apesar disso, seu nariz tremia. “Lappin”, exclamou ela de repente; e deu um gritinho como se tivesse encontrado a palavra exata que vinha procurando.

“Lappin, Lappin, rei Lappin”, repetia. Parecia encaixar-se nele à perfeição; ele não era Ernest, era o rei Lappin. Por quê? Ela não sabia.

Quando não havia nada de novo sobre o que conversar, em seus longos passeios solitários – e chovia, como todos lhes tinham dito que ia chover; ou quando eles sentavam de noitinha à lareira, pois fazia frio, tendo as moças solteiras e o pescador se retirado e só vindo o garçom se se tocasse o sino, ela deixava sua imaginação brincar com a história da tribo de Lappin. Em suas mãos – ela estava costurando; ele estava lendo – seus integrantes se tornavam muito reais, muito vívidos, muito engraçados. Ernest largou seu jornal para ajudá-la. Havia coelhos pretos e coelhos vermelhos; havia amigos e inimigos. Havia a mata na qual eles viviam e as campinas em volta e o charco. Acima de tudo havia o rei Lappin, que, longe de apenas ter um tique – o de tremer o nariz –, tornou-se com a passagem do tempo um animal de grande reputação; Rosalind sempre encontrava novas qualidades nele. Mas acima de tudo era um grande

caçador.

“E o que foi”, perguntou Rosalind, no último dia da lua de mel, “que o rei fez hoje?”.

Na realidade eles dois, o dia todo, tinham subido morros; e ela ficara com uma bolha no calcanhar; mas não era isso que tinha em mente.

“Hoje”, disse Ernest, fazendo o nariz tremer enquanto abria nos dentes a ponta de seu charuto, “ele caçou uma lebre”. Fez uma pausa; riscou um fósforo e seu nariz tremeu de novo.

“Uma lebre mulher”, acrescentou.

“Uma lebre branca!”, exclamou Rosalind, como se já contasse com isso. “Uma lebre um tanto pequena; cinza-prateada; de olhos grandes e brilhantes?”

“Sim”, disse Ernest, olhando para ela como ela o olhava, “um bichinho assim; de olhos saltando para fora das órbitas e com as duas patinhas dianteiras balançando no ar”. Era exatamente assim que ela sentava, com sua peça de costura balançando nas mãos; e seus olhos, tão grandes e brilhantes, eram por certo algo proeminentes.

“Ah, Lapinova”, murmurou Rosalind.

“É assim que ela se chama?”, disse Ernest, “a Rosalind real?”. Sentindo-se profundamente apaixonado, não parava de olhar para ela.

“Sim; é assim que ela se chama”, disse Rosalind. “Lapinova.” E antes de irem para a cama, nessa noite, ficou tudo resolvido. Ele era o rei Lappin; ela, a rainha Lapinova. Eram o completo contrário um do outro; ele, decidido e audacioso; ela, desconfiada e insegura. Ele governava o atarefado mundo dos coelhos; já o mundo dela era um lugar desolado, misterioso, que ela percorria pincipalmente ao luar. De todo modo, seus territórios se tocavam; eram rei e rainha.

Ao voltarem de sua lua de mel, eles assim já possuíam um mundo particular, habitado apenas, com a exceção da lebre branca, por coelhos. Ninguém adivinhava a existência desse lugar, o que decerto tornava a coisa ainda mais divertida. Era algo que os fazia sentir-se, mais ainda do que a maioria dos jovens casais, em aliança contra o restante do mundo. Não raro trocavam irônicos olhares quando as pessoas falavam de coelhos e matas e armadilhas e caça. Trocavam-se piscadelas furtivas pela mesa quando tia Mary dizia que era incapaz de aguentar ver uma lebre num prato – parecia tanto um bebê: ou quando John, o irmão brincalhão de Ernest, disse-lhes a que preços os coelhos chegavam, nesse outono, com pele e tudo, em Wiltshire. Os dois, às vezes, se necessitassem de um guarda-caça, de um caçador ilegal ou de um Senhor do Solar, divertiam-se distribuindo os papéis entre seus amigos. A mãe de Ernest, Mrs. Reginald Thorburn, por exemplo, encaixava-se à perfeição no papel de

Proprietária Rural. Mas tudo isso era segredo – e isso é que era bom. Ninguém a não ser eles sabia que esse mundo existia.

Sem esse mundo, como, perguntava-se Rosalind, teria ela sobrevivido àquele inverno? Houve, por exemplo, a festa de bodas de ouro, quando todos os Thorburn se reuniram em Porchester Terrace para celebrar o quinquagésimo aniversário daquela união tão abençoada – não havia ela gerado Ernest Thorburn? e tão fecunda – não gerou de quebra nove irmãos e irmãs, muitos deles casados e igualmente fecundos? Ela temia aquela festa. No entanto foi inevitável. Já quando ia escada acima possuiu-a o amargo sentimento de ser filha única e além do mais órfã; uma simples gota entre todos aqueles Thorburn reunidos na grande sala de visitas onde brilhavam o papel de parede acetinado e os ilustres retratos da família. Os Thorburn vivos pareciam-se muito com os retratados; só que, em vez de lábios pintados, tinham lábios reais; dos quais saíam casos gozados; casos sobre as horas de estudo, sobre como tinham puxado a cadeira para a governanta cair; casos sobre sapos, sobre alguém ter posto um sapo entre os virgens lençóis de moças solteiras. Quanto a ela, nunca sequer arrumou a cama direito. Segurando seu presente na mão, avançou para sua sogra, suntuosa num cetim amarelo; e para seu sogro, decorado com um rico cravo amarelo. Ao seu redor espalhavam-se tributos de ouro sobre mesas e cadeiras; uns aninhando-se em lã de algodão; outros esgalhando-se resplandecentes – candelabros; caixas de charutos; correntes; todos com a declaração do ourives gravada de que era ouro do bom, certificado, autêntico. Mas o presente dela era apenas uma caixinha de pechisbeque com um crivo; um antigo espalhador de areia, uma relíquia do século XVIII, usado para aspergir areia sobre tinta molhada. Um presente, pensava ela, meio sem sentido – numa época de papel mata-borrão; e, ao oferecê-lo, viu pela frente a letra negra e grossa na qual sua sogra tinha expressado a esperança, quando eles se comprometeram, de que “Meu filho a fará feliz”. Não, feliz ela não era. Nem um pouco. Olhou para Ernest, reto que nem uma vareta, com um nariz igual a todos os narizes dos retratos da família; um nariz que não tremia nunca.

Depois desceram para o jantar. Ela ficou meio escondida pelos crisântemos cujas pétalas vermelhas e amarelas se apertavam caindo em grandes cachos. Era tudo de ouro. Um cartão debruado a ouro com iniciais entrelaçadas em ouro declinava a lista das delícias que, uma após outra, seriam postas diante deles. Num prato de claro fluido de ouro ela mergulhou a colher. E até a bruma branca e em bruto de fora foi transformada por lâmpadas num emaranhado dourado que se refletia nas beiradas dos pratos e dava aos abacaxis uma casca áspera e áurea. Somente ela, em seu vestido branco de casamento, olhando em frente com seus olhos proeminentes, parecia insolúvel como um pingente de gelo.

Ao prolongar-se o jantar, contudo, o calor se propagou pela sala. Formavam-se gotas de suor na testa dos homens. Seu pingente, ela sentiu, estava virando água. Ela estava derretendo; dispersava-se; dissolvia-se em nada; e ia desmaiar dentro em pouco. Então, por entre a compressão na cabeça e a algazarra em seus ouvidos, ela ouviu a voz de uma mulher que exclamava: “Mas é assim que eles procriam!”.

Os Thorburn – sim; é assim que eles procriam, repetiu ela; olhando para todos os rostos redondos e vermelhos que, na vertigem que a dominava, pareciam duplicar-se; e magnificar-se na neblina dourada que os aureolava. “É assim que eles procriam.” A essa altura John berrava:

“São uma praga!… É bala neles! É esmagá-los no tacão da bota! É a única maneira de enfrentar esses bichos… os coelhos!”.

A essa palavra, a essa palavra mágica, ela reviveu. Espiando por entre os crisântemos, viu o nariz de Ernest tremer, enrugar-se um pouco e voltar a tremer sucessivas vezes. Nisso uma misteriosa catástrofe se abateu sobre os Thorburn. A mesa dourada tornou-se uma charneca com o tojo em plena floração; a algaravia das vozes reduziu-se a um ressoar de riso de cotovia pelo céu. Era um céu azul – nuvens passavam lentamente. E eles, os Thorburn – todos eles mudaram. Ela olhou para o sogro, homenzinho furtivo de bigode pintado. Seu fraco era colecionar coisas – selos, caixinhas esmaltadas, bugigangas de toucador do século XVIII que ele escondia da esposa nas gavetas do seu gabinete. Nesse instante ela o viu como ele era – um caçador ilegal, que se esgueirava, com os faisões e perdizes que furtou a lhe estufar o capote, para às escondidas jogá-los num caldeirão de três pernas em seu enfumaçado casebre. Era este o seu sogro verdadeiro – um caçador em terra alheia. E Celia, a filha solteira, que vivia se intrometendo nos segredinhos dos outros, nas coisas que queriam manter ocultas – ela era um furão branco de olhos avermelhados, com restos de terra no focinho provindos de seu horrível fuçar e bisbilhotar subterrâneo. Apoiada em ombros de homens, numa rede, e enfiada por um buraco abaixo – era uma vida lamentável – a de Celia; não por culpa dela. Foi assim que ela viu Celia. Depois olhou para sua sogra – que eles chamavam de Proprietária Rural. Corada, grosseira, arrogante – sim, tudo isso ela era, ali em pé retribuindo agradecimentos, mas agora que Rosalind – isto é, Lapinova – a via, via por trás dela a mansão familiar decadente, o emboço descascando nas paredes, e a ouvia dar graças, com um soluço na voz, a seus filhos (que a detestavam) por um mundo que já havia deixado de existir. Houve um súbito silêncio. Todos se postaram com seus copos erguidos; todos beberam; depois tudo se acabou.

“Oh, rei Lappin!”, gritou ela, quando já iam para casa, juntos, no nevoeiro, “se o seu nariz não tivesse tremido bem naquele momento, eu cairia na

armadilha!”

“Mas você está salva!”, disse o rei Lappin, apertando-lhe a patinha.

“Totalmente”, respondeu ela.

E assim de novo eles atravessaram o parque, rei e rainha dos brejais, da neblina e da charneca perfumada de tojo.

E assim se passou o tempo; um ano; dois anos. E numa noite de inverno, que por coincidência caiu no aniversário da festa de bodas de ouro – mas Mrs. Reginald Thorburn estava morta; a casa, para alugar; e havia apenas um zelador morando lá –, Ernest, vindo do escritório, chegou em casa. Era uma casinha agradável, a deles; a metade de uma casa por cima da loja de um seleiro em South Kensington, não muito longe da estação do metrô. Fazia frio, com neblina no ar, e Rosalind estava sentada à lareira, costurando.

“Sabe o que aconteceu comigo hoje?”, começou ela, tão logo ele se instalou ao calor esticando as pernas. “Eu estava atravessando o riacho, quando…”

“Que riacho?”, interrompeu Ernest.

“O riacho do fundo, onde nossa mata se encontra com a mata negra”, explicou ela.

Ernest parecia ter ficado perplexo.

“De que diabo você está falando?”, perguntou.

“Ernest, meu querido!”, ela gritou consternada. “Rei Lappin”, acrescentou, balançando à luz do fogo suas patinhas dianteiras. Mas o nariz dele não tremeu. E as mãos dela – voltando a ser mãos – agarraram-se ao pano que ela segurava; seus olhos quase saltaram da cabeça. Ele levou ao menos cinco minutos para mudar, para passar de Ernest Thorburn a rei Lappin; e ela, enquanto esperava, sentia um peso na nuca, como se houvesse alguém a ponto de lhe torcer o pescoço. Finalmente ele virou o rei Lappin; seu nariz tremeu; e eles passaram a noite, como de hábito, pervagando pelas matas.

Ela porém não dormiu bem. Acordou no meio da noite, sentindo que alguma coisa estranha lhe tinha acontecido. Estava enrijecida e fria. Acabou acendendo a luz e, quando olhou para Ernest a seu lado, ele dormia a sono solto, roncando. Mas, muito embora roncasse, seu nariz se mantinha completamente imóvel. Dava aliás a impressão de nunca ter se mexido. Seria possível que aquele fosse realmente o Ernest; e que ela realmente fosse casada com um Ernest? Surgiu-lhe pela frente uma visão da sala de jantar de sua sogra; e lá sentavam-se eles, ela e Ernest, envelhecidos, por baixo das gravuras, diante do aparador… Era o dia de suas bodas de ouro. E ela não conseguia aguentar.

“Rei Lappin, rei Lappin!”, sussurrou, e por um momento o nariz dele pareceu tremer por moto próprio. Mas ele mesmo continuava dormindo. “Acorde, Lappin, acorde!”, gritou ela.

Ernest acordou; e, ao vê-la sentada assim, tão tensa e reta a seu lado, perguntou:

“Que foi que houve?”.

“Pensei que meu coelho tinha morrido!”, choramingou ela. Ernest se aborreceu.

“Não diga uma bobagem dessas, Rosalind”, disse ele. “Deite-se e volte a dormir.”

E virou de costas. Mais um momento e já estava dormindo fundo e roncando.

Ela porém não conseguia dormir. Enroscava-se em seu lado da cama como uma lebre em sua forma. Tinha apagado a luz, mas a lâmpada da rua clareava ligeiramente o teto, sobre o qual as árvores de fora compunham uma trama rendada, como se houvesse nele um arvoredo sombrio pelo qual ela vagava, entrando e saindo, dando voltas e mais voltas, desorientando-se, caçando e sendo caçada, ouvindo as trombetas e os latidos dos cães; fugindo, escapando… até a empregada abrir as cortinas e lhes trazer o chá da manhã.

No dia seguinte ela não foi capaz de fixar-se em nada. Parecia ter perdido uma coisa. Sentia-se como se seu corpo tivesse encolhido; como se, além de menor, ele estivesse duro e preto. Suas juntas também se mostravam rígidas e, ao olhar-se no espelho, o que ela fez várias vezes ao andar pelo apartamento, seus olhos davam a impressão de estar saindo do rosto, como passas que saltam da superfície de um bolo. Também os cômodos pareciam ter encolhido. Grandes peças do mobiliário assumiam relevo em ângulos inesperados, e ela deu consigo a bater de encontro aos móveis. Afinal pôs um chapéu na cabeça e saiu. Foi caminhando ao longo de Cromwell Road; e cada sala por que passava, e na qual dava uma espiada, parecia ser uma sala de jantar onde as pessoas sentavam-se comendo sob gravuras em metal, com cortinas rendadas, amarelas e grossas, e aparadores de mogno. Finalmente chegou ao Museu de História Natural; gostava dali, quando criança. Mas a primeira coisa que ela viu, assim que entrou, foi uma lebre empalhada, de pé sobre neve falsa e com olhos de vidro cor-de-rosa. Um tremor a percorreu de alto a baixo. Ao cair o crepúsculo talvez melhorasse. Ela foi para casa e sentou-se à lareira, sem acender a luz, e tentou imaginar que estava sozinha num matagal; que um riacho corria por ali; e que além do riacho havia a mata escura. Ela porém só ia até o riacho. Finalmente acocorou-se no capim molhado da margem, e se agachou na cadeira na qual estava sentada, com as mãos vazias balançando e os olhos, como se fossem mesmo de vidro, vidrados na luz do fogo. Fez-se então o barulho de uma arma engatilhada… Como se houvesse levado um tiro, ela tremeu. Era apenas Ernest, virando sua chave na porta. Ela esperou, tremendo ainda. Ele entrou e acendeu a luz. Lá

estava de pé, alto, bonito, esfregando as mãos vermelhas de frio.

“Sentada no escuro?”, disse.

“Oh, Ernest, Ernest!”, exclamou ela, levantando-se de sua cadeira.

“Bem, o que foi dessa vez?”, perguntou ele com aspereza, esquentando as mãos no fogo.

“É Lapinova…”, balbuciou ela, fitando-o tumultuosamente com seus grandes olhos sobressaltados. “Ela se foi, Ernest. Eu a perdi!”

Ernest franziu as sobrancelhas. E apertou bem os lábios. “Oh, então foi isso?”, disse ele, sorrindo de um modo algo implacável para sua esposa. Ficou ali, em pé, calado, por dez segundos; e ela esperou, sentindo mãos a apertarem seu pescoço por trás.

“Pois é”, disse ele enfim. “Pobre Lapinova…” No espelho em cima da lareira ele endireitou a gravata.

“Caiu numa armadilha”, disse ele, “morreu”, e sentou-se para ler seu jornal.

E esse foi o fim daquele casamento.

O HOLOFOTE

A mansão do conde do século XVIII foi transformada no século XX num clube. E era agradável, depois de jantar no salão com pilares e candelabros sob uma luz ofuscante, sair para a sacada que dava para o parque. As árvores estavam cobertas de folhas e, se houvesse lua, poder-se-ia enxergar os cocares das castanheiras, tingidos de creme e cor-de-rosa. Contudo era uma noite sem lua; muito quente, depois de um belo dia de verão.

Os convidados de Mr. e Mrs. Ivimey tinham ido fumar e tomar café na sacada. Como que para poupá-los à obrigação de conversar, para distraí-los sem nenhum esforço da parte deles, feixes de luz giravam pelo céu. Era tempo de paz; mas a força aérea fazia seus exercícios; procurando no céu um avião inimigo. Depois de se deter num ponto suspeito para esquadrinhá-lo, a luz voltava a rodar, como as pás de um moinho, ou então como as antenas de algum prodigioso inseto, e revelava aqui uma cadavérica fachada de pedra; acolá uma castanheira coroada de flores; de repente a luz bateu na sacada e, por um segundo, um disco brilhou intensamente – talvez um pequeno espelho na bolsinha de mão de uma senhora.

"Olhem", exclamou Mrs. Ivimey.

A luz passou. Eles ficaram novamente no escuro.

"Ninguém adivinha o que *isso* me fez ver!" Naturalmente, eles adivinharam.

"Não, não, não", protestou ela. Ninguém podia adivinhar; só ela sabia; só ela era capaz de saber, porque ela era a bisneta do próprio homem. Foi ele quem lhe contou a história. Que história? Bem, se eles quisessem, ela tentaria contá-la. Ainda havia tempo antes da peça.

“Mas por onde eu começo?”, ponderou. “Pelo ano de 1820?… Deve ter sido por aí a época da infância do meu bisavô. Eu mesma já não sou mais tão jovem”, não, mas mantinha-se bonita e bem conservada, “e ele já era muito idoso em meus tempos de menina – quando me contou a história. Um velho, sim, e muito bonito”, explicou ela, “de basta cabeleira branca e olhos azuis. Deve ter sido um garoto lindo. Mas estranho… O que era apenas natural – vendo-se como eles viviam. O nome era Comber. Tinham decaído de nível. Depois de serem fazendeiros; de terem tido terras no Yorkshire. Mas, quando ele era garoto, só restava a torre. A casa era o mesmo que nada, uma simples casinhola de fazenda no meio dos campos. Demos uma passada por lá há uns dez anos. Tivemos de deixar o carro e atravessar os campos a pé. Não há estrada até a casa, que fica isolada, com capim crescendo pelo portão acima… havia umas galinhas ciscando, que entravam e saíam dos cômodos. Tudo na mais completa ruína. Lembro que da torre caiu subitamente uma pedra”. E ela fez uma pausa. “Era lá que eles viviam”, prosseguiu, “o velho, a mulher e o menino. Ela não era mulher dele, nem a mãe do menino. Era uma simples ajudante da fazenda, uma garota que o velho levou para viver com ele quando sua esposa morreu. Outra razão talvez por que ninguém os visitava – por que a casa toda estava que era pura ruína. Lembro porém de um brasão por cima da porta; e de livros, livros velhos, mofados. Foi nos livros, sozinho, que ele aprendeu tudo que sabia. Lia muito, lia sem parar, ele me disse, livros antigos, livros de cujas páginas se desdobravam mapas. Arrastou-os para o alto da torre – a corda ainda está por lá, como os degraus quebrados. Ainda há uma cadeira à janela, sem fundo; a janela aberta despencando, as vidraças quebradas e uma vista quilométrica pelos matagais afora”.

Ela se interrompeu, como se estivesse na torre olhando pela janela que despencava aberta.

“Mas não conseguimos”, disse, “encontrar o telescópio”. Na sala de jantar por trás deles o barulho de pratos se tornou mais forte. Mas Mrs. Ivimey na sacada parecia intrigada, porque não conseguia achar o telescópio.

“Por que um telescópio?”, perguntou-lhe alguém.

“Por quê? Porque, se não tivesse havido um telescópio”, ela riu, “eu não estaria sentada aqui agora!”.

E certamente ela estava sentada ali agora, uma bem conservada mulher de meia-idade com alguma coisa azul nos ombros.

“Deve ter sido lá”, retomou, “porque ele me disse que todas as noites, quando os mais velhos iam para a cama, ele se sentava à janela, olhando pelo telescópio as estrelas. Júpiter, Aldebarã, Cassiopeia”. E ela estendeu a mão para as estrelas que estavam começando a despontar sobre as árvores. Ficava escuro.

E o holofote parecia mais brilhante ao varrer o céu, parando aqui e ali para também se fixar nas estrelas.

"Lá estavam elas", prosseguiu, "as estrelas. E ele, o meu bisavô, o garoto – se perguntou: 'O que elas são? E por que são? E quem sou eu?' como nos perguntamos, estando a sós, sem ninguém com quem conversar, quando olhamos para as estrelas".

Ela se calou. E todos olharam para as estrelas que surgiam na escuridão por cima das árvores. Estrelas que pareciam bem permanentes, bem imutáveis. Os barulhos de Londres abafaram-se ao longe. Cem anos não pareciam ser nada. Eles sentiram a presença do garoto olhando para as estrelas com eles. Sentiram-se na torre a seu lado, à procura de estrelas por sobre os matagais.

Uma voz então disse por trás deles:

"Certo, sim. Sexta-feira".

Todos se viraram, se mexeram, sentindo-se cair de regresso na sacada.

"'Certo, sim – sexta-feira…' Ah, mas não havia ninguém para dizer isso a ele", murmurou ela. O casal se levantou para andar.

"*Ele* estava sozinho", retomou ela. "Era um belo dia de verão. Um dia de junho. Um desses dias perfeitos de verão, quando tudo parece manter-se imóvel no calor. Mas havia galinhas ciscando pelo terreiro; o velho cavalo esperneando no estábulo; o homem velho cochilando sobre seus óculos. A mulher areando baldes no tanque. Talvez tenha caído uma pedra da torre. Parecia que o dia não acabaria nunca. E ele não tinha com quem conversar – nada em absoluto para fazer. Subiu pois para sua Torre. O mundo todo estendeu-se à sua frente. Os matagais subindo e baixando; o céu se encontrando com os matagais; verde e azul, verde e azul, para sempre e sempre."

À meia-luz, podiam ver que Mrs. Ivimey já se debruçava à sacada, com o queixo apoiado em suas mãos, como se do topo de uma torre ela olhasse os matagais por cima.

"Nada, só mato e céu, mato e céu para sempre e sempre", murmurou ela.

Depois fez um movimento, como se endireitasse um objeto no lugar.

"E com o que é que a terra parecia através do telescópio?", perguntou.

Fez outro movimento bem rápido, como se estivesse rodando alguma coisa nos dedos.

"Focalizou-o", disse ela. "Focalizou-o na terra. Na massa escura de um arvoredo no horizonte. Focalizou-o de modo a poder ver… cada árvore… cada árvore em separado… e os pássaros… subindo e baixando… e um fiapo de fumaça… lá… no meio das árvores… E depois… mais baixo… mais baixo… (ela abaixou os olhos)… havia uma casa… uma casa no meio das árvores… uma casa de fazenda… toda de tijolos à mostra… e as tinas de ambos os lados da

porta… com flores cor-de-rosa e azuis, talvez hortênsias…” Ela fez uma pausa… “E então saiu da casa uma garota… usando uma coisa azul na cabeça… e lá ficou… alimentando aves… pombos… que esvoaçavam ao seu redor… E aí… vejam… Um homem… Um homem! Que veio vindo do canto. Que a pegou em seus braços! E eles se beijaram… eles se beijaram!”

Mrs. Ivimey abriu e fechou seus próprios braços como se estivesse ela mesma beijando alguém.

“Era a primeira vez que ele via um homem beijar uma mulher – no seu telescópio – a quilômetros dali pelos matagais afora!”

Ela empurrou de si alguma coisa – presumivelmente o telescópio. E sentou-se reta.

“Assim correu escada abaixo. Correu pelos campos. Correu por trilhas, pela estrada principal, em arvoredos. Correu quilômetros e mais quilômetros e, justo quando as estrelas surgiam sobre as árvores, alcançou a casa… coberto de poeira… banhado em suor…”

Ela parou, como se o visse.

“E aí, e aí… o que foi que ele fez? O que foi que ele disse? E a garota…”, insistiram com ela.

Um raio de luz caiu sobre Mrs. Ivimey, como se alguém tivesse focalizado nela as lentes de um telescópio. (Era a força aérea, caçando aviação inimiga.) Ela tinha se levantado. Tinha uma coisa azul na cabeça. Tinha erguido sua mão, como se à porta de uma casa, em pé, perplexa.

“Oh, a garota… Ela era mi…”, hesitou, como se estivesse a ponto de dizer “eu mesma”. Mas se lembrou; e corrigiu-se. “A garota era minha bisavó”, disse.

Virou-se então para procurar seu casaco, que estava numa cadeira por trás.

“Mas diga-nos – o que aconteceu com o outro homem, o que veio vindo do canto?”, perguntaram.

“Aquele homem? Aquele homem”, murmurou Mrs. Ivimey, dobrando-se ao se atrapalhar com o casaco (o holofote tinha saído da sacada), “ele, creio eu, sumiu”.

“A luz”, acrescentou, juntando suas coisas em volta, “cai somente aqui e ali”.

O holofote tinha passado adiante. Estava focalizado agora na área ampla e evidente do palácio de Buckingham. E era hora de eles irem ao teatro.

O LEGADO

“Para Sissy Miller.” Gilbert Clandon, pegando um broche de pérolas que estava em meio a uma barafunda de anéis e broches numa mesinha da sala de visitas de sua esposa, leu a inscrição: “Para Sissy Miller, com amor”.

Era bem típico de Angela ter se lembrado até mesmo de Sissy Miller, sua secretária. No entanto como era estranho, Gilbert Clandon pensou mais uma vez, que ela tivesse deixado tudo em tal ordem – um presentinho de algum tipo para cada uma de suas amigas. Era como se ela tivesse antevisto a própria morte. Porém se achava na mais perfeita saúde ao sair de casa aquela manhã; fazia então seis semanas, quando pisou fora da calçada, em Piccadilly, e o carro a atropelou e matou.

Ele estava esperando Sissy Miller. Tinha pedido que ela viesse; sentia dever-lhe, após os anos todos que ela estivera com eles, essa demonstração de estima. Sim, prosseguiu ele, enquanto se sentava à espera, era estranho que Angela tivesse deixado tudo tão em ordem. A cada amiga fora destinada uma pequena lembrança de seu afeto. Cada anel, cada colar, cada caixinha chinesa – as caixinhas lhe inspiravam verdadeira paixão – levava um nome por cima. E cada qual, para ele, trazia alguma lembrança. Tal joia ele lhe havia dado; a tal outra – o golfinho esmaltado com olhos de rubi – ela mesma se atirara um dia numa ruela de Veneza. Seu gritinho de alegria ainda lhe vinha à lembrança. Para ele, é claro, nada de especial ela deixara, a não ser seu diário. Quinze pequenos volumes, encadernados em couro verde, enfileiravam-se em sua escrivaninha por trás dele. Desde que se casaram, ela manteve um diário. Algumas de suas pouquíssimas zangas – já que ele não era capaz de considerá-las brigas – tinham sido por causa desse diário. Quando ele entrava e a encontrava escrevendo, ela

sempre o fechava ou encobria com a mão. “Não, não, não”, podia ouvi-la ainda a dizer. “Depois que eu morrer – talvez.” Ela assim o deixara para ele, como seu legado. Era a única coisa que não haviam partilhado quando ela estava viva. Ele porém sempre tomara por certo que ela viveria mais do que ele. Caso houvesse parado um instante, e refletido sobre o que estava fazendo, ela agora ainda estaria viva. Mas descera da calçada para a rua de súbito, como alegou na sindicância o motorista do carro. Não lhe dera a menor chance de frear… O som de vozes no corredor o interrompeu a essa altura.

“Miss Miller, senhor”, disse a empregada.

Ela entrou. Em toda sua vida, ele nunca a vira a sós, nem, claro está, em lágrimas. Achava-se terrivelmente abalada, o que não era de estranhar. Angela fora para ela muito mais do que uma simples patroa. Tinha sido uma amiga. Já para ele, pensou o próprio, ao puxar uma cadeira e convidá-la a sentar-se, ela mal se distinguia de qualquer mulher do seu tipo. Havia milhares de Sissy Millers – mulheres de preto, miúdas e insípidas, carregando pastas de documentos. Mas Angela, com seu pendor à simpatia, descobrira em Sissy Miller as mais diversas qualidades. Era a discrição em pessoa, de tão calada; e tão digna de confiança, que se podia contar-lhe qualquer coisa, e assim por diante.

Miss Miller, a princípio, nem conseguia falar. Sentada, limitava-se a enxugar recatadamente seus olhos com um lencinho de bolso. Depois porém fez um esforço.

“Desculpe-me, Mr. Clandon”, disse.

Ele murmurou qualquer coisa. É claro que compreendia. Nada mais natural. Era capaz de imaginar o que sua mulher tinha significado para ela.

“Eu fui tão feliz aqui”, disse ela, olhando em volta. Seus olhos pararam na escrivaninha por trás dele. Era ali que elas trabalhavam – ela e Angela. Pois Angela tinha sua cota das obrigações inerentes à condição de esposa de um destacado político. Fora ela quem mais o ajudara na carreira. Muitas vezes as vira, ela e Sissy, sentadas à escrivaninha – Sissy à máquina de escrever, batendo cartas que a patroa ditava. Miss Miller, sem dúvida, também pensava nisso agora. Tudo que ele tinha pois a fazer era dar-lhe o broche que sua esposa lhe havia deixado. Um presente que parecia meio incongruente. Deixar-lhe uma soma em dinheiro, ou mesmo a máquina de escrever, poderia ter sido melhor. Mas o broche lá estava – “Para Sissy Miller, com amor”. E ele, apanhando-o, entregou-o com o discursinho que havia preparado. Sabia, disse, que ela lhe daria valor. Sua esposa o usara tantas vezes… E Sissy respondeu ao pegá-lo, quase como se também tivesse preparado um discurso, que aquele seria um bem muito estimado… Ele supôs que ela tivesse outras roupas nas quais um broche

de pérolas não parecesse tão descabido. Estava usando o conjuntinho preto, de casaco e saia, que parecia ser o uniforme de sua profissão. Mas depois ele se lembrou – claro, ela estava de luto. Tinha tido também sua tragédia – um irmão, ao qual era devotada, morrera apenas uma ou duas semanas antes de Angela. Um acidente, não foi? Ele somente conseguia lembrar-se de Angela lhe falando a respeito; Angela, com seu pendor à simpatia, ficara terrivelmente abalada. Sissy Miller, enquanto isso, já se levantara. E estava botando as luvas. Sentia evidentemente que não devia incomodar. Ele porém não podia deixar que ela se fosse sem lhe dizer alguma coisa sobre o seu futuro. Que planos tinha? Havia algum modo pelo qual ele pudesse ajudá-la?

Ela estava olhando para a escrivaninha, onde se sentara à máquina de escrever e onde jazia o diário. Perdida em suas recordações de Angela, não respondeu de imediato à sugestão de ajuda que partira dele. Parecia, por um momento, não haver entendido. Ele então repetiu:

“Quais são seus planos, Miss Miller?”.

“Meus planos? Oh, está tudo bem, Mr. Clandon”, exclamou ela. “Não se preocupe comigo, por favor.”

Ele entendeu que ela queria dizer que não necessitava de ajuda financeira. Seria melhor, deu-se conta, fazer qualquer sugestão desse tipo numa carta. Tudo que agora lhe cabia era dizer, enquanto apertava sua mão: “Lembre-se, Miss Miller, de que se houver algum modo de eu poder ajudá-la, será um prazer…”. E então abriu a porta. Por um instante, no limiar, como se um súbito pensamento lhe tivesse ocorrido, ela parou.

“Mr. Clandon”, disse, olhando diretamente para ele pela primeira vez, e pela primeira vez ele se impressionou com a expressão de seus olhos, que era simpática porém penetrante. “Se alguma vez”, dizia [ela], “houver alguma coisa que eu possa fazer para ajudá-lo, lembre-se que, pela memória de sua esposa, será um prazer para mim…”.

E com isso se foi. Suas palavras e o olhar que as acompanhara tinham sido inesperados. Era quase como se ela acreditasse, ou esperasse, que ele ainda viria a precisar dela. Uma ideia esquisita, talvez fantasiosa, ocorreu-lhe quando ele voltava para se sentar. Seria possível que, durante todos esses anos em que mal chegara a notá-la, ela, como dizem os romancistas, tivesse nutrido uma paixão por ele? Tinha visto, ao passar, sua própria imagem no espelho. Já estava com mais de cinquenta anos; mas não podia deixar de admitir que ainda era, como o espelho lhe mostrara, um homem de aparência muito distinta.

“Pobre Sissy Miller!”, disse ele, rindo um pouco. Como ele gostaria de partilhar com a esposa tal pilhéria! Instintivamente voltou-se para o diário dela. “Gilbert”, leu, abrindo-o ao acaso, “estava tão maravilhoso…”. Era como se ela

tivesse respondido à sua pergunta. Para as mulheres, naturalmente, parecia dizer ela, você é muito atraente. E naturalmente Sissy Miller também achava isso. Continuou lendo. “Como me sinto orgulhosa de ser sua esposa!” E ele sempre se sentira muito orgulhoso de ser marido dela. Quantas vezes, quando saíam para jantar fora, ele olhava para ela através da mesa e dizia a si mesmo: Não há aqui outra mulher tão bela! Leu mais um pouco. Naquele primeiro ano ele se candidatara ao Parlamento. E juntos tinham percorrido seu distrito eleitoral. “Quando Gilbert se sentou, o aplauso foi estrondoso. Toda a audiência se levantou e cantou: ‘Pois ele é um bom companheiro’. Aquilo me dominou por completo.” Ele também se recordava do fato. Ela estava sentada no palanque a seu lado. Ele ainda podia ver as olhadas que ela lhe dava, com lágrimas nos olhos. E depois? Ele virou as páginas. Tinham viajado a Veneza. Ele rememorou aquelas férias felizes após a eleição. “Tomamos sorvete no Florian.” Ele sorriu – ela era ainda tão criança, adorava sorvete. “Gilbert me fez um relato dos mais interessantes sobre a história de Veneza. Disse-me que os doges…”, e anotara tudo, em sua letra de estudante. Uma das delícias de viajar com Angela era o fato de ela se mostrar sempre tão ávida por aprender. Costumava dizer-se terrivelmente ignorante, como se isso não fosse parte de seu charme. E então – ele abriu o volume seguinte – regressaram a Londres. “Eu estava tão ansiosa para causar boa impressão. Usei meu vestido de casamento.” Ele agora podia vê-la sentada ao lado do velho Sir Edward; e fazendo a conquista desse homem tão vivido e temível, que era seu líder. Leu bem rápido, completando cena após cena a partir dos fragmentos desconexos. “Jantei na Câmara dos Comuns… Sarau nos Lovegroves. Lady L. perguntou-me se eu me dava conta de minha responsabilidade como esposa de Gilbert.” Com o passar dos anos – e apanhou mais um volume na escrivaninha –, ele se absorvera cada vez mais em seu trabalho. E ela, é claro, foi ficando cada vez mais sozinha, visivelmente muito pesarosa por não terem tido filhos. “Como eu gostaria”, dizia uma passagem, “que Gilbert tivesse um filho!”. Ele, por estranho que fosse, nunca o lamentara tanto. A vida já era tão boa, tão cheia, como estava sendo. Naquele ano lhe haviam dado um cargo de pouca projeção no governo. Apenas um cargo secundário, mas foi este o comentário dela: “Tenho quase certeza agora de que ele será primeiro-ministro!”. Bem, se as coisas tivessem tomado um rumo diferente, até que poderia ter sido. E ele aqui fez uma pausa para especular sobre o que poderia ter sido. A política era um jogo arriscado, refletiu; mas as partidas ainda não tinham terminado. Não aos cinquenta anos. Rapidamente deu uma olhada em mais páginas, cheias de pequenas trivialidades, das felizes e insignificantes trivialidades cotidianas que constituíam a vida dela.

Pegou ainda outro volume e abriu-o ao acaso. “Como eu sou covarde!

Deixei escapulir a oportunidade de novo. Mas parecia egoísmo incomodá-lo com meus próprios problemas, quando ele já tem tanto sobre o que pensar. E é tão raro passarmos uma noite juntos.” Qual seria o significado disso? Ah, aqui estava a explicação – era uma referência ao trabalho dela no East Side.

“Enchi-me de coragem e afinal conversei com Gilbert. Ele foi tão gentil, tão bom. Não fez nenhuma objeção.” Ele se lembrava dessa conversa. Ela lhe dissera que se sentia muito ociosa, muito inútil. Desejava por isso ter seu próprio trabalho. Queria fazer alguma coisa – ficara tão bonita, recordou-se ele, ao enrubescer quando disse isso sentada naquela mesma cadeira – para ajudar os outros. E ele brincara um pouco com ela: já não tinha muito a fazer cuidando dele, cuidando de sua casa? Ainda assim, se isso a distrairia, é claro que não faria objeções. De que se tratava? Algum trabalho distrital? Algum comitê? Apenas ela devia prometer não abusar de sua saúde. Parecia assim que todas as quartas-feiras ela ia ao distrito de Whitechapel. Lembrou-se de como ele detestava as roupas que nessas ocasiões ela usava. Mas parecia também que ela havia tomado a coisa muito a sério. O diário estava cheio de referências como esta: “Estive com Mrs. Jones… Ela tem dez filhos… O marido perdeu o braço num acidente… Fiz o que pude para arranjar um emprego para Lily”. Ele continuou pulando páginas. Seu próprio nome surgia menos frequentemente agora. Seu interesse diminuiu. Algumas das anotações não lhe diziam nada. Por exemplo: “Tive uma discussão calorosa sobre o socialismo com B.M.” Quem era B.M.? Ele não conseguia decifrar as iniciais; alguma mulher, supôs, que ela conhecera num de seus comitês. “B.M. fez um ataque violento às classes superiores… Voltei andando com B.M., depois da reunião, e tentei convencê-lo. Mas ele é tão bitolado.” B.M. então era um homem – sem dúvida, um desses “intelectuais”, como eles mesmos se dizem, que são tão violentos e tão bitolados, como escrevera Angela. Ela o convidara, ficava claro, a ir visitá-la em casa. “B.M. veio para jantar. E cumprimentou Minnie com um aperto de mãos!” Esse ponto de exclamação deu outra configuração à sua imagem mental. Tudo indicava que B.M. não estava acostumado com empregadas domésticas; tinha apertado a mão de Minnie. Presumivelmente era um desses trabalhadores submissos que arejam suas opiniões nas salas de visitas das senhoras grã-finas. Gilbert conhecia a espécie e não lhe agradava em nada essa variedade específica, fosse quem fosse o tal B.M. Aqui já estava ele de novo. “Fui com B.M. à Torre de Londres… Ele disse que a revolução é inevitável… Disse que vivemos num paraíso de tolos.” Era bem o tipo de coisa para B.M. dizer – Gilbert até podia ouvi-lo. E podia também vê-lo com toda nitidez – um homenzinho atarracado, de barba espessa e descuidada, gravata vermelha, vestindo o terno xadrez que eles usavam sempre e que nunca enfrentara em sua vida um dia honesto de trabalho.

Por certo não faltara sensatez a Angela para enxergá-lo tal como era. Continuou lendo. “B.M. disse umas coisas muito desagradáveis sobre…” O nome estava cuidadosamente riscado. “Eu disse a ele que não iria ouvir nenhum desaforo mais contra…” O nome fora suprimido de novo. Poderia ter sido seu próprio nome? Era por isso que Angela cobria a página com tal rapidez, quando ele entrava? Tal ideia veio somar-se a sua crescente antipatia por B.M., que havia tido a petulância de discutir a seu respeito nesta mesma sala. Por que Angela nunca lhe contara? Ocultar alguma coisa não combinava com ela, que sempre fora a sinceridade em pessoa. E lá foi ele, ao virar mais páginas, catando todas as referências a B.M. “B.M. me narrou sua infância. Sua mãe vivia de pequenos biscates… Quando penso nisso, mal suporto continuar a viver com tanto luxo… Três guinéus por um chapéu!” Se ao menos ela tivesse discutido a questão com ele, em vez de deixar sua pobre cabecinha intrigada com problemas que eram difíceis demais para ela mesma entender! Ele lhe teria passado uns livros. Karl Marx. “A revolução que se aproxima.” As iniciais B.M., B.M., B.M. reapareciam repetidas vezes. Mas por que nunca o nome todo? Havia uma informalidade, uma intimidade no uso de iniciais que não combinava nada com Angela. Face a face, porventura ela o chamaria de B.M.? Gilbert prosseguiu com a leitura. “B.M. veio inesperadamente para o jantar. Por sorte eu estava sozinha.” Isso havia sido há apenas um ano. “Por sorte” – mas por que por sorte? – “eu estava sozinha”. Onde estivera ele essa noite? Conferiu a data em sua agenda. Fora a do jantar na residência oficial do prefeito de Londres. E B.M. e Angela tinham passado a noite a sós! Tentou lembrar-se da ocasião. Estava ela à sua espera quando ele voltou para casa? A aparência da sala era a mesma de sempre? Havia copos sobre a mesa? E as cadeiras, por acaso estavam juntas demais? Não conseguia se lembrar de nada – de nada que fosse, de nada a não ser seu próprio discurso no jantar na residência do prefeito. Toda a situação: sua esposa recebendo um desconhecido sozinha – tornava-se cada vez mais inexplicável para ele. Talvez o volume seguinte fosse mais esclarecedor. Apressadamente ele apanhou o último diário – o que ela deixara inacabado ao morrer. Logo na primeira página lá estava de novo o abominável sujeito. “Jantei a sós com B.M… Ele ficou muito agitado. Disse que já era hora de nós nos entendermos… Tentei ponderar com ele. Mas ele não quis me ouvir. Ameaçou que, se eu não…” Todo o resto da página estava rabiscado. Pelo espaço afora ela escrevera apenas “Egito. Egito. Egito.” Ele não conseguia decifrar uma palavra sequer; mas só podia haver uma interpretação: o safado lhe pedira para ela se tornar sua amante. A sós em sua sala! O sangue subiu ao rosto de Gilbert Clandon. Rapidamente ele virou as páginas. Qual fora a resposta dela? As iniciais tinham cessado. Agora era “ele” simplesmente. “Ele veio de novo. Eu lhe disse que não podia chegar a

uma decisão… Implorei que ele me deixasse.” Ele a pressionara pois ali mesmo em casa? Mas por que ela não contara nada? Como poderia ter hesitado um instante? E então: “Escrevi-lhe uma carta”. Então páginas deixadas em branco. E então havia isto: “Não há resposta para minha carta”. Então mais páginas em branco; e então isto: “Ele fez o que havia ameaçado”. Depois disso – o que aconteceu depois disso? Virou página após página. Todas em branco. Mas aí, na própria véspera da morte dela, estava esta anotação: “Será que eu tenho coragem de fazer isso também?”. Foi esse o fim.

Gilbert Clandon deixou o caderno escorregar para o chão. Podia vê-la à sua frente. Ela estava de pé no meio-fio, em Piccadilly. Tinha os olhos fixos; os punhos cerrados. E lá vinha o carro…

Ele não podia mais aguentar. Tinha de saber a verdade. Foi, a passos largos, para o telefone.

“Miss Miller!” Houve silêncio. Mas logo ele ouviu que alguém estava se mexendo na sala.

“Alô, é Sissy Miller” – finalmente respondeu a voz dela.

“Quem”, disparou ele, “é B.M.?”.

Pôde ouvir o barulho do relógio barato sobre a lareira de Sissy; pôde ouvir um suspiro longo e arrastado. E por fim ela disse:

“Era meu irmão”.

Ele *era* o irmão dela; o irmão que se matara.

“Há”, ouviu Sissy Miller perguntando, “alguma coisa que eu possa explicar?”.

“Não, nada!”, gritou. “Nada!”

Ele havia recebido o seu legado. Ela lhe dissera a verdade. Tinha pisado fora da calçada para reunir-se ao amante. Tinha pisado fora da calçada para escapar do marido.

ANEXO

FICÇÃO MODERNA

Ao se fazer qualquer exame da ficção moderna, mesmo o mais descuidado e livre, é difícil não ter por certo que a prática moderna da arte é de algum modo um progresso em relação à antiga. Pode-se dizer que, com suas toscas ferramentas e materiais primitivos, Fielding se saiu bem e Jane Austen ainda melhor, mas compare as oportunidades deles com as nossas! Há por certo um estranho ar de simplicidade em suas obras-primas. No entanto a analogia entre a literatura e, para dar um exemplo, o processo de fabricar automóveis dificilmente se mantém válida além de um primeiro e rápido olhar. É duvidoso que no decurso dos séculos, apesar de termos aprendido muito sobre a produção de máquinas, tenhamos aprendido alguma coisa sobre como fazer literatura. Nós não passamos a escrever melhor; tudo o que podem sugerir que façamos é que continuemos a nos mover, ora um pouco nesta direção, ora naquela, mas com uma tendência circular, caso a pista seja vista, em toda a sua extensão, de um pico muito elevado. Nem é preciso dizer que não temos a pretensão de estar, por um momento sequer, nessa posição vantajosa. Lá embaixo, na multidão, meio às cegas na poeira, olhamos para trás com inveja para aqueles guerreiros mais felizes cuja batalha está ganha e cujas realizações se revestem de um ar de perfeição tão sereno que mal podemos nos abster de murmurar que a luta para eles não foi tão violenta quanto para nós. Cabe ao historiador da literatura decidir; cabe-lhe dizer se estamos começando ou concluindo ou permanecendo agora no meio de um grande período da prosa de ficção, pois lá embaixo na planície pouca coisa é visível. Sabemos apenas que certas gratidões e hostilidades nos inspiram; que certos caminhos parecem conduzir à terra fértil, outros à poeira e ao deserto; e que talvez valha a pena tentar uma explicação

para isso.

Nossa querela não é pois com os clássicos e, se falamos de discordar de Wells, Bennett e Galsworthy,[1] é em parte porque, pelo simples fato de terem existência corpórea, suas obras trazem uma imperfeição do dia a dia, viva e dotada de fôlego, que nos autoriza a tomar com elas as liberdades que bem quisermos. Mas também é verdade que, embora por mil dádivas sejamos gratos a eles, reservamos nossa gratidão incondicional a Hardy, a Conrad e, em grau muito menor, ao Hudson de *The Purple Land, Green Mansions* e *Far Away and Long Ago*.[2] Wells, Bennett e Galsworthy despertaram tantas esperanças e frustraram-nas de um modo tão persistente que nossa gratidão assume em grande parte a forma de agradecer-lhes por nos terem mostrado o que poderiam ter feito, mas não fizeram; o que nós certamente não poderíamos fazer, mas que talvez nem desejássemos. Nenhuma frase isolada resumirá a denúncia ou queixa que temos de apresentar contra essa massa de trabalho tão grande em seu volume e que incorpora tantas qualidades, sejam elas admiráveis, ou o contrário. Se tentássemos formular numa palavra o que queremos dizer, deveríamos afirmar que esses três escritores são materialistas. É por estarem preocupados não com o espírito, e sim com o corpo, que eles nos desapontaram, deixando-nos a impressão de que, quanto mais cedo a ficção inglesa lhes der as costas, tão polidamente quanto possível, e seguir em frente, ainda que apenas para entrar no deserto, melhor para a alma dela será. Decerto não há palavra isolada que atinja o centro de três alvos distintos. No tocante a Wells, ela cai muitíssimo longe do objetivo visado. Contudo indica, em nossa opinião, mesmo em seu caso, uma fatal mescla em seu gênio, a do grande torrão de barro que se misturou à pureza de sua inspiração. Mas Bennett talvez seja o maior culpado dos três, na medida em que é, de longe, o melhor artesão. É capaz de fazer um livro tão bem construído e sólido em sua carpintaria que se torna difícil, para o mais exigente dos críticos, ver por que fenda ou greta pode a decomposição se arrastar para adentrá-lo. Não há sequer uma folga nos caixilhos das janelas, sequer uma rachadura nas tábuas. E se a vida se negasse no entanto a viver lá? Esse é um risco que o criador de *The Old Wives's Tale*,[3] que George Cannon, que Edwin Clayhanger e inúmeras outras personalidades bem podem pretender ter superado. Os personagens dele vivem profusa e até imprevistamente, mas falta perguntar como vivem, e para quê? Parece-nos cada vez mais que eles, abandonando até mesmo a vivenda bem construída em Five Towns, passam o tempo todo em algum vagão estofado da primeira classe de um trem, apertando botões e campainhas sem conta; e o destino para o qual viajam assim com tanto luxo inquestionavelmente se torna, cada vez mais, uma eterna bem-aventurança

passada no melhor hotel de Brighton. Por certo não se pode dizer de Wells que ele seja um materialista a deleitar-se em excesso com a solidez de sua construção. Sua mente é muito generosa em suas afeições para permitir-lhe gastar tempo demais fazendo coisas bem-acabadas e fortes. É um materialista por pura bondade de coração, que põe nos ombros um trabalho de que funcionários do governo deveriam desincumbir-se, e que na abundância de seus fatos e ideias mal encontra uma folga para dar realidade, ou se esquece de julgá-la importante, à crueza e grosseria de seus seres humanos. Que crítica mais danosa pode contudo haver, tanto à sua Terra quanto ao seu Céu, do que dizer que eles serão habitados, aqui e no além, por esses seus Joans e Peters? A inferioridade da natureza de tais personagens não empana os ideais e instituições que porventura lhes sejam proporcionados pela generosidade de seu criador? Nem nas páginas de Galsworthy, por mais que respeitemos profundamente sua integridade e humanismo, haveremos de encontrar o que buscamos.

Se em todos esses livros colamos então um mesmo rótulo, no qual há a mesma palavra, materialistas, queremos dizer com isso que é sobre coisas desimportantes que seus autores escrevem; que desperdiçam um esforço imenso e uma imensa destreza para fazer com que o trivial e o transitório pareçam duradouros e reais.

Temos de admitir que somos exigentes e, ademais, que achamos difícil explicar o que é que exigimos para justificar nossa insatisfação. Diferente é o modo pelo qual, em diferentes momentos, formulamos nossa pergunta. Ela porém reaparece, e com maior persistência, quando largamos o romance terminado num suspiro que alteia: isto vale a pena? Qual a razão de ser de tudo isto? Será que Bennett, com seu magnífico mecanismo de apreensão da vida, veio pegá-la pelo lado errado, por questão de centímetros, devido a um desses pequenos desvios que o espírito humano parece de quando em quando fazer? A vida nos escapa; e talvez, sem vida, nada mais valha a pena. É uma confissão de imprecisão ter de usar uma figura assim como essa, mas mal chegamos a aprimorar o tema se falarmos, como se inclinam a fazer os críticos, de realidade. Admitindo a imprecisão que aflige toda a crítica de romances, arrisquemo-nos pois à opinião de que para nós, neste momento, é mais comum que a forma de ficção em voga antes deixe de alcançar que assegure aquilo que estamos procurando. Quer a chamemos de espírito ou vida, de verdade ou realidade, isso, essa coisa essencial, já mudou de posição e se nega a estar ainda contida em vestes tão inadequadas quanto as que fornecemos. Não obstante prosseguimos, perseverante e conscienciosamente, a construir nossos 32 capítulos de acordo com um plano que deixa cada vez mais de assemelhar-se à visão de nossa mente. Muito do enorme esforço narrativo para provar a solidez, a parecença de vida,

não só é trabalho jogado fora, como também trabalho mal direcionado que acaba por obscurecer e apagar a luz da concepção. O escritor parece obrigado, não por sua livre vontade, mas por algum tirano inescrupuloso e poderoso que o tem em servidão, a propiciar um enredo, a propiciar comédia, tragédia, intrigas de amor e um ar de probabilidade no qual o todo é embalsamado de modo tão impecável que, se todos os personagens se erguessem, adquirindo vida, achar-se-iam até o último botão de seus casacos vestidos pela moda em vigor. O tirano é obedecido; o romance é cozido ao ponto. Mas às vezes, e com frequência cada vez maior à medida que o tempo passa, desconfiamos de uma dúvida momentânea, de um espasmo de rebelião, enquanto as páginas vão sendo enchidas ao modo habitual. A vida é assim? Devem ser assim os romances?

Olhe para dentro e a vida, ao que parece, está muito longe de ser “assim como isso”. Examine a mente comum num dia comum por um momento. Miríades de impressões recebe a mente – triviais, fantásticas, evanescentes, ou gravadas com a agudeza do aço. E é de todos os lados que elas chegam, num jorro incessante de átomos inumeráveis; ao cair, ao transmutar-se na vida de segunda ou terça-feira, o acento cai de um modo que difere do antigo; não é aqui, mas lá, que o momento de importância chega; assim pois, se o escritor fosse um homem livre, e não um escravo, se ele pudesse escrever o que bem quisesse, não o que deve, se pudesse basear sua obra em sua própria emoção, e não na convenção, não haveria enredo, nem comédia, nem tragédia, nem catástrofe ou intriga de amor no estilo aceito e, talvez, nem um só botão pregado como o que os alfaiates da Bond Street estipulam. A vida não é uma série de óculos que, arrumados simetricamente, brilham; a vida é um halo luminoso, um envoltório semitransparente que do começo ao fim da consciência nos cerca. Não é missão do romancista transmitir esse espírito variável, desconhecido e incircunscrito, seja qual for a aberração ou a complexidade que ele possa apresentar, com o mínimo de mistura possível do que lhe é alheio e externo? Não estamos propondo apenas sinceridade e coragem; sugerimos que a matéria apropriada à ficção difere um pouco do que o hábito nos levaria a crer que fosse.

É pelo menos de um modo assim como esse que tentamos definir a característica que distingue a obra de vários autores jovens, entre os quais James Joyce é o mais notável, da de seus predecessores. Eles se esforçam para chegar mais perto da vida e para preservar com mais sinceridade e exatidão o que lhes interessa e comove, mesmo que para isso tenham de se livrar da maioria das convenções normalmente seguidas pelo romancista. Registremos os átomos, à medida que vão caindo, na ordem em que eles caem na mente, e tracemos o padrão, por mais desconexo e incoerente na aparência, que cada incidente ou visão talha na consciência. Não tomemos por certo que seja mais no julgado

comumente grande do que no julgado comumente pequeno que a vida existe de modo mais completo. Quem quer que tenha lido *Retrato do artista quando jovem* ou, livro que promete ser muito mais interessante, o *Ulysses*, ora em publicação na *Little Review*, há de se ter aventurado a alguma teoria desse tipo quanto à intenção de Joyce. De nossa parte, com o fragmento que temos pela frente, aventuramo-nos mais a fazê-la do que a sustentá-la; porém, seja qual for a intenção do todo, não pode haver nenhuma dúvida de que sua sinceridade é profunda e o resultado, ainda que o julguemos difícil ou desagradável, inegavelmente importante. Em contraste com os que chamamos de materialistas, Joyce é espiritual; preocupa-se em revelar, custe o que custar, as oscilações dessa flama interior tão recôndita que dispara mensagens pelo cérebro e, a fim de preservá-la, desconsidera com extrema coragem tudo o que lhe pareça fortuito, seja a probabilidade, seja a coerência ou qualquer um desses balizamentos que há gerações têm servido para amparar a imaginação de um leitor, quando instada a supor o que ele não pode ver nem tocar. A cena no cemitério, por exemplo, com seu brilho e sordidez, sua incoerência, seus súbitos lampejos de significação, chega indubitavelmente tão perto da própria essência da mente que é difícil não aclamá-la, pelo menos numa primeira leitura, como obra-prima. Se é a vida em si que queremos, aqui a temos decerto. De fato, encontramo-nos a tentear, de modo meio desajeitado, se tentamos dizer o que além disso desejamos ainda e por que razão uma obra de tal originalidade não consegue comparar-se porém, pois devemos tomar altos exemplos, a *Juventude* ou a *O prefeito de Casterbridge*.[4] Não o consegue por causa da comparativa pobreza da mente do escritor, poderíamos dizer simplesmente e liquidar a questão. Mas é possível insistir mais um pouco e indagar se não nos cabe relacionar nossa impressão de estar num quarto claro, porém pequeno, fechado, restrito, mais do que desimpedido e alargado, a alguma limitação imposta pelo método, bem como pela mente. Será o método que inibe a força criadora? Será devido ao método que não nos sentimos joviais nem magnânimos, mas centrados num ego que, a despeito de seu tremor de suscetibilidade, nunca abrange nem cria o que está fora de si e mais além? A ênfase posta na indecência, talvez didaticamente, contribui para o efeito de algo isolado e anguloso? Ou será apenas que em qualquer esforço tão original assim se torna muito mais fácil, em particular para os contemporâneos, sentir o que está faltando do que indicar o que é dado? Seja como for, é um erro ficar de fora examinando “métodos”. Se somos escritores, todos os métodos estão corretos, qualquer método serve, desde que expresse o que é nosso desejo expressar; e isso nos traz mais perto, se somos leitores, da intenção do romancista. O método em pauta tem o mérito de nos trazer mais perto do que fomos preparados para tomar por vida em si mesma; a leitura do

Ulysses pôde sugerir como é grande a parte da vida que se ignora ou se exclui, assim como foi um choque abrir *Tristram Shandy* ou mesmo *Pendennis* [5] e por eles se convencer não só de que há outros aspectos da vida, mas também de que esses são, além disso, mais importantes.

Como quer que seja, o problema com o qual o romancista se defronta hoje, como supomos ter ocorrido no passado, é inventar meios de estar livre para registrar o que escolhe. Ele tem de ter a coragem de dizer que o que lhe interessa não é mais "aquilo", mas "isto": e apenas a partir "disto" é que deve construir sua obra. Para os modernos, o ponto de interesse, "isto", muito provavelmente jaz nas obscuras paragens da psicologia. O acento cai de imediato, por conseguinte, de modo um pouco diferente; a ênfase é posta numa coisa até então ignorada; de imediato se torna necessária uma outra ideia de forma, de difícil apreensão por nós e, para nossos predecessores, incompreensível. Ninguém senão um moderno, ninguém talvez senão um russo, sentiria o interesse da situação que Tchekhov transformou no conto por ele intitulado "Gússev". Soldados russos doentes estão deitados no navio que os leva de volta à Rússia. Fragmentos da conversa entre eles e alguns de seus pensamentos nos são dados; um dos soldados então morre e é retirado dali; a conversa continua entre os outros, por algum tempo, até morrer o próprio Gússev, que, "como se fosse uma cenoura ou um rabanete", é jogado no mar. A ênfase é posta em lugares tão inesperados que a princípio nem parece que há ênfase mesmo; depois, quando os olhos se acostumam à penumbra e distinguem no ambiente as formas das coisas, é que vemos como o conto é inteiriço, como é profundo e como Tchekhov, em fiel obediência à sua visão, optou por isto, por aquilo e pelo restante, colocando-os juntos para compor algo novo. Mas é impossível dizer "isto é cômico", ou "aquilo é trágico", e nem sequer estamos certos, já que os contos, pelo que nos foi ensinado, devem ser curtos e conclusivos, de que o texto em questão, sendo vago e inconclusivo, deva mesmo ser chamado de conto.

Como as observações mais elementares sobre a moderna ficção inglesa dificilmente podem evitar alguma alusão à influência russa, corre-se o risco de sentir, se os russos são mencionados, que escrever sobre qualquer ficção, exceto a deles, é perda de tempo. Se é entendimento de alma e coração que queremos, onde mais haveremos de encontrá-lo com comparável profundidade? Se já estamos cansados de nosso próprio materialismo, o menos considerável de seus romancistas tem, por direito de nascença, uma natural reverência pelo espírito humano. "Aprende a te fazer semelhante aos outros… Mas que essa empatia não provenha da mente – pois com a mente é fácil –, e sim do coração, com amor por eles."[6] Em cada grande escritor russo temos a impressão de perceber os traços de

um santo, caso a empatia pelos sofrimentos alheios, o amor pelos outros, o esforço para alcançar algum objetivo digno das mais rigorosas exigências do espírito constituam a santidade. É o santo neles que nos desconcerta, fazendo-nos sentir nossa própria banalidade irreligiosa e transformando muitos de nossos famosos romances em mero embuste e falso brilho. Inevitavelmente talvez, as conclusões da mentalidade russa, assim compreensiva e compassiva, são da maior tristeza. Seria até mais exato falar da inconcludência da mentalidade russa, tendo em vista que não há mesmo resposta, que a vida, se examinada honestamente, faz uma pergunta atrás da outra, as quais devem ser deixadas a repercutir sem parar, depois de acabada a história, numa interrogação sem esperança que nos enche de um desespero profundo e enfim talvez ressentido. Bem pode ser que eles estejam certos; veem mais longe do que nós, isso é inconteste, e sem os grandes impedimentos de visão que temos. Mas talvez vejamos algo que lhes escapa, senão por que essa voz de protesto viria imiscuir-se em nossa melancolia? A voz de protesto é a de uma outra e antiga civilização que parece ter criado em nós o instinto para desfrutar e lutar, mais do que para compreender e sofrer. De Sterne a Meredith,[7] a ficção inglesa dá testemunho de nosso natural deleite com o humor e a comédia, com a beleza da terra, com as atividades do intelecto e o esplendor do corpo. Mas quaisquer deduções que possamos tirar da comparação entre duas ficções tão imensuravelmente distantes são vãs, a não ser, de fato, por nos cumularem de uma visão das infinitas possibilidades da arte e nos lembrarem que não há limite algum no horizonte, que nada – nenhum "método", nenhuma experiência, nem mesmo a mais extravagante – é proibido, exceto a falsidade e o fingimento. "A matéria apropriada à ficção" não existe; tudo serve de assunto à ficção, todos os sentimentos, todos os pensamentos; cada característica do cérebro e do espírito entra em causa; nenhuma percepção é descabida. E, se pudermos imaginar a arte da ficção bem viva e presente em nosso meio, ela mesma há de pedir sem dúvida que a provoquemos com transgressões, como pedirá que a respeitemos e amemos, pois assim sua juventude se renova e sua soberania estará garantida.

Publicado pela primeira vez em 10 abr. 1919, com o título "Romances modernos", no *Times Literary Supplement*, e revisado por Virginia Woolf para inclusão no primeiro volume de *The Common Reader* (1925), o único livro de ensaios que ela mesma organizou e publicou em vida.

1. Os romancistas ingleses H. G. Wells (1866-1946), Arnold Bennett (1867-1931) e John Galsworthy (1867-1933), todos então no auge da fama. [N. T.]

2. Thomas Hardy (1840-1928), Joseph Conrad (1857-1924) e William Henry Hudson (1841-1922). Este último, nascido na Argentina, escreveu, além de romances, contos ambientados na América do Sul e, como naturalista, tratados sobre a avifauna de La Plata. [N. T.]
3. Arnold Bennett. Os dois nomes seguintes, Cannon e Clayhanger, são de personagens de outros livros do autor. [N. T.]
4. No original, *Youth* (1902), de Conrad; *The Mayor of Casterbridge* (1886), de Hardy. [N. T.]
5. No original, *The Life and Opinions of Tristram Shandy* (1759-67), de Laurence Sterne; *The History of Pendennis* (1848-50), de W. M. Thackeray. [N. T.]
6. O conto "Gússev", aqui citado, estava incluído no livro *The Witch and Other Stories* (1918), de Anton Tchekhov (1848-1904), traduzido do russo para o inglês por Constance Garnett. [N. T.]
7. Laurence Sterne (1713-68); George Meredith (1828-1909). [N. T.]

SUGESTÕES DE LEITURA

FICÇÃO

The Voyage Out. Londres: Duckworth, 1915.

The Mark on the Wall. Londres: Hogarth Press, 1917 (reimp. em *The Complete Shorter Fiction*).

Night and Day. Londres: Duckworth, 1919.

Kew Gardens. Londres: Hogarth Press, 1919 (reimp. em *The Complete Shorter Fiction*).

Monday or Tuesday. Londres: Hogarth Press, 1921 (reimp. em *The Complete Shorter Fiction*).

Jacob's Room. Londres: Hogarth Press, 1922.

Mrs. Dalloway. Londres: Hogarth Press, 1925.

To the Lighthouse. Londres: Hogarth Press, 1927.

Orlando: *A Biography*. Londres: Hogarth Press, 1928.

The Waves. Londres: Hogarth Press, 1931.

Flush: *A Biography*. Londres: Hogarth Press, 1933.

The Years. Londres: Hogarth Press, 1937.

Roger Fry: *A Biography*. Londres: Hogarth Press, 1940.

Between the Acts. Londres: Hogarth Press, 1941.

A Haunted House and Other Short Stories, org. Leonard Woolf. Londres: Hogarth Press, 1943.

Mrs. Dalloway's Party: A Short Story Sequence, in Stella McNichol (org.). Londres: Hogarth Press, 1973 (reimp. em *The Complete Shorter Fiction*).

The Complete Shorter Fiction of Virginia Woolf, in Susan Dick (org.). Londres: Hogarth Press, 1985.

ENSAIO

Mr. Bennett and Mrs. Brown. Londres: Hogarth Press, 1924.

The Common Reader. Londres: Hogarth Press, 1925. *The Common Reader: First series.* Boston: Mariner Books, 2002.

A Room of One's Own. Londres: Hogarth Press, 1929.

The Common Reader: *Second Series*. Londres: Hogarth Press, 1932.

Three Guineas. Londres: Hogarth Press, 1938.

The Death of the Moth and Other Essays, in Leonard Woolf (org.). Londres: Hogarth Press, 1942.

The Moment and Other Essays, in Leonard Woolf (org.). Londres: Hogarth Press, 1947.

The Captain's Death Bed and Other Essays, in Leonard Woolf (org.). Londres: Hogarth Press, 1950.

Granite and Rainbow, in Leonard Woolf (org.). Londres: Hogarth Press, 1958.

Contemporary Writers, in Jean Guiguet (org.). Londres: Hogarth Press, 1965.

Collected Essays, vols. I-IV, in Leonard Woolf (org.). Londres: Hogarth Press, 1966-67.

Books and Portraits, in Mary Lyon (org.). Nova York: Harvest / Harcourt, Brace & Co, 1977.

Women and Writing, in Michèle Barret (org.). Londres: Woman's Press, 1979.

The London Scene: *Five Essays*. Londres: Hogarth Press, 1982.

A Woman's Essays, in Rachel Bowlby (org.). Londres: Penguin, 1992.

The Crowded Dance of Modern Life, in Rachel Bowlby (org.). Londres: Penguin, 1993.

Travels with Virginia Woolf, in Jan Morris (org.). Londres: Hogarth Press, 1993.

The Essays of Virginia Woolf, vols. I-VI, in Andrew McNeillie (org.). Londres: Hogarth Press / Nova York: Harcourt, Brace & Co, 1986-92.

TEATRO

Freshwater, in Lucio Ruotolo (org.). Nova York: Harcourt, Brace & Co, 1976.

DIÁRIO

A Writer's Diary, in Leonard Woolf (org.). Londres: Hogarth Press, 1953.

Moments of Being, in Jeanne Schulkind (org.). Londres: Hogarth Press, 1978 / Nova York: Harcourt, Brace & Co, 1985.

The Diary of Virginia Woolf, vols. I-IV, in Anne Olivier Bell (org.). Londres: Hogarth Press, 1977-84. Londres: Penguin Books, 1981.

A Passionate Apprentice, in Mitchell Leaska (org.). Londres: Hogarth Press, 1990.

CORRESPONDÊNCIA

The Letters of Virginia Woolf, vols. I-VI, in Nigel Nicolson e Joanne Trautmann (orgs.). Londres: Hogarth Press, 1975-80.

BIOGRAFIA

BELL, Quentin. *Virginia Woolf*: *A Biography*. Londres: Hogarth Press, 1972.

CURTIS, Vanessa. *Virginia Woolf's Women*. University of Wisconsin Press, 2002.

LEHMANN, John. *Virginia Woolf and Her World*. Nova York: Harcourt, Brace & Co, 1977.

NATHAN, Monique. *Virginia Woolf*. Paris: Seuil, 1989.

BRASIL

FICÇÃO

Passeio ao farol, trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Labor, 1976.

Uma casa assombrada, trad. José Antonio Arantes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

Os anos, trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Osasco: Novo Século, 2011.

Objetos sólidos, trad. Hélio Pólvora. São Paulo: Siciliano, 1985.

Ao farol, trad. Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

A cortina da tia Ba, trad. Ruth Rocha. São Paulo: Ática, [1993] 1999.

Noite e dia, trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Orlando, trad. Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1978] 2003.

O quarto de Jacob, trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1980] 2003.

A casa de Carlyle e outros esboços, trad. Carlos Tadeu Galvão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

Flush − memórias de um cão, trad. Ana Ban. Porto Alegre: L&PM, 2004.

Contos completos, trad. Leonardo Fróes. São Paulo, Cosac Naify, 2005.

Cenas londrinas, trad. Myriam Campelo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

Mrs. Dalloway, trad. Mário Quintana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1980] 2006.

Entre os atos, trad. Lya Luft. Osasco: Novo Século, 2008.

A viagem, trad. Lya Luft. Osasco: Novo Século, 2008.

As ondas, trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1981] 2004. Osasco: Novo Século, 2011.

Mrs. Dalloway, trad. Claudio Alves Marcondes. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Mrs. Dalloway, trad. e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Mrs. Dalloway, trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.

ENSAIO

Um teto todo seu, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Kew Gardens, trad. Patrícia de Freitas Camargo e José Arlindo de Castro. São Paulo: Paz e Terra, série Leitura, 1997.

O leitor comum, sel. e trad. Luciana Viégas. Rio de Janeiro: Graphia, 2007.

Profissões para mulheres e outros artigos feministas, sel. [de sete textos] e trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.

O valor do riso e outros ensaios, trad. e notas Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

DIÁRIO

Momentos de vida, in Jeanne Schulkind (org.), trad. Paula Maria Rosas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Os diários de Virginia Woolf, sel., trad. e notas José Antonio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BIOGRAFIA

BELL, Quentin. *Virginia Woolf*: *uma biografia* (1882-1941), trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

LEHMANN, John. *Virginia Woolf*, trad. Isabel do Prado. Rio de Janeiro: Zahar, col. Vidas Literárias, 1975.

MARDER, Herbert. *Virginia Woolf − A medida da vida*, trad. Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

STRATHERN, Paul. *Virginia Woolf em* 90 *minutos*, trad. Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SOBRE A AUTORA

ABEL, Elisabeth. *Virginia Woolf and the Fictions of Psychoanalysis*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

ALLEN, Judith. *Virginia Woolf and the Politics of Language*. Edimburgo: Edinburgh University, 2013. [e-book]

ALT, Christina. *Virginia Woolf and the Study of Nature*. Cambridge: Cambridge Press, 2013. [e-book]

AUERBACH, Eric. *Das französische Publikum des* 17. *Jahrhunderts.* Munique: M. Hueber, 1933.

BARTHES, Roland. *Le Grain de la voix. Entretiens* 1962-1980. Paris: Seuil, 1981.

BEER, Gillian. *Virginia Woolf*: *The Common Ground*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1996.

BRUGIÈRE, Bernard. “En relisant Mrs. Dalloway” (prefácio), in Virginia Woolf, *Mrs. Dalloway*, trad. Marie-Claire Pasquier. Paris: Gallimard, col. Folio, 1994.

CARAMAGNO, Thomas. *The Flight of the Mind*: *Virginia Woolf's Art and Manic Depressive Illness*. Los Angeles: University of California Press, 1992.

CARAMAGNO, Thomas. *The Flight of the Mind: Virginia Woolf's Art and Manic-Depressive Illness*. Los Angeles: University of California Press, 1992.

DALGARNO, Emily. *Virginia Woolf and the Migrations of Language*. Cambridge: Cambridge Press, 2013.

[e-book]

DUSINBERRE, Juliet. *Virginia Woolf's Renaissance*: *Woman Reader or Common Reader*? Iowa: University of Iowa Press, 1997.

FLEISHMAN, Avrom. *Virginia Woolf*: *A Critical Reading*. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 1975.

GOLDMAN, Jane. *The Feminist Aesthetics of Virginia Woolf*. Cambridge: Cambridge Press, 1998.

GOLDMAN, Mark. *The Reader's Art*: *Virginia Woolf as Literary Critic*. The Hague, Netherlands: Mouton & Co B. v. Publishers, 1976.

HUSSEY, Mark. *The Singing of the Real World*: *The Philosophy of Virginia Woolf's fiction*. Ohio: Ohio State University Press, 1986.

LAURENCE, Patricia. *The Reading of Silence*: *Virginia Woolf in the English Tradition*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

MARCUS, Jane. *Virginia Woolf and Bloomsbury*. Londres: Macmillan, 1987.

_____. *New Feminist Essays of Virginia Woolf*. Londres: Macmillan, 1981.

ROE, Sue. *Writing and Gender: Virginia Woolf's Writing Practice*. Nova York: Harvester Wheatsheaf, Saint Martin's Press, 1990.

ROSEMAN, Ellen Bayuk. *A Room of One's Own*: *Women Writers and the Politics of Creativity*. Nova York: Twayne Publishers, 1995.

SCHLACK, Beverly Ann. *Continuing Presences*: *Virginia Woolf's Use of Literary Allusion*. Pennsylvania: Pennsylvania University Press.

WILLIANS, Raymond. "The Bloomsbury Fraction", in *Problems in Materialism and Culture*. Londres: Verso, 1980, pp. 148-69.

BRASIL

BRADBURY, Malcolm. "Virginia Woolf", in *O mundo moderno*: *dez grandes escritores*, trad. Paulo Henriques Britto, pref. Melvyn Bragg. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MEYER, Augusto. "Evocação de Virginia Woolf", in *A chave e a máscara*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1964.

PEREIRA, Lucia Miguel. "Dualidade de Virginia Woolf" (sobre *Orlando*), "Crítica e feminismo" (sobre *O leitor comum e Um teto todo seu*), "O Big Ben e o carrilhão fantasista" (sobre *Mrs. Dalloway* e *Ao farol*) e "Assombração" (sobre *The Haunted House* (antologia dos *Contos*)) in *Escritos da maturidade*: *seleta de textos publicados em periódicos* (1944 -1959), pesq. bibliog., sel. e notas Luciana Viégas, 2ª. ed. Rio de Janeiro: Graphia / Fundação Biblioteca Nacional, [1994] 2005.

SÜSSEKIND, Flora. "A ficção como inventário do tempo. Nota sobre Virginia Woolf", in *A voz e a séria*. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: 7 Letras / ufmg, 1998.

SOBRE A AUTORA



ADELINE VIRGINIA STEPHEN nasceu em 25 de janeiro de 1882, em Londres. Seu pai, Leslie Stephen, autor de livros como *History of English Thought in the Eighteenth Century* (1876), era filho do historiador James Stephen e irmão de James Fitzjames Stephen, conhecido advogado e autor de livros jurídicos. Educada em casa, numa época em que a formação universitária era vedada às mulheres, Virginia se beneficiou desde cedo da atmosfera literária que aí prevalecia, tendo acesso irrestrito à grande biblioteca do pai. Leitora voraz ainda em criança, era muito menina quando passou a redigir, com sua irmã Vanessa e o irmão Thoby, um jornalzinho para a distração da família, o *Hyde Park Gate News*. Em aulas particulares, estudou latim com Clara Pater, desde os dezesseis anos, e grego com Janet Case, a partir dos vinte, línguas nas quais se iniciara em cursos ministrados no setor feminino do King's College, em Londres.

Sua mãe, Julia Stephen, morreu em 1895, quando ela estava com treze anos. Foi o primeiro de muitos golpes que transtornaram a vida da família, com graves repercussões sobre a estabilidade psíquica da jovem particularmente sensível. Em 1897, morreu sua meia-irmã Stella, apenas dois meses depois de se casar. Com a morte do pai, em 1904, Virginia e seus irmãos Vanessa, Thoby e Adrian mudaram-se do casarão de 22 Hyde Park Gate, em Kensington, para a 46 Gordon Square, o primeiro de seus sucessivos endereços em Bloomsbury, área central de Londres onde viria a se constituir, em torno deles, o famoso grupo de Bloomsbury, composto de eruditos, escritores e artistas empenhados em se lançar como renovadores. Em 1906, com 26 anos, morreu Thoby Stephen, o irmão que havia sido o maior companheiro intelectual de Virginia e que trouxera para o grupo alguns de seus brilhantes colegas da Universidade de Cambridge.

Por esse tempo, Virginia fez a primeira de suas várias viagens pela Europa – uma viagem de navio a Espanha e Portugal lhe daria a ideia para o primeiro romance – e, para garantir seu sustento, passou a escrever para jornais. Em 1905, estreou como resenhista do *Times Literary Supplement*, função que exerceu por toda a vida e que em poucos anos a tornaria muito respeitada como crítica literária. Começando também a demonstrar um interesse cada vez mais

acentuado por questões sociais, ela atuou como voluntária em certas frentes importantes de luta, mesmo sendo arredia às formas mais tradicionais da política. Em 1905, deu aulas para adultos no Morley College, em cursos para trabalhadores. Em 1910, participou da campanha pelo direito de voto das mulheres.

Em 1912, ao se casar com Leonard Woolf, um dos amigos do grupo de Bloomsbury, Virginia Stephen passou a usar o sobrenome do marido. Até então, ela não publicara nenhum livro. Estava com trinta anos. Apesar de uma grave crise nervosa, em 1913, e de uma tentativa de suicídio, apesar dos problemas recorrentes que a afligiam desde a adolescência, quando ela encarou a morte em série, foi a partir desse momento – e no conturbado período entre as duas guerras na Europa – que a escritora Virginia Woolf mais se mostrou produtiva em sua obra. Ao primeiro romance, *The Voyage Out* (1915), logo sucederam *Noite e dia* (1919), *O quarto de Jacob* (1922), *Mrs. Dalloway* (1925), *Rumo ao farol* (1927), *Orlando, uma biografia* (1928), *As ondas* (1931). O renome da autora, já consolidado nos círculos literários, chegou então ao grande público, graças em particular ao sucesso obtido por *Orlando*, a vida imaginária de uma pessoa que é ora homem, ora mulher, e nessa condição de mutante atravessa várias fases históricas.

A Hogarth Press, criada por Virginia e Leonard Woolf em 1917, a princípio como uma gráfica artesanal para imprimir folhetos, tornou-se com o tempo uma editora ativa e importante. Além de livros da própria Virginia, publicou outros autores modernistas, como T. S. Eliot e Katherine Mansfield, lançou as primeiras traduções de Freud na Inglaterra e também jovens poetas que tiveram depois grande projeção, como W. H. Auden, Louis MacNeice e Stephen Spender.

Virginia continuou muito ativa, e cada vez mais voltada para as questões sociais, no início da Segunda Guerra, que a afetou profundamente. Seu último livro publicado em vida, a biografia de seu amigo Roger Fry, saiu em julho de 1940. Em setembro do mesmo ano, a casa dos Woolf em Londres, na Mecklenburgh Place, onde funcionava a Hogarth Press, foi atingida pelo bombardeio de aviões nazistas, o que obrigou a editora a se mudar às carreiras. Parte da vizinhança familiar de Bloomsbury, a essa altura, já havia sido destruída por bombas. Afetada pela brutalidade da guerra, como demonstra em seu diário, e temendo uma nova recaída em crises nervosas, em 28 de março de 1941, um mês depois de terminar de datilografar seu último livro, *Between the Acts*, publicado postumamente, Virginia Woolf se afogou no rio Ouse, nas proximidades da casa de campo onde ela e o marido se refugiavam em Rodmell, no condado de Sussex.

© Cosac Naify, 2015

FOTOS: p. 5: Virginia Woolf, c. 1920 © RPS/SSPL/The Image Works;
p. 274: Virginia Woolf, c. 1925 © Mansell / Time Life Pictures / Getty Images

COORDENAÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari
ASSISTENTE EDITORIAL Eloah Pina
REVISÃO Raquel Nakasone
PROJETO GRÁFICO Cosac Naify
PRODUÇÃO GRÁFICA Aline Valli

1ª edição Cosac Naify Portátil, 2015

Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Woolf, Virginia [1882-1941]
A marca na parede e outros contos: Virginia Woolf
Tradução: Leonardo Fróes
1ª edição Cosac Naify Portátil
São Paulo: Cosac Naify, 2015

ISBN 978-85-405-0980-1

1. Contos ingleses 2. Ficção inglesa I. Título.

CDD 823

Índices para catálogo sistemático:
1. Contos: Literatura inglesa 823
1. Ficção: Literatura inglesa 823

COSAC NAIFY
rua General Jardim, 770, 2º andar
01223 - 010 São Paulo SP
cosacnaify.com.br [11] 3218 1444
atendimento ao professor [11] 3218 1473
professor@cosacnaify.com.br

COSACNAIFY PORTÁTIL

1 *Lero-lero*, Cacaso
2 *Khadji-Murát*, Liev Tolstói
3 *A sociedade contra o Estado*, Pierre Clastres
4 *O amante*, Marguerite Duras
5 *O africano*, J. M. G. Le Clézio
6 *Como funciona a ficção*, James Wood
7 *Degas dança desenho*, Paul Valéry
8 *Leão-de-chácara*, João Antônio
9 *O fim da história da arte*, Hans Belting
10 *Antropologia estrutural*, Claude Lévi-Strauss
11 *Teoria da vanguarda*, Peter Bürger
12 *A prosa do mundo*, Maurice Merleau-Ponty
13 *Carta a D.*, André Gorz
14 *A festa de Babette*, Karen Blixen
15 *O som e a fúria*, William Faulkner
16 *A invenção da cultura*, Roy Wagner
17 *Esperando Foucault, ainda*, Marshall Sahlins
18 *Uma criatura dócil*, Fiódor Dostoiévski
19 *O pensamento alemão no século XX – vol. I*, Jorge de Almeida e Wolfgang Bader (orgs.)
20 *O pensamento alemão no século XX – vol. II*, Jorge de Almeida e Wolfgang Bader (orgs.)
21 *Estética doméstica*, Clement Greenberg
22 *Este lado do paraíso*, Scott Fitzgerald
23 *Sobre o sacrifício*, Marcel Mauss e Henri Hubert
24 *O olho e o espírito*, Maurice Merleau-Ponty
25 *Ensaio sobre a dádiva*, Marcel Mauss
26 *O cinema do real*, Maria Dora Mourão e Amir Labaki (orgs.)
27 *Performance, recepção, leitura*, Paul Zumthor
28 *A gaivota*, Anton Tchekhov

29 *Malagueta, Perus e Bacanaço*, João Antônio
30 *A marca na parede e outros contos*, Virginia Woolf